



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicanálise

Mingnon Pereira Lins

**Considerações sobre o sujeito adolescente e o objeto *a* no *acting out* e na  
passagem ao ato**

Rio de Janeiro

2014

Mingnon Pereira Lins

**Considerações sobre o sujeito adolescente e o objeto *a* no *acting out* e na passagem ao ato**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Fernandes Caldas Ribeiro

Rio de Janeiro

2014

Mingnon Pereira Lins

**Considerações sobre o sujeito adolescente e o objeto *a* no *acting out* e na passagem ao ato**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Heloisa Fernandes Caldas Ribeiro (Orientadora)  
Instituto de Psicologia – UERJ

---

Prof. Dr. Luciano da Fonseca Elia  
Instituto de Psicologia – UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ruth Helena Pinto Cohen  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2014

## AGRADECIMENTOS

A meus pais, Rildo e Dalvany, pelo amor e pela presença.

A meus queridos tios, Edmilson e Degivan, pelo apoio.

A Heloisa Caldas, pela transmissão apaixonada e inspiradora e pela aposta no meu desejo de produzir esta escrita.

A Ruth Cohen e Luciano Elia por sua leitura cuidadosa que desde a qualificação me incentivaram a produzir e a crescer com este trabalho.

Aos irmãos que elegi por amor e afinidade; Taiana, Roberdan, Virgínia e Cristina, amigos que lutaram comigo e por mim.

A Lêda Guimarães, pela recepção na longa jornada do feminino.

A Miguel de Melo, a você, meu amado, por tudo.

O futuro tem muitos nomes: para os fracos, ele é inatingível; para os temerosos, ele é o desconhecido; para os corajosos, ele é a chance.

*Victor Hugo*

## RESUMO

LINS, M.P. *Considerações sobre o sujeito adolescente e o objeto a no acting out e na passagem ao ato*. Dissertação (Mestrado em pesquisa e clínica em psicanálise) Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Esta dissertação investiga a relação entre o ato e a adolescência na clínica psicanalítica. Inicialmente abordamos a definição conceitual da adolescência e sua construção a partir da identificação e da sexualidade, o que determina uma estreita ligação com a pulsão, modo como a sexualidade é exercida, assim como com a angústia, afeto primordial que se manifesta como uma tensão no campo narcísico. Tal afeto indica a presença do objeto de satisfação pulsional como não especular, o que divide o sujeito entre desejo e angústia. Esse objeto implicado na angústia e na pulsão, em psicanálise, é definida por Lacan como o objeto *a*: um objeto que singulariza o modo de satisfação pulsional de cada ser. Acreditamos que a estrutura do sujeito adolescente possui uma estreita relação com a angústia uma vez que evoca um conflito entre a identificação no campo sexual, abordado através do objeto pulsional que caracteriza o desejo. Portanto a destreza com que o adolescente escolhe o ato pode ser compreendida como uma característica estrutural do sujeito que tenta manter uma distância segura da identificação e do campo do desejo mas que, algumas vezes, coloca o seu ser em risco, o que caracteriza um rompimento com a elaboração inconsciente. Para abordar as diferentes formas com que cada sujeito irá lidar com a angústia, nesse momento específico da vida, trataremos as figuras clínicas do *acting out* e da passagem ao ato. Finalmente, abordamos a clínica psicanalítica através de três casos clínicos que foram entrelaçados aos conceitos de alienação e separação, pois, como estes conceitos destacam a presença fundamental da identificação e do objeto da angústia e concernem à constituição do sujeito, acreditamos que sustentam a nossa hipótese sobre a destreza e prontidão do adolescente para com o ato.

Palavras-chave: Sujeito adolescente. Pulsão. Angústia. *Acting out*. Passagem ao ato.

## ABSTRACT

LINS, M.P. *Considerations about adolescent subject and the object a in the acting out and the passage to the act.* Dissertação (Mestrado em pesquisa e clínica em psicanálise) Programa de pós-graduação em psicanálise, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This dissertation investigates the relationship between the act of adolescents in psychoanalysis. Initially we present an approach of the conceptual definition of adolescence and its constitution by identification and sexuality. That constitution is close connected to the sexual drive and to the anguish, primal affection of a tension in the narcissistic field indicating the presence of the drive object of satisfaction as not specular which splits the subject between desire and anguish. This object involved with anguish and drive, in psychoanalysis, is defined by Lacan as the object *a*, a singular object of drive satisfaction of every human being. We believe that the structure of the adolescent subject has a close relationship with the anguish since it evokes a conflict between identification in the sexual field made possible through the drive object that characterizes the desire. Therefore, the adolescent ability to choose the act can be understood as a structural feature of the subject, who tries to stand a safe distance from the field of identification and that of the desire. By these acts the adolescents often take risks and break the unconscious desiring work. To approach the different ways in which each subject can deal with anguish, at that particular time of life, we will work on the clinical aspects named acting out and passage to the act. Finally, we present three clinical cases that were linked to the concepts of alienation and separation. As these concepts stand out the fundamental presence of identification and of the anguish object, as well as they concern to the subject constitution, we believe they support our hypothesis about the adolescent dexterity and readiness for the act.

Keywords: Adolescent subject. Drive. Anguish. Acting out. Passage to the act.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>9</b>   |
| <b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>   | <b>15</b>  |
| <b>1. Adolescência: de que se trata?.....</b>   | <b>15</b>  |
| <b>1.1. O desenvolvimento sexual infantil e suas consequências sobre o despertar pulsional na adolescência.....</b> | <b>16</b>  |
| <b>1.2. A sexualidade estruturada pelo complexo de Édipo.....</b>   | <b>22</b>  |
| <b>1.3. Separação da autoridade paterna.....</b>  | <b>29</b>  |
| <b>1.4. Da posição sexual ao encontro com o Outro sexo.....</b>   | <b>37</b>  |
| <b>2. Pulsão e angústia na gênese do objeto <i>a</i> .....</b>  | <b>45</b>  |
| <b>2.1. Pulsão – Um mito freudiano.....</b>   | <b>45</b>  |
| <b>2.2. Angústia – Um afeto fundamental.....</b>  | <b>57</b>  |
| <b>2.3. A gênese do objeto lacaniano.....</b>   | <b>64</b>  |
| <b>3. De uma construção freudiana a uma invenção lacaniana.....</b>   | <b>72</b>  |
| <b>3.1. No princípio, o ato era falho.....</b>  | <b>72</b>  |
| <b>3.2. A análise de um caso de histeria, por Sigmund Freud.....</b>  | <b>75</b>  |
| <b>3.3. As contribuições do caso Dora para a teoria psicanalítica.....</b>  | <b>78</b>  |
| <b>3.4. O caso clínico sobre a psicogênese do homossexualismo em uma mulher.....</b>                                | <b>81</b>  |
| <b>3.5. A influência do caso da jovem homossexual para o ensino de Lacan.....</b>                                   | <b>85</b>  |
| <b>3.6. Do ato falho ao ato como certeza.....</b>   | <b>88</b>  |
| <b>4. Alienação e separação: onde ato e adolescência fazem fronteira.....</b>                                       | <b>96</b>  |
| <b>4.1. Alienação e separação: as operações de constituição do sujeito.....</b>                                     | <b>96</b>  |
| <b>4.2. Estudo de caso 1 – A Agressividade no sujeito adolescente.....</b>  | <b>106</b> |
| <b>4.3. Estudo de caso 2 – Um estranho que habita o corpo.....</b>  | <b>110</b> |
| <b>4.4. Estudo de caso 3 – As consequências psíquicas do encontro com o Outro sexo... </b>                          | <b>114</b> |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>   | <b>120</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>125</b> |



## INTRODUÇÃO

O tema proposto para o desenvolvimento dessa pesquisa de dissertação de mestrado procede do meu interesse em estudar as manifestações do ato na adolescência. Esse interesse foi despertado por ocasião de uma experiência em uma instituição de atendimento para adolescentes. Nessa instituição, deparei-me com um jovem que passou dezoito anos da sua vida sob proteção do estado.

Após desligamento do programa o rapaz passa a viver nas ruas, até que decide cometer um assalto ao lado da instituição. Na hora de fugir, ao invés de abandonar a bolsa da vítima, se atrapalha e joga no chão sua própria bolsa com seus documentos. Quando questionado pelo policial sobre o porquê desta ação, ele responde: “Eu nem sei porque fiz isso!”. A falha do seu ato revela a questão do jovem sujeito, que estremeceu em suas identificações, não sabia o que fazer sem o Outro institucional, que sempre determinou o que fazer com a sua vida desde que obteve a guarda do garoto quando este tinha apenas quatro anos. Através de seu ato inventa, a seu modo, uma forma de apelar ao Outro que lhe diga o que fazer da vida fora da instituição, uma vez que só soube vivê-la institucionalizado.

Causada pela contingência desse encontro, procurei pesquisar mais sobre o assunto, a partir da teorização de Freud e da leitura de Lacan. Nesse percurso de pesquisa encontro a definição de ato falho que me orientou a intervir e interpretar melhor o ato cometido por aquele jovem. A partir deste ponto a pesquisa se desdobrou na perspectiva do *acting out* e da passagem ao ato, conceitos que se enquadravam melhor para definir o ato na adolescência.

Nesta dissertação delimitaremos em que medida pode existir um ponto de encontro entre o conceito de ato e as manifestações da puberdade. Afinal, existe uma correlação em psicanálise que explique a afinidade do púbere com o ato? Qual o ponto, sobre essa questão, que nos distancia das explicações psicológicas das ciências do comportamento? Por mais tentador que possa parecer explicar os usos do ato na adolescência como parte de uma tendência natural ao agir devido à uma explosão hormonal ou, até mesmo, como repetição de um comportamento vivido e apreendido no ambiente social do adolescente, tais explicações apenas limitam a questão.

A partir da teoria psicanalítica, ampliaremos a questão investigando a resposta singular sobre o uso que cada jovem faz do seu ato e os efeitos que retroagem sobre o sujeito. Permitindo responder a questão através do caso a caso, da clínica do um a um. Para tanto, levantaremos três estudos clínicos de sujeitos adolescentes e seus impasses diante da sua

questão sexual que, muitas vezes, não consegue se fazer representar pela linguagem. Nestes casos abordaremos o *acting out* como forma de lidar, ainda que em sua dimensão inconsciente, com uma presença do real que denuncia a impossibilidade da relação sexual.

Dizer com Lacan que a relação sexual é impossível, é afirmar que ela escapa a ordem de uma significação discursiva e que a linguagem é o campo de suplência que o sujeito pode utilizar para fazer face a esse real. Para estudarmos a passagem ao ato consideraremos esta figura clínica como um rechaço ao inconsciente, em que as formações de linguagem que traduziriam parte do real são repelidas pelo sujeito, para tanto, utilizaremos os casos clássicos freudianos, uma vez que essa pesquisa carece de casos oriundos da clínica.

No entanto, com relação às modalidades de ato já mencionadas - o *acting out* e a passagem ao ato - apesar de terem, segundo a psicanálise, como ponto em comum uma forma do sujeito lidar com uma angústia invasora, guardam entre si uma enorme diferença. O *acting out* seria mais representativo de um apelo ao Outro, uma vez que se trata da cena fantasmática da qual o sujeito **recorreu** para endereçar sua questão. A passagem ao ato, ao contrário, estaria em um plano inverso. Ela seria, justamente, um rompimento com a referida cena na qual o sujeito se vale para se livrar da angústia, entregando-se como objeto que cai deixando, assim, a cena do Outro e a cena do mundo.

Uma das questões que servem de bússola a este trabalho é: porque diante de uma angústia insuportável, o jovem desliga-se da cadeia significante, desistindo radicalmente de apelar ao Outro do saber como aquele que poderia dar vazão e razão à sua angústia?

O objetivo desta pesquisa é, no âmbito da psicanálise, investigar a função do ato em suas diversas configurações, tanto como forma de endereçamento do sujeito adolescente ao Outro ou como desligamento deste. Pretendemos questionar o que leva o púbere a escolher endereçar sua mensagem por meio do *acting out*, assim como, o que o impede de fazê-lo, trocando sua condição de sujeito do dizer pelo silêncio, ao qual uma passagem ao ato pode conduzir.

Propomos dividir esta dissertação ao longo de quatro capítulos. No primeiro, capítulo construímos o fundamento da questão. Retornamos aos conceitos básicos em psicanálise para abordar o que constrói a adolescência. Ao começar pelo questionamento do próprio interesse da psicanálise por esse tema, uma vez que, Freud o desenvolveu minimamente em sua teoria. Se a adolescência é um construto desenvolvido e perpetuado pelas ciências humanas, Freud não a menciona valendo-se desse termo. Sua abordagem é sobre a puberdade.

Vemos assim que, diante de uma perspectiva fenomenológica ou organicista, Freud se distancia dos parâmetros de sua época e aborda a questão da adolescência através da

dimensão da sexualidade em termos de pulsão, contribuindo para um debate das transformações psíquicas do púbere a partir do seu encontro com a sexualidade.

Nesse sentido, a contribuição freudiana sobre as transformações que ocorrem durante a vida sexual do indivíduo se caracterizam como um posicionamento discursivo frente o qual o adolescente é solicitado como sujeito. O que está em jogo envolve uma extração do campo biológico e nos lança em uma corrente de pensamento sobre o desenvolvimento lógico que diz respeito ao inconsciente.

O posicionamento sexual que emerge na adolescência nos coloca diante do Édipo e a sua necessária atualização, a qual suscitará ao jovem que tome uma posição frente à partilha sexual e, conseqüentemente, possa avançar em sua escolha de objeto. Nesta pesquisa detalhada sobre o Édipo em Freud e, conseqüentemente, a leitura feita por Lacan, ilustraremos como a contribuição desse mito do discurso analítico exerce sua função no inconsciente.

A abordagem psicanalítica sobre o posicionamento sexual dos jovens suscita a construção do que é a diferença sexual no inconsciente e de que maneira essa diferença entre os sexos é constituída. Será através da castração que abordaremos o elemento dialético do falo como fator central para o exercício da diferença sexual no psiquismo.

Por último, neste capítulo, abordaremos a questão da separação da autoridade paterna e seus efeitos sobre o psiquismo do jovem sujeito. A tarefa psíquica de desligamento dos pais descreve uma operação necessária a subjetividade. Um momento de ruptura com aquilo que um dia assegurou um lugar de ideal do eu e funcionou como identificação durante a infância, mas que na adolescência passa a se manifestar como um traço de eleição por parte do sujeito do que lhe foi a transmissão paterna sobre o desejo da mãe. Este vestígio, do que foi a representação psíquica do pai na infância, será o principal traço de composição da instância psíquica do supereu.

O supereu em 1923 [2006] é construído por Freud sob a égide desse resto de autoridade presente na identificação e é, também, destacado como a instância psíquica responsável pelo ato suicida. Esta é uma indicação preciosa que nos permite questionar se a passagem ao ato na adolescência não seria uma tentativa de separar-se de uma identificação a essa parte insensata do supereu, que reduz o ser do sujeito ao resto de uma significação.

Ao comentar episódios de passagens ao ato cometidos por jovens, Cohen e Jacob (2010, p. 541) destacam, justamente, a função de identificação ao pai, como ideal do eu, sendo um dos principais norteadores para se pensar uma passagem ao ato. As autoras destacam que, nesses episódios violentos, poderíamos suscitar as dificuldades identificatórias

a figura simbólica do pai morto, este vetor de orientação e promotor da lei e do desejo, como um fator desencadeador para um episódio de passagem ao ato.

Por conseguinte, em nosso segundo capítulo faremos um desenvolvimento pormenorizado do conceito de objeto *a*. Este conceito foi desenvolvido por Lacan ao longo do seu *Seminário, livro 10: a angústia*, quando se propõe a pensar e a avançar sobre a questão da angústia. Ao afirmar que angústia e fantasia teriam a mesma estrutura (Lacan, 1962-63 [2005] p. 12) e ao aplicar essa lógica ao tratamento, ele nos leva a pensar que, tanto na angústia quanto na fantasia, se trata da relação do sujeito frente ao objeto do desejo do Outro. Enquanto esse objeto apareceria velado na fantasia, ele compareceria na angústia sem nenhuma roupagem fantasística, o que deixa o desejo do Outro enigmático.

O Outro é o lugar em que o sujeito emerge totalmente desprovido de ser e de qualidades, situando-se na divisão entre um significante e outro. Essa operação de subjetivação - a partir do Outro - deixa, no entanto, um resto, denominado objeto *a*. Nessa operação de sujeito, esse resto não pode ser inteiramente articulado pela cadeia significante por se tratar de algo do gozo, heterogêneo à linguagem e impossível de ser por ela traduzido. Todavia, a operação de subjetivação marca uma borda significante no corpo em coalescência com a borda erógena na qual a experiência de gozo se deu. Essas bordas marcam o limite do sentido e também a perda de gozo. O objeto *a* resulta da perda desse objeto que simboliza a perda constitutiva de cada sujeito.

Por ter sido extraído do corpo, o objeto *a* causa uma busca, uma tentativa de reencontro, abrindo assim a via do desejo. Mesmo estando estreitamente ligado à causa do desejo, esse objeto também ocupa um lugar privilegiado em relação à angústia. Segundo Souza (2005, p. 19), a angústia aparece nos momentos em que o sujeito - diante da opacidade que não lhe permite limitar e circunscrever o desejo do Outro - se vê obrigado a ceder algo precioso, algo que ele preferiria reter, cuja perda lhe ameaça de queda, desmoronamento, morte.

Esta indicação sobre o objeto da angústia de Lacan, nos remete a substância da instância superegógica que pode se fazer representar para o sujeito como a voz que vocifera, ou o olhar que reduz o sujeito a uma mancha no campo do Outro. Olhar e voz são objetos do desejo que não se reduzem ao campo especular e por isso, suscitam a angústia como uma manifestação do desejo do Outro.

Na clínica, o objeto, de valor abstrato e inapreensível pela experiência, encontra sua forma de expressão na fantasia inconsciente. A fantasia, como formação do inconsciente, protege o sujeito do encontro contingente com o real. Assim, quando o real se apresenta de

forma avassaladora, a fantasia promove seu apaziguamento (Coutinho Jorge, 2010, p. 9). A estrutura da fantasia, como uma encenação psíquica, gira em torno de um eixo principal no qual o objeto, desde sempre perdido, é separado do sujeito e, dessa forma, organiza sua realidade psíquica.

Por meio do conceito de objeto *a* e sua subsequente posição em relação à fantasia inconsciente, iremos desenvolver as diferenças estruturais entre o *acting out* e a passagem ao ato. Diferenças que estabeleceremos em nosso terceiro capítulo. O objeto *a*, durante um *acting out*, se apresenta revestido pela fantasia. Sua “aparição” em uma atuação retoma a cena fantasmática da qual o sujeito participa como aquele que monta a cena, separado do objeto, e inconsciente dela. Na passagem ao ato, o objeto *a* comparece sem a roupagem fantasmática: o sujeito se identifica com o objeto e tanto ele, sujeito, quanto o objeto, saem da cena do Outro. Sem o aparato cedido pela fantasia, essa identificação se dará de forma devastadora, implicando o total apagamento do sujeito.

Em um segundo momento do terceiro capítulo mencionaremos o conceito de ato como essencial a história da psicanálise. Da teoria à clínica, ele está sempre ligado aos conceitos psicanalíticos fundamentais. Nós o localizamos na transferência do paciente que atua, na relação transferencial, o que não consegue recordar; nas observações sobre a repetição, encontramos o fundamento do ato; na pulsão, o ato aparece como meio de satisfação pulsional. E é preciso incluir, é claro, o inconsciente, no qual o ato comparece na forma de tropeço.

Por meio da definição lacaniana do objeto da angústia, analisadas no segundo capítulo, poderemos também, através do cuidadoso estudo de duas jovens do texto freudiano - Dora e a Jovem homossexual - delimitar as particularidades de cada caso e apontar as motivações inconscientes que precipitam um jovem em sua decisão pelo ato. Destacaremos a influência desses dois casos em outros aspectos da teoria psicanalítica.

Em nosso último capítulo, trabalharemos as operações de constituição do sujeito. Trata-se de abordar a alienação do sujeito ao campo do Outro como uma operação que é fundada sobre um ato. A alienação demarca um antes e um depois para o sujeito, pois essa operação determina a sua existência. Através da inscrição do significante paterno, no campo do Outro, o sujeito e a cadeia significante se inscrevem no inconsciente. A separação é uma operação que, na verdade, revela um retorno da alienação sobre o sujeito, o que pode implicar também uma separação definitiva da cadeia, movimento que encontramos no ato suicida do melancólicos.

Para tanto nos apoiaremos nas indicações de dois grandes psicanalistas contemporâneos que trabalham sobre a clínica do sujeito adolescente. Em seus estudos, tanto Sônia Alberti quanto Philippe Lacadée, compartilham do mesmo ponto de vista teórico, embora em linguagens diferentes. Para estes autores, a adolescência é um momento de transição, no qual se opera um corte no sujeito entre o seu ser de criança e o seu ser de homem ou de mulher, o que implica uma escolha que inclui a dimensão do ato. O ato aparecerá na adolescência como uma tentativa de inscrever a parte real ligada ao objeto *a*. Essa parte que escapa a qualquer simbolização possível ao sujeito mediante a linguagem, é o que pode impelir o púbere a apostar o seu ser a fim de resolver o seu impasse na relação com o Outro.

Na última parte do quarto capítulo abordaremos a clínica psicanalítica. Apresentaremos ao leitor desta dissertação o estudo clínico de três atendimentos a adolescentes nos quais testemunharemos o esforço singular de cada um desses jovens sujeitos de ir além do gozo e da pulsão, expostos por suas atuações, e como puderam, através do trabalho analítico, transmitir sua condição de sujeitos desejantes.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### 1. Adolescência: de que se trata?

O conceito de adolescência pertence à história e tem um percurso particular e recente. Foi criado em meados do século XIX, para designar um período específico, entre a infância e a fase adulta, na vida de qualquer indivíduo. Tal definição teve sua origem na época de um grande momento sócio histórico da humanidade: a Revolução Francesa. Revolução esta que consolidava o individualismo como um dos seus princípios, a saber: cada um dos indivíduos da sociedade tinha a responsabilidade de modificar e intervir em seu próprio destino, buscando seu lugar no mundo da forma mais desejável. Assim, ela rejeitava o pressuposto, anteriormente proposto pela Igreja Católica, de um destino previamente traçado. Essas premissas revolucionárias não poderiam deixar de ter um grande impacto nos jovens diante da inquietante tarefa que lhes cabe de começar a traçar seu destino. Gageiro Coutinho nos apresenta a etimologia da palavra “adolescência”:

O termo adolescência vem do latim *adulescens* ou *adolescens*, particípio passado do verbo *adolescere*, que significa crescer. Entretanto, nas línguas derivadas do latim, o termo apresentou durante um longo tempo um sentido sobretudo depreciativo e satírico, sendo somente por volta de 1850 que a palavra adolescência entrou para os dicionários e adquiriu um sentido mais próximo ao que tem atualmente. Assim, a adolescência é um conceito construído historicamente na modernidade. (IBIDEM, 2005, p. 17).

No contexto cultural dos anos 1960, no qual as ideias da contracultura tornaram-se hegemônicas, a adolescência ganhou um novo estatuto. Protestar contra as guerras e as ditaduras, no contexto latino-americano, admitir a entrada da pílula anticoncepcional no cotidiano da vida sexual, apreciar as bandas de rock que cantarolavam as músicas e expressavam as angústias e os ideais libertários de cada um daqueles jovens, passaram a se acrescentar às características da adolescência. Ainda segundo Gageiro Coutinho (ibidem, p.18) “nesse novo contexto cultural, a adolescência ganha lugar de destaque, apresentando-se como um conceito peculiar e específico de uma cultura em que a liberdade e a autonomia tornaram-se os valores hegemônicos”.

No entanto, se a adolescência tem seu território bem demarcado no campo histórico, para a teoria psicanalítica ela traz uma dificuldade particular em termos de conceituação. A adolescência não é um significante que Freud tenha usado ou desenvolvido em sua obra, assim como fez com a sexualidade infantil, por exemplo. Embora a escolha do termo

puberdade por Freud não esteja justificada em sua obra, ele nos adianta em que termos a sua conceituação será permeada. A sua formação acadêmica em medicina credita à puberdade mudanças nas características sexuais físicas, essa idéia possui um valor fundamental para Freud, que destaca a sexualidade como o campo em jogo no inconsciente, e esse campo é definido através da pulsão, uma exigência de trabalho do corpo ao psiquismo. Se definirmos um laço conceitual entre os termos adolescência e puberdade na psicanálise, podemos definir que a adolescência seria um processo psíquico que se põe a trabalhar através das transformações biológicas ocorridas no corpo púbere.

Se esse é um conceito que não foi extensivamente trabalhado por Freud e que, por dimensão conceitual, pertence mais ao campo da sociologia e da antropologia, qual seria a importância de suscitar tal tema em um debate à luz da psicanálise?

Como definição fenomenológica, não se pode deixar de destacar que existe uma maturação genital em jogo, mas isso apenas nos coloca numa perspectiva organicista do instinto sexual, distante do legado freudiano. Para a psicanálise, que coloca em jogo a dimensão da sexualidade em termos de pulsão – justamente o que nos extirpa do campo biológico – a dimensão desse debate compreende mais do que as transformações corporais ou nomenclaturas históricas. É uma contribuição ao debate das transformações psíquicas. Por conseguinte, a adolescência não é uma etapa posterior à sexualidade infantil, uma vez que a sexualidade é sempre infantil, ela é um período lógico que diz respeito ao inconsciente e não uma etapa do desenvolvimento que tem como meta o amadurecimento da genitalidade.

Sônia Alberti (2009) – que difunde a expressão “sujeito adolescente” em seus estudos sobre a adolescência, – nos ensina que a posição do sujeito adolescente oscila quando confrontada com a questão: “Seguir ou não seguir seu destino?” e que quando se trata de puberdade, para a psicanálise, é “o estudo das mudanças subjetivas decorrentes das transformações pubertárias – entre outras, as no próprio corpo – o que nos interessa em particular” (Ibidem, 2009, p. 28).

Diante dessas considerações, para prosseguirmos, valendo-nos da teoria freudiana e do ensino de Lacan, faremos um percurso sobre a sexualidade na medida em que esta é o que está em jogo nesse momento decisivo da vida psíquica do sujeito.

### 1.1. O desenvolvimento sexual infantil e suas consequências sobre o despertar pulsional na adolescência.



Em seu texto *princeps* para um estudo da puberdade: “*Os três ensaios sobre sexualidade*” (1905[2006]), Freud privilegia o conceito de puberdade como um período que sucede o período de latência. Esse período de latência carrega consigo as mudanças que levam a vida sexual infantil à sua configuração definitiva, quando as pulsões auto eróticas, que um dia estiveram sob os domínios do Édipo, finalmente irão se subordinar ao primado da zona genital, deslocando-se na busca de um objeto sexual.

Tomaremos este texto para falar da adolescência, fazendo o termo puberdade equivaler ao termo adolescência, embora façamos a ressalva que essa equivalência não seja exata. Em função disso, vamos nos restringir a tratar a adolescência em função do que nela diz respeito ao desenvolvimento sexual da infância e suas influências sobre a puberdade. Nesse sentido, vamos abordar alguns aspectos da problemática dos adolescentes em relação ao encontro com o sexo, uma vez que, consideramos a existência de apenas uma única sexualidade: a sexualidade infantil. Sexualidade esta que enxerta consequências sobre o desenvolvimento do jovem, cujas transformações fazem da puberdade um período considerado perturbador e estressante.

A contribuição freudiana efetuada nesse ensaio se refere ao despertar pulsional na puberdade e as consequências psíquicas desse despertar. Ele aponta a um período de intensas transformações que ocorrem durante a vida sexual do indivíduo e a um despertar pulsional caracterizado não como uma demanda biológica, mas por um posicionamento discursivo frente ao qual o adolescente é solicitado a se situar como sujeito.

Para compreendermos as colocações freudianas, é preciso destacar que o cenário da sexualidade infantil consiste em uma das mais importantes teses da psicanálise. O conceito de pulsão é introduzido nesse contexto de desenvolvimento da sexualidade, abordando a sexualidade humana com um parâmetro muito diferente do abordado pelos autores e pensadores da época. Desde seu surgimento, esses ensaios de Freud a respeito da sexualidade demonstraram ser um corte epistemológico nas teorias da época. De acordo com Coutinho Jorge, “com a pulsão, na verdade, Freud introduz um conceito radicalmente novo para abordar a sexualidade humana e sem o qual esta restaria inteiramente enigmática” (2000, p. 20).

O conceito de pulsão já vinha sendo desenvolvido quando os três ensaios são divulgados, pois observamos sua presença em um texto anterior cuja publicação foi póstuma e emblemática dos primórdios da teorização freudiana – “Projeto para uma psicologia científica” (1895 [2006]). No entanto, naquela ocasião Freud abordara a pulsão em termos de estímulos endógenos e exógenos como podemos ler a seguir:

Lembremos, portanto, que desde o início o sistema nervoso teve duas funções: a recepção do estímulo vindo de fora e a descarga de excitações de origem endógena. A rigor, foi desta última obrigação que, devido às exigências da vida, fez surgir a necessidade de um desenvolvimento biológico posterior (FREUD 1895 [2006] p. 355).

É apenas em 1905, já munido de sua experiência clínica com a escuta de pacientes neuróticos, que Freud definirá “a ocorrência universal de uma sexualidade que se manifesta sob uma aparência errática e súbida a uma lógica diferente daquela que rege os instintos animais” (Coutinho Jorge, 2000, p. 21). Ao propor a pulsão como o conceito mais fundamental para definir a sexualidade humana, o discurso freudiano desmistifica as barreiras entre o normal e o patológico e possibilita uma tradução do conceito de sexualidade diferenciada do discurso sustentado na época. De acordo com Elia:

Freud introduziu no saber um outro conceito de sexualidade, irreduzível, incomparável com toda e qualquer derivação conceitual a partir da sexualidade não-freudiana, que não denominaremos “adulta” porém “vigente” fora da psicanálise. Chamou-a, não sem razão, de infantil, porquanto ele a identificou ali onde a vigente é impossível, e gostaríamos de propor a idéia de que o atributo infantil da sexualidade vem desempenhar uma especialíssima função metodológica, sobretudo se lembrarmos que Freud o cunhou através da clínica de adultos, pois não analisava crianças (ELIA, 1995, p. 57).

Freud argumenta, valendo-se de sua teoria, que um estudo das manifestações sexuais na infância poderia fornecer os traços essenciais que compunham a pulsão sexual. Começa, então, segmentando o privilégio das zonas erógenas durante cada período do desenvolvimento sexual infantil, localizando, assim, o que seria o alvo da pulsão em cada fase da organização sexual.

Essa manifestação sexual infantil nasceria apoiada, primeiramente, em uma função somática vital – mamar no seio materno ou defecar - tomando como alvo alguma zona, denominada por zona erógena, que se localiza no próprio corpo.

Após a descrição das fontes de satisfação da sexualidade infantil que, por serem auto eróticas, obtêm a satisfação da pulsão ao interagir com os objetos do próprio corpo, chegamos a outra importante tarefa relacionada à pulsão sexual: no que concerne às transformações da puberdade, a sexualidade infantil se aproximará de uma estruturação sexual que deverá privilegiar o genital como zona erógena, e que estará serviço do encontro com o objeto.

Lacadée (2012, p. 254) comenta que Freud, durante seu percurso, não reduz o despertar do real biológico na adolescência às torrentes do fluxo hormonal, mas caracteriza a puberdade como um movimento lógico marcado pela descoberta de um novo objeto sexual.

O Édipo nos conduz à renúncia de uma escolha objetual incestuosa. As aspirações sexuais da infância, que são destinadas ao objeto primordialmente investido libidinalmente pela criança, sofrerão as consequências do recalque devido a impossibilidade inerente à sua concretização. É essa operação do recalque, exigida pelo Édipo, que atuará sobre o caráter sensual da libido exigindo que ela seja repartida em duas correntes libidinais que Freud denominou de terna e sensual. Estas correntes, separadas durante a infância, serão reativadas durante a adolescência em favor de uma escolha sexual, conjugando-se sobre um mesmo objeto e viabilizando essa escolha. Sobre essa união de correntes libidinais e seus efeitos sobre a escolha de objetual, Cottet (1996) contempla que sempre existirá uma dificuldade peculiar nessa conjunção entre as correntes terna e sensual sobre o mesmo objeto sexual na adolescência, pois ela sempre reativará uma interdição sobre uma escolha infantil.

Lacan em seu *Seminário 4 – A relação de objeto* (1956-57[1994]), ao debater a verdadeira contribuição freudiana sobre o objeto e combater a ideia de um objeto harmônico que garantiria a complementaridade e feliz existência do sujeito, nos ensina a que a ideia de objeto no texto de “Os três ensaios”, já pode ser observada desde as perspectivas iniciais de Freud em 1895, no texto sobre o “Projeto para uma psicologia científica” quando ele disserta sobre a experiência de satisfação. Nessa ocasião a noção de objeto foi introduzida como um objeto alucinado, através do exercício primário do prazer, sobre um fundo de realidade angustiante. Lacan não hesita em nos afirmar que:

Reportando-nos, todavia, a este primeiro esboço de sua psicologia, encontramos ali a mesma fórmula a propósito do objeto. Freud insiste no seguinte: que toda maneira, para o homem, de encontrar o objeto é, e não passa disso, a continuação de uma tendência onde se trata de um objeto perdido, de um objeto a se reencontrar (LACAN, 1956-57 [1994] p. 13).

O interessante do “Projeto para uma psicologia científica” é que é uma contribuição freudiana para a estruturação de uma psicologia que obtivesse uma base mais próxima possível de uma ciência natural. No entanto, é um texto no qual observamos estreitas ligações com outros trabalhos da teoria psicanalítica. Os escritos de Freud, posteriores ao projeto, sofreram grande influência das ideias já presentes ali, a exemplo da própria pulsão e o encontro com o objeto, já mencionadas. Nesse primeiro esboço de sua teoria, Freud é claro ao

demonstrar que a apreensão do objeto é sempre feita pela via da busca do objeto como perdido e o que resta ao sujeito são os traços que indicam como o objeto pode ser rastreado, mas nunca encontrado.

É apenas apoiado na afeição por suas figuras parentais, como o mais importante norte para a sua escolha objetual, que o jovem definirá a sua escolha através desses vestígios mnêmicos. Como ele comenta em “Os três ensaios sobre sexualidade” (Freud, 1905 [2006] p. 188):

Para completar o quadro da vida sexual infantil, é preciso acrescentar que com frequência ou regularmente, já na infância se efetua uma escolha do tipo objetual como a que mostramos ser característica da fase de desenvolvimento da puberdade, ou seja, o conjunto das aspirações sexuais orienta-se para uma única pessoa, na qual elas pretendem alcançar os seus objetivos. Na infância, portanto, essa é a maior aproximação possível da forma definitiva assumida pela vida sexual depois da puberdade. A diferença desta última reside apenas em que a concentração das pulsões parciais e sua subordinação ao primado da genitália não são conseguidas na infância, ou só o são de maneira muito incompleta (IBIDEM, p.188).

Freud nos indica assim a tarefa necessária da infância que, na verdade, acaba por se concretizar na puberdade. Essa escolha do objeto sexual é feita na esfera da fantasia, como representação mental do sujeito.

Lacan acrescenta, em relação a essa escolha de caráter fantasioso, que ela se dá porque existe um furo no saber, um ponto traumático, uma vez que, não existe no inconsciente representação possível de como devemos nos comportar como homem ou mulher.

Quando se imagina que o inconsciente quer dizer que o que está num sujeito foi feito para adivinhar o que lhe deve responder num outro, não se faz outra coisa senão supor uma harmonia primitiva. A esta concepção se opõe a observação tão simples de Freud em seus três ensaios, ou seja, que é realmente uma pena que nada mostre, do desenvolvimento da criança, e precisamente na sua relação com as imagens sexuais, que já estejam construídos os trilhos de acesso livre do homem à mulher e vice-versa. Não se trata em absoluto de um encontro (LACAN, 1956-57 [1994] p. 48).

Esse despertar sexual é acompanhado de um mal-estar que o púbere sente no corpo. Em seu texto, “*Prefácio a ‘O despertar da primavera’*”, Lacan disserta sobre a complexidade desse tema: “que o que Freud demarcou, daquilo a que chama sexualidade, faça um furo no real, eis o que se percebe pelo fato de que, como ninguém escapa ileso, as pessoas não se

preocupam com o assunto” (Lacan, 1974[2003] p.558). A partir desse momento, o adolescente é solicitado a dar testemunho de como se posiciona diante da explosão desse real sexual. Sobre esse aspecto nos diz Cottet:

É no momento em que o rapaz satisfaz aos ideais de sua virilidade e a moça se instala na identificação, momento de assunção do desejo, que o encontro fracassa. Esse era o meio usado por Freud naquela época para designar o mal-estar sexual e, como diz Lacan nesse pequeno texto, o que faz ‘furo no real’ (IBIDEM, 1996, p. 16).

O redirecionamento da pulsão e a maturação fisiológica do aparelho genital preparam o púbere para o que deveria ser o encontro com o objeto sexual, ou seja, para o que poderia resultar em uma sonhada harmonia. Contudo, o despertar da adolescência não se dará de maneira tão fácil. O sujeito adolescente é convocado a por em ato o real do sexo e se vê as voltas com uma ausência de saber prévio que ensine ou decifre sobre o mistério desse encontro. Ele precisará, de certa forma, se aparelhar diante das contingências desse encontro, uma vez que não há padrão exato a seguir. Segundo Costa-Moura (2008, p. 117) o adolescente tem um “encontro com a dimensão mais ética da pulsão” e a emergência desse real sexual o convoca a se posicionar enquanto sujeito. Cada adolescente deverá dar, solitariamente, seu testemunho diante desse real, que se caracteriza como fora-de-sentido invadindo seu corpo e colocando em evidencia o furo no saber em relação à sexualidade humana. Antônio Quinet (2009, p. 14) conclui que: “o adolescente é um sujeito que se depara com a conjunção do real do sexo e a responsabilidade do ato [...] ali onde o real do sexo emerge, ele é abordado pelo sujeito adolescente por meio do ato”. Sadala (2008) reafirma o pensamento de Quinet e aponta que:

Na adolescência, há o despertar dessas fantasias adormecidas, em concomitância com grandes revelações referentes ao sexo. O encontro com o outro sexo na adolescência revela ao adolescente a incompletude, pois constata que o objeto sexual nunca o satisfaz plenamente. Nostalgia, devaneio, decepção são vividos como expressão das saudades da aurora daquela ilusão infantil” (IBIDEM, p. 126).

O despertar desse desejo sexual, no sujeito adolescente, apenas reativa a escolha que antes sofrera uma interdição e acaba pondo em evidência a impossibilidade harmônica entre a pulsão sexual e a corrente terna relativas ao mesmo objeto (Cottet, 1996, p. 13). O real, aquilo

que escapa ao sentido, com certeza mostra uma face muito particular na adolescência e o jovem, através desse encontro, é capaz de reconhecer que algo jamais funcionará a contento.

Vemos assim como o texto de “Os três ensaios” é destacável não apenas por sua contribuição ao campo da sexualidade humana, ao retirar o homem do campo do desenvolvimento biológico, mas por nos presentear com uma descrição da puberdade como pertencente a um tempo lógico do desenvolvimento psíquico.

## 1.2. A sexualidade estruturada pelo complexo de Édipo.

Avançando um pouco mais nas contribuições psicanalíticas, passamos a situar em nosso texto, orientados pela leitura de Lacan, considerações a partir da conceituação do Édipo ao longo da obra freudiana. A leitura do Édipo nos ajuda a compreender outras importantes tarefas que concernem à puberdade. Como o jovem pode se situar na partilha sexual – o que incluirá o encontro com o Outro sexo - e se separar da autoridade paterna? Essas difíceis tarefas, atribuídas ao período da adolescência, precisam ser tomadas em relação à dimensão dos tempos lógicos do complexo de Édipo através dos quais elas podem vir a serem superadas.

Assim, a leitura lacaniana desse mito do discurso analítico nos orientará através de três vetores: a importância da castração, a significação do falo –inserida na lógica da castração – e a construção mítica do pai exercida no psiquismo de cada sujeito.

Centraremos a nossa discussão em torno de cinco textos que expressam a problemática da teorização freudiana a partir da castração como primordial ao Édipo: “A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade” ([1923] 2006); “A dissolução do Complexo de Édipo” ([1924] 2006); “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” ([1925b] 2006); “Sexualidade feminina” ([1931] 2006) e a “Feminilidade” (Caldas, H.; Murta, A; Murta, C. [orgs] [1933] 2012). Nos três primeiros textos encontramos uma reflexão sobre as consequências no psiquismo da diferença entre o Édipo na menina e no menino; a consideração da castração como o seu ponto nodal; e o conceito de falo associado ao objeto do desejo. Nos dois últimos textos apreciaremos uma maior preocupação com a constituição da feminilidade a partir das diferenças e peculiaridades do conflito edípico na menina.

A castração constitui a problemática fundante do sujeito do inconsciente e o Édipo será sua resolução cultural e mítica na teoria e na clínica psicanalítica. Para a psicanálise, será o posicionamento do sujeito na cena edípica que decidirá o seu destino como sujeito desejante. Assim, o mito edípico vai além da responsabilidade sobre o núcleo patogênico das neuroses ao incluir também o momento decisivo do ato necessário à sexualidade humana.

A estruturação desse mito, no texto freudiano, revela uma importância capital como elemento articulador de toda a evolução da sexualidade humana. O Édipo é um elemento fundante na sexualidade infantil, que na puberdade será ressignificado e é a partir das consequências desse mito na subjetividade de cada sujeito que o adolescente poderá sustentar, de fato, uma posição sexual. No momento em que há um retorno e uma necessidade de ressignificação dos vínculos objetivos, o adolescente é convocado a consolidar a sua posição sexual como sujeito. Lacan nos diz em *O seminário, livro 3: as psicoses*:

A realização da posição sexual no ser humano está ligada, nos diz Freud – e nos diz a experiência – à prova de uma travessia de uma relação fundamentalmente simbolizada, a do Édipo, que comporta uma posição que aliena o sujeito, isto é, o faz desejar um objeto de um outro. Encontramo-nos portanto aí numa posição estruturada na própria duplicidade do significante e do significado. É na medida em que a função do homem e da mulher é simbolizada, é na medida em que ela é literalmente arrancada ao domínio do imaginário para ser situada no domínio do simbólico, que se realiza toda a posição sexual normal, consumada (IBIDEM, 1955-56 [1981] p. 208).

As reflexões freudianas sobre o Édipo são referidas à tragédia grega de Sófocles. A primeira menção direta ao complexo de Édipo encontra-se na carta 71 (Freud, 1897 [2006] p. 316) escrita por Freud e endereçada ao amigo de longa jornada de troca teórica Wilhelm Fliess. Nesta carta encontramos a primeira referência direta ao mito escrito por Sófocles como “*Oedipus Rex*”. Freud inicia a carta relatando seu sonho com uma empregada desaparecida. Na carta encontramos a seguinte afirmação:

Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme pelo pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância [...] Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de *Oedipus Rex*, apesar de todas as objeções levantadas pela razão contra a sua pressuposição do destino; e podemos entender por que os “dramas do destino” posteriores estavam fadados a fracassar lamentavelmente. [...] a lenda grega capta a compulsão que toda a pessoa reconhece porque sente a sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo e, como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade (FREUD, 1897 [2006] p. 316).

Essa associação de Freud se constitui como o descobrimento do que viria a ser, segundo a psicanálise, uma máxima universal para cada ser humano, a saber: a verificação universal, extraída da história particular de Freud, da paixão cultivada pela mãe e do ciúme alimentado em relação ao pai na infância. Essa seria a primeira referência ao “*Oedipus Rex*”.

Bernard Nominée nos diz que:

Édipo certamente foi punido porque matou o pai e dormiu com sua mãe. Mas Freud localiza bem o problema quando o transforma em uma metáfora da realização da sexualidade do homem adulto. Matar o pai e dormir com a mãe, do ponto de vista do inconsciente, é a norma. Só se pode suportá-la desconhecendo-a (2001, p. 39).

De acordo com Recalde (2008, p. 104)<sup>1</sup> podemos situar a conceituação do complexo de Édipo em função de um primeiro tempo localizado no texto dos “Os três ensaios”, uma vez que, ao longo da obra freudiana este texto tem um caráter de marco essencial onde podemos localizar o início de uma articulação sobre a premissa fálica, que serviria tanto para orientar o desenvolvimento da sexualidade dos meninos como das meninas.

Lacan possui uma perspectiva inovadora sobre o Édipo e sua releitura desse tema é o que torna a castração um conceito central na obra freudiana. Com Freud a posição do Édipo muitas vezes pode ser confundida como a causa da castração. Essa posição é consumada pelo pai como operador único da castração.

É em 1972, quando Guilles Deleuze e Félix Guatarri<sup>2</sup> publicam o livro o “Anti Édipo”, que centrava a sua crítica na concepção freudiana do inconsciente fundada sobre o drama edípico, que Lacan discute o lugar do Édipo na lógica do inconsciente. Neste momento, Lacan não tem o intuito de destituir o valor do Édipo, mas de outorgar o seu valor a um primeiro tratamento ficcional dado pelo sujeito à impossibilidade de um encontro sexual bem sucedido. Portanto, o Édipo pensado por Lacan institui a função do pai, não no sentido clássico da família monoparental tão criticada por Deleuze e Guatarri, mais como uma função além do Édipo.

Na infância, uma dimensão de indiferenciação sexual domina o imaginário sexual infantil. Lançada numa intensa investigação, a criança chega a uma conclusão em sua

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

<sup>2</sup> Para Deleuze e Guatarri, o alvo da sua crítica compreendia libertar o que eles denominavam de a potência revolucionária do desejo, tornando inviável as categorias em que a psiquiatria e a psicanálise o enquadraram. o inconsciente não seria uma palco de encenações do Édipo através de atores simbólicos, mas sim uma usina dinamizada por máquinas desejantes. Os filósofos desejavam empreender uma crítica radical da cultura ao afirmar que o Édipo não é nada mais que um erro que bloquearia as forças produtivas do inconsciente, estando aprisionado a um sistema patriarcal de família.



teorização sexual que passa a ter um valor para ela de máxima universal: a suposição de uma genitália idêntica a todos os seres. Mesmo nas meninas supõe-se a existência de uma genitália idêntica a dos meninos, justificada pela existência de seu clitóris e corroborada pela teoria de que a menina já obteve um pênis e o perdeu (Freud, 1905 [2006] p. 184). Esse regime sexual unívoco demonstra suas consequências no despertar sexual do púbere, quando se pode então enxergar a dimensão das consequências psíquicas da diferenciação entre o homem e a mulher. Ainda com Freud, podemos destacar que:

Sabe-se que somente com a puberdade se estabelece a separação nítida entre os caracteres masculinos e femininos, num contraste que tem, a partir daí, uma influência mais decisiva do que em qualquer outro sobre a configuração da vida humana [...] a atividade auto erótica das zonas erógenas é idêntica em ambos os sexos, e essa conformidade suprime na infância a possibilidade de uma diferenciação sexual como a que se estabelece depois da puberdade (IBIDEM, 1905 [2006] p. 207).

Após 18 anos de intensos desenvolvimentos em sua teoria, Freud introduz o artigo sobre “*A organização genital infantil*” de 1923 [2006], um acréscimo a sua teoria da sexualidade cujo primeiro desenvolvimento consistiu em “Os três ensaios”. Nessa nova contribuição ele apresenta a genitalidade, que parecia ter antes sua garantia apenas na maturidade sexual da puberdade, com uma lógica subvertida e articulada ao discurso do inconsciente deixando de ser associada à maturação biológica característica da puberdade. De acordo com Elia (2004, p.64) “Em 1923, o genital é finalmente submetido, por Freud, à lógica de sua sexualidade infantil: passa por assim dizer do terceiro para o segundo dos três ensaios sobre a teoria da sexualidade”.

Ao propor este acréscimo à sua teoria da sexualidade, Freud conclui que a aproximação da vida sexual da criança à do adulto ia além do surgimento da escolha de objeto e conclui que a característica principal dessa “organização genital infantil” consistia em que “para ambos os sexos, entra em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (Freud, 1923 [2006] p. 158).

Este ensaio pode ser abordado como revolucionário na teoria freudiana, uma vez que, vemos nele ser abolida qualquer referência etiológica ao campo biológico. O conceito de falo destaca-se de qualquer referência ao pênis – órgão sexual masculino - e posiciona-se como representação inconsciente da organização genital infantil, instituindo a diferença sexual no inconsciente ou, nas palavras de Elia (2004):

É nesse contexto que a primazia do falo pode finalmente ser introduzida pensamento freudiano. Não é anódino o fato de que essa primazia só surge quando não se trata mais do genital como ponto de chegada do desenvolvimento psicosexual de um indivíduo, mas de uma lógica que, não mais admitindo exceções maturacionais, faz tudo o que é da sexualidade humana passar pelo desfiladeiro do significante, pela fragmentação, pela moenda do simbólico: é só aí que o genital, como questão central do desejo sexual do ser falante, poderá encontrar o seu lugar na doutrina psicanalítica (ELIA, 2004, p.64).

De acordo com Serge Cottet (2011, p.73), ao denegar a diferença entre os sexos, a criança aponta que: “só conhece um sexo, o falo”. Em outras palavras, para a sexualidade infantil não cabe uma representação psíquica da diferença sexual que não seja referida ao falo. Esse texto aborda a castração como entrelaçada a perda do falo como articulador inconsciente da diferença sexual, mas não indica uma distinção entre homens e mulheres.

Em 1924, em seu texto sobre “*A dissolução do complexo de Édipo*”, observamos Freud reivindicar uma especificidade no percurso do desenvolvimento sexual nos meninos e nas meninas. Freud se depara com questões sobre complexo de Édipo e a inerente dessimetria no desenvolvimento edípico entre os sexos, existiria um modo masculino e feminino de se inscrever na lógica sexual. Esse texto apresenta a lógica dessa diferença sexual balizada pela relação entre a castração e o complexo de Édipo demonstrando assim, desde os tempos mais remotos, que essa falta de simetria se caracteriza pela relação que cada sexo manterá em relação ao falo. “Bem, é minha opinião ser a ameaça de castração o que ocasiona a destruição da organização genital fállica da criança” (Freud, 1924 [2006] p. 195).

Para o menino, a possibilidade de reconhecimento da falta de um pênis na menina, através da visão do órgão genital feminino, o leva a conceber que o mesmo castigo pode acontecer a ele. Assim Freud explica os seus argumentos:

A observação que finalmente rompe sua descrença é a visão dos órgãos genitais femininos. Mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, tem uma visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência de um pênis numa criatura assim semelhante a ela própria. Com isso, a perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado (FREUD, 1924 [2006] p. 195).

Será justamente a consideração da castração feminina o que levará o menino ao ponto crucial da resolução do seu complexo de Édipo, promovendo o recalque. Nas meninas, essa consideração dos efeitos da castração obterá um efeito inverso. Como elas consideram o clitóris como um objeto com a mesma função do pequeno apêndice masculino, ao comparar o seu órgão ao do menino, ela sente que foi prejudicada de alguma forma e justifica a sua falta

de pênis como uma perda efetuada através da operação de castração. Essa operação na menina inaugura a sua posição no complexo de Édipo.

Em “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, de 1925 [2006], observamos Freud apresentar as suas primeiras considerações sobre a sexualidade feminina. Ainda que de uma maneira condensada e sucinta, ele restitui a sua teoria a partir da sua insatisfação com certos pontos do desenvolvimento sexual das mulheres que sempre o deixaram insatisfeito. O autor aborda a existência de uma pré-história edípica no menino e na menina, que possuíam em comum a mãe como objeto. Serge André (2011), admite que nesse texto somos levados a examinar o que existe de pré-histórico ao mito edípico na menina em relação à sua mãe. É também nesse texto que observamos o primeiro desenvolvimento dessas ideias postuladas por Freud, como ele nos explica:

Freud formula aí, explicitamente, a relação da menina a seu pai, que definira até então o Édipo feminino, como uma transferência de uma relação inicial à mãe, transferência na qual o pai tem a função de metáfora. É-lhe necessário, por conseguinte, reconsiderar fundamentalmente a sua teoria do complexo de Édipo introduzindo nela, entre o menino e a menina, uma dissimetria essencial, que vai ser expressa especialmente pela função que nela desempenha o complexo de castração (IBIDEM, p. 202).

Diante da percepção da ausência de genitais na menina, o menino a rechaçará e a menina, ao perceber essa diferença cairá vítima da inveja do pênis. Freud aborda vários direcionamentos para as consequências psíquicas desse encontro com a castração feminina, mas o que nos interessará, abordar em relação ao nosso tema, se refere à hipótese de que a grande consequência psíquica da percepção da distinção entre os sexos seria a representação simbólica da presença-ausência do falo. Brousse (2008) nos diz que “a especificidade introduzida pela psicanálise surge da articulação dessa diferença com o inconsciente. Dito em outros termos, a sexualidade humana na psicanálise é do sujeito do inconsciente” (ibidem, p. 55)<sup>3</sup>.

A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio em que estivemos considerando, é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde a diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada (FREUD, 1925 [2006] p. 285).

---

<sup>3</sup>Tradução nossa.

Para finalizarmos o panorama da conceituação freudiana introduziremos o direcionamento exposto em duas grandes contribuições teóricas ao campo da sexualidade feminina, com os textos: “Sexualidade feminina” ([1931] 2012) e a “Feminilidade” (Conferência XXXIII) ([1932] 2006) nos quais presenciamos uma maior preocupação com a constituição da feminilidade a partir das diferenças e peculiaridades do conflito edípico na menina. Ele parte das mesmas questões que o perturbavam sobre como a menina troca o seu objeto original – a mãe – pelo pai. Ele acaba por descobrir que para a mulher a fase pré-edípica do seu desenvolvimento tem uma importância muito maior para a sexualidade feminina.

A descoberta de sua castração é um ponto de virada no desenvolvimento da menina. A partir daí, o desenvolvimento poderá seguir em três direções: uma conduz à inibição sexual ou à neurose; outra conduz à mudança de caráter, no sentido de um complexo de masculinidade; e, finalmente, a última conduz à feminilidade normal (FREUD, 1932 [2012] p. 30).

Lacan em seu *Seminário 3 – As psicoses* se refere a evidente dificuldade da mulher nesse percurso em situar-se em uma posição de identidade ao seu sexo. “Para a mulher, a realização do seu sexo não se faz no complexo de Édipo de uma forma simétrica à do homem, não pela identificação com a mãe, mas ao contrário pela identificação com o objeto paterno, o que lhe destina um desvio suplementar” (Ibidem, 1955-56 [1981] p.202).

A ideia de que a menina sofreu uma desilusão fálica com a mãe, e que este fator possibilitou a mudança de zona erógena e de objeto sexual, coloca a menina na relação com o pai. Esta relação aparece como uma promessa de receber dele um falo. Na célebre equação Filho igual a pênis, a menina busca na maternidade uma saída para a sua condição de castrada. Outra grande contribuição do ensino de Lacan sobre a relação da menina com o pai, pode ser localizada em seu Seminário, livro 4: A relação de objeto. Assim, Lacan escreve:

O pai é para ela, inicialmente, objeto de seu amor – isto é, objeto do sentimento que se dirige ao elemento de falta de objeto, na medida em que é pela via desta falta que ela foi conduzida a esse objeto que é o pai. Esse objeto de amor se torna em seguida aquele que dá o objeto de satisfação, o objeto da relação natural de procriação (IBIDEM, p. 207).

Por conseguinte, é ao se depararem com a angústia de castração que o declínio do Édipo pode ser viabilizado. A promessa edípica entra em cena, secundariamente, como a possibilidade de desejar fora do campo incestuoso. No caso das meninas, elas se deparam com

a castração no real do corpo, um fato que possibilita, segundo a teoria freudiana, a entrada no Édipo. Todavia, no ponto que se refere à filiação, o filho representa para a menina a promessa que opera pela lógica fálica (Freud, 1931 [2006] p. 237-238).

O ponto de convergência em relação à castração, tanto para o menino quanto para a menina, é a constatação de que essa ameaça de punição se define para ambos pelo movimento de interdição da busca de complementaridade com o objeto interdito. Isso viabiliza a ética de saber desejar, uma vez que, a castração como operação lógica instaura o sujeito do desejo, justamente aquele que se organiza em torno da falta.

### 1.3. Separação da autoridade paterna

Ao desenvolver em sua teoria psicanalítica que a sexualidade infantil é regida apenas por uma marca diferencial, Freud nomeia o falo como o único significante da sexualidade que orientará a criança em direção à sua identificação sexual e à sua escolha de objeto. Essa primazia remetida ao falo na infância revelará suas consequências psíquicas na adolescência ao demarcar o território da sexualidade e a fronteira psíquica da representação no inconsciente do Outro do sexo que, na puberdade, se faz representar como um gozo desconhecido que escapa a significação fálica. Barros (1996) ao descrever o despertar sexual na adolescência, nos adverte sobre a importância de significação que o falo possui na dimensão do encontro sexual.

O que desperta os humanos é o real do gozo que rompe os recursos simbólicos construídos para lidar com ele. Esta ruptura, que é própria da sexualidade humana, se deve à inexistência do objeto adequado à satisfação. Este objeto, desde sempre perdido, determina que todo encontro sexual é sempre um reencontro, que todo objeto é sempre substituto. Mas a substituição só pode ser efetiva se o gozo adquire uma significação fálica, que dá aos objetos um valor que lhes possibilita responder pela falta, tentando recuperar o que ficou irremediavelmente perdido (IBIDEM, p. 69).

O despertar para o sexual através do encontro sonhado de amor permite ao púbere desligar-se da imagem dos pais, mas não significa um rompimento total com essas figuras que se fazem presentes através dos seus ditos, ou seja, dos significantes os quais o sujeito escolhe para se apropriar do campo do Outro. Assim, permite que esse encontro se efetue no campo

do possível, onde o possível circunscreve o campo do gozo sexual do corpo podendo ser suportável ao sujeito. Carneiro (1996) afirma que:

A sexualidade possível só assim o é mediada pelo falo, significante da falta que permite aos sujeitos femininos e masculinos se inscreverem na dialética do ter, e no amor darem o que não têm. Mas se o encontro possível no ato sexual depende do falo como intermediário, a própria condição do falo como ‘significante imaginário’, ou seja, semblante por excelência, já denota este encontro possível como fugaz e o ato como falho (IBIDEM, p. 32).

Diante dessa irrupção de um gozo desconhecido que escapa à determinação significante, o sujeito tenta se orientar no encontro com esse real sexual através do recurso simbólico da significação fálica, posta em causa como valor de transmissão pelo saber paterno.

A tarefa psíquica que acabamos de descrever é uma elaboração freudiana que se encontra em “Os três ensaios sobre sexualidade” quando ele descreve uma operação necessária à subjetividade: o “desligamento da autoridade dos pais”. É um momento de ruptura com aquilo que um dia assegurou um lugar de ideal do eu e funcionou como identificação durante a infância, mas que durante a adolescência passa a ser duramente questionado.

Porém, por que na adolescência se faz necessário romper com essas figuras parentais a quem tanto amamos? Qual a importância desse rompimento para o psiquismo? Hugo Freda (1996, p. 27) nos orienta a pensar essa questão a partir do seguinte viés: “O desligamento do pai não deve ser entendido como ‘fazer sem pai’ [...] Esse desligar-se do pai, insisto, é principalmente para pôr em evidência a importância do pai. Sem pai, não há desligamento”. Então, para que possamos responder ao problema da separação da autoridade paterna, precisamos abordar essa questão fundamental a psicanálise: mas afinal, o que é um pai?

Fora do senso comum, tentar responder a essa pergunta sobre o que seria um pai torna-se um desafio que Freud aborda sobre a perspectiva de três mitos: O mito de Édipo, o mito freudiano do pai da horda exposto no texto: “Totem e tabu” (1913 [2006]) e a última versão freudiana sobre o pai com o texto de “Moisés e o monoteísmo” (1939 [2006]).

Como já abordamos antes, o Édipo estabelecido na infância é reatualizado na adolescência. Essa reatualização, necessária ao jovem, demanda sempre uma escolha sobre a posição sexual do sujeito. Essa será a primeira referência freudiana ao drama do assassinato do pai. Matar o pai e possuir a mãe como objeto de gozo, torna-se uma tarefa suportável como desejo inconsciente e executável, para o psiquismo.

Em “Totem e tabu” (1913 [2006]), o parricídio adquire estatuto de complexo fundante da cultura. Ao aproximar a vida psíquica dos neuróticos a dos povos primitivos e a da infância, Freud sugere uma relação de proximidade entre eles através do horror ao incesto. O uso dos totens que nomeavam os clãs e pertenciam às tribos eram o símbolo que estabelecia as regras contra as relações incestuosas entre membros do mesmo clã. Ao longo do primeiro ensaio, observamos Freud explorar a forma como os povos selvagens aventaram leis extremamente rígidas para coibir a prática do incesto.

Esse ensaio conta com a construção freudiana de um pai essencialmente tirânico, que possuía o poder sobre todas as mulheres da tribo. Certo dia, ao serem expulsos da tribo, os irmãos se unem para matar e devorar o pai, colocando um fim a horda patriarcal. Os filhos o devoram, e através desse ato realizam a identificação ao pai morto, cada um deles adquirindo a sua força. Os sentimentos ambivalentes que sentiam pela figura tirânica do pai compreendiam o amor e admiração por ele, mas também o ódio por ele ser um obstáculo a satisfação dos seus desejos. Mas, satisfeito o ódio e pondo-se em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir e, assim, o fez sob a forma de culpa. Nas palavras de Freud: “Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo” (1913 [2006] p. 146).

Mais uma vez, o pai ganha força através do seu assassinato. Através da morte do pai tirânico cria-se a possibilidade da instauração da cultura e do lugar de sujeito para cada filho. Para a psicanálise, o sistema totêmico é um produto das condições em jogo do complexo de Édipo. Os dois tabus referentes ao animal totêmico: não matar o totem e não manter relações sexuais com pessoas do mesmo clã, em seu âmago, constituem os dois crimes de Édipo que matou o pai e casou-se com a mãe. O pai do Édipo e o pai da horda conjugam a lei da proibição do incesto. Assim esse mesmo sistema revela o que está em jogo nos desejos primários da infância, cujo o recalque efetua o núcleo das neuroses. Sobre esse núcleo das neuroses, Freud esclarece:

As descobertas da psicanálise tornam a hipótese de uma aversão inata à relação sexual incestuosa totalmente insustentável. Demonstram, pelo contrário, que as mais precoces excitações sexuais dos seres humanos muito novos são invariavelmente de caráter incestuoso e que tais impulsos, quando recalcados, desempenham um papel que pode ser seguramente considerado [...] como forças motivadoras da neurose, na vida posterior (FREUD (1913 [2006] p. 129-130).

O último trabalho de Freud sobre o pai aparece no texto sobre “Moisés e o monoteísmo” (1939 [2006]). No livro, o profeta Moisés é retratado como um pai autoritário, que acaba por suscitar revoltas entre o seu próprio povo, punidas com castigos violentos. A hipótese do texto, remonta a possibilidade de que os próprios judeus executaram Moisés. Com isso, destacamos o paralelo existente entre esses três textos freudianos: o assassinato do pai, ou melhor, o pai que é vítima do filho. O percurso freudiano tenta dar conta dessa questão através da análise desses três mitos – Édipo, “Totem e tabu” e “Moisés e o monoteísmo” – sustentando a consideração do parricídio como fundante do sujeito do desejo e da cultura.

Lacan se empenhou em trabalhar em vários momentos do seu ensino a questão sobre o pai em psicanálise, em particular tentando esclarecer a confusão exposta pelos pós-freudianos durante vários anos de extensão e pesquisa da psicanálise que sobrepuseram a relação dual entre mãe e criança em detrimento da função do falo que possui sua lógica articulada a noção da função paterna.

Em nossa breve alocução, nos deteremos nos anos que compreendem o ensino de Lacan dos anos de 1955 a 1960. Sem afastar-se do âmago da questão, Lacan aborda a amarração entre esses três mitos sobre o assassinato do pai e sua importância fundante do sujeito, afirmando que o status simbólico da função paterna funciona através da anulação da sua condição de presença na realidade. É a partir da extinção da sua condição de vivo que o exercício de sua função é abordada, sobre um pano de fundo de ausência, opera a sua funcionalidade, esta é posição que o próprio Freud sustentava ao expor em seus mitos o pai operando no psiquismo sempre como pai morto.

É justamente isso que demonstra que a atribuição da procriação ao pai só pode ser efeito de um significante puro, de um reconhecimento, não do pai real, mas daquilo que a religião nos ensinou a invocar como o Nome-do-pai [...] Se esse assassinato é o momento fecundo da dívida através da qual o sujeito se liga à vida e à Lei, o Pai simbólico, como aquele que significa essa Lei, é realmente o Pai morto (LACAN, 1955-56 [1998] p. 562-563).

É no escrito lacaniano: “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1955-56 [1998]) que o autor nos apresenta como a questão preliminar da psicose a não operatividade da metáfora paterna, ou seja, quando o Nome-do-pai não sobrevém em substituição a dimensão de gozo e indeterminação que representa o desejo da mãe. O centro da operação paterna recai na substituição de uma dimensão, antes ocupada pelo desejo materno e, que será substituída pela dimensão da Lei paterna, ou seja, o pai é abordado por Lacan como uma função metafórica.



É importante ressaltar que o percurso de Lacan sobre a questão do pai na psicanálise é conduzido, primeiramente, à luz da clínica das psicoses. Em seu *Seminário, livro 3: as psicoses* (1955-56 [1998]) observamos o esforço teórico de Lacan para construir uma clínica das psicoses através da experiência significativa do Nome-do-pai como o significante da Lei. Na psicose este significante encontraria-se foracluído, ou seja, onde no Outro o significante do Nome-do-pai é convocado a responder o que se apresenta é um furo na significação fálica, que é evocado no imaginário do sujeito pela metáfora paterna.

Nos seminários sobre “A relação de objeto” (1956-57 [1994]) e “As formações do inconsciente” (1957-58 [1998]), Lacan insere propriamente o seu ponto de vista questionando o descaso dos pós-freudianos pela função do falo, que naquela época teve o seu papel reduzido a um objeto parcial. Justo o falo que, com a sua função imaginária, coloca como central ao processo simbólico a questão sexual através da operação de castração encarnada pela função paterna.

Em 1957-58, Lacan destaca o Édipo como uma dialética dividida em três tempos, agregando a função do pai como articuladora entre as instâncias do desejo e da lei. Não é uma presença que interdita os desejos incestuosos do filho, mas de uma ausência capaz de causar impacto na mãe como mulher, fazendo-se presente ao interferir, também, sobre o seu desejo e presentificando-se através do seu discurso. De acordo com Lacan (1957-58 [1998]):

Ora, trata-se menos das relações pessoais entre o pai e a mãe, ou de saber se ambos estão ou não à altura, do que de um momento que tem que ser vivido como tal, e que concerne não apenas a pessoa da mãe com a pessoa do pai, mas da mãe com a palavra do pai – com o pai na medida em que o que ele diz não é, de modo algum, igual a zero (IBIDEM, p. 197).

No segundo tempo do Édipo, onde a presença do pai não é apenas uma presença velada, a mãe demonstra estar remetida a uma lei Outra. Esse Outro, representante dessa lei, também é aquele que possui o objeto do seu desejo. Mas, é apenas no terceiro tempo que esse Outro intervém dando provas que tem esse objeto do desejo, o falo. Vale lembrar que o falo, como significante do desejo da mãe, no terceiro tempo do Édipo tem a sua lógica atributiva radicalmente associada a dimensão do ter e o atributo de ter o falo é atribuído ao pai, como responsável pelas idas e vindas da mãe. O pai é aquele que porta o objeto do desejo da mãe. Portanto como diz Lacan:

O que importa é a função na qual intervêm, primeiro, o Nome-do-pai, o único significante do pai, segundo, a fala articulada do pai, e terceiro, a lei, considerando

que o pai está em uma relação mais ou menos íntima com ela. O essencial é que a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, pura e simplesmente a lei como tal. Trata-se do pai, portanto, como Nome-do-pai, estreitamente ligado a enunciação da lei, como todo o desenvolvimento da doutrina freudiana no-lo anuncia e promove. E é nisso que ele é ou não é aceito pela criança como aquele que priva ou não priva a mãe do objeto de seu desejo (IBIDEM, 1957-58 [1998] p. 197).

Lacan define então o pai através do lugar de metáfora que ele ocupa no Édipo. A paternidade emergiria através do desejo da mãe e seria transmitida e sustentada pelo discurso materno. Para a construção fantasmática do jovem, por exemplo, a idealização do pai torna-se mais imprescindível ainda.

De fato, a imagem do Pai ideal é uma fantasia de neuróticos. Para-além da Mãe, Outro real da demanda de quem se quereria que ela acalmasse o desejo (isto é, o desejo dele) perfila-se a imagem de um pai que fecharia os olhos aos desejos. Mediante o que fica ainda mais acentuada do que revelada a verdadeira função do Pai, que é, essencialmente, unir (e não opor) um desejo à Lei. O Pai desejado pelo neurótico, como se vê, é claramente o Pai morto. Mas também um Pai que seria perfeitamente senhor/mestre de seu desejo. O que teria o mesmo valor para o sujeito (LACAN 1960 [1998] p. 839).

Portanto, a psicanálise nos ensina a pensar o pai em uma perspectiva de um corte necessário ao psiquismo. Corte das amarras que um dia ligaram o sujeito ao que ele acreditava ser um “porto seguro”. Costa-Moura, em seu texto sobre a “Função ética do erotismo”, nos aponta que:

Não se passa da infância à vida adulta sem corte; sem uma ruptura que, como o demonstrou Freud, situa retroativamente o que veio antes como a infância. Se então o aparecimento da puberdade é corte (Lacan, 1974, dirá com Wedekind, “despertar da primavera”), adolescência refere-se à ‘suspensão’ subjetiva que pode sobrevir ao jovem que em nossa cultura ainda não se responsabilizou plenamente por sua vida (IBIDEM, 2008, p.117).

Se nos permitirmos o uso de uma metáfora para abordar a amplitude dessa questão para o psiquismo do adolescente, poderíamos afirmar que os antigos referenciais parentais, que antes serviam de âncora para o desejo, passam a se resumir a um “filete de madeira” que servirá de sustentação para o sujeito impedindo-o de se afogar no mar de gozo em que pode se resumir o encontro com o Outro do sexo. Mas, mesmo este filete, que sobra do referencial parental, claudica e não consegue responder satisfatoriamente no momento em que o jovem

sente-se invadido por um gozo oriundo do mal-estar das suas transformações corporais e psíquicas.

O lugar dos pais, durante a infância, é resguardado como ideal. Porto seguro dos referenciais infantis, para a criança ancorar-se no mito dos pais onipotentes os salva do horror da castração. O lugar de ideal, reservado aos pais no psiquismo, é apresentado por Freud desde (1914 [2006]). No artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução”, observamos o desenvolvimento das primeiras inferências sobre uma instância que teria uma importância central para a identificação, o ideal de eu.

Lacan (1960 [1998]) através da sua leitura consegue diferenciar e definir melhor o ideal do eu. Pois essa instância muitas vezes nos parece pouco diferenciada e confusa com a definição de eu-ideal, outra instância que é primária a identificação com do ideal do eu. Essa diferença é fundamental para entendermos a identificação na adolescência. “Essas instâncias se dão como tais na vivência, o ideal de Eu como modelo, o eu ideal como aspiração – e como! – para não dizer, antes como sonho” (Ibidem, p.678). Através dessa diferenciação observamos a influência do imaginário e a entrada do simbólico no que concerne ao surgimento do sujeito. Essa observação de Lacan preconiza que o eu-ideal seria aquilo que se pretende ser, e o Ideal do eu serviria de matriz simbólica para essa pretensão. Romildo do Rêgo Barros (1997) ao comentar essa diferença entre essas instâncias afirma que:

Esta distinção se ancora tradicionalmente na dupla origem do eu: de um lado, a sua origem pulsional – o hipotético circuito fechado que é um dos aspectos do que foi chamado por Freud de narcisismo primário – e do outro, sua dependência em relação ao exterior. O eu ideal seria, portanto, uma instância que se orienta de dentro para fora, e o ideal do eu, de fora para dentro (IBIDEM, p.20-21).

Essas instâncias abordam o lugar simbólico em que o sujeito adquire a sua consistência imaginária. O ideal do eu na infância está ligado a eleição de um traço por parte do sujeito, através do qual ele pode se identificar e se representar no campo do Outro. Esse traço único é capturado dos enunciados da autoridade paterna é o que nos interessa para abordar a adolescência, pois ele nomeia o sujeito e garante um certo afastamento do inominável que também se aloja entre o sujeito e o Outro. Lacan nos orienta sobre essa relação indissociável entre os termos autoridade, traço e ideal do eu. Em seu escrito “subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960 [1998]) a questão é abordada a partir do seguinte ponto de vista:

Assim, é de outro lugar que não o da realidade concernida pela Verdade que esta extrai sua garantia: é a da Fala. Como é também desta que ela recebe a marca que a institui numa estrutura de ficção. O dito primeiro decreta, legífera, setencia, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade. Tomem apenas um significante como insígnia dessa onipotência, ou seja, desse poder todo em potência, desse nascimento da possibilidade, e vocês terão o traço unário, que, preenche a marca invisível que o sujeito recebe do significante, aliena esse sujeito na identificação primeira que forma o ideal do eu (LACAN, 1960 [1998] p. 822).

Mesmo identificando-se a esse ideal e respondendo como tal, o sujeito se questiona sobre o que existe de não dito nesta nomeação, questiona-se sobre o que realmente se quer dizer quando se diz o que um filho significa para um pai. O enunciado da autoridade paterna, que corresponde a esse ponto de ideal no qual nos apoiamos durante a infância, na adolescência reaparece como um dito que perde o seu sentido, na medida em que o jovem reconhece que ele não consegue responder a contento quando se depara com a castração do Outro.

Na adolescência, o pai não é mais aquele que tudo sabe, a mãe já não é a mais bela e, o que eles diziam sobre o que fazer com a vida, parece não fazer mais tanto sentido. A puberdade é um período em que se põe à prova o que durante uma infância inteira nos situa como sujeito. Essa tarefa psíquica denominada “separação da autoridade paterna” vai além da distância corporal da imagem dos pais, trata-se da possibilidade de atualizar no inconsciente a construção mítica do que o pai foi para cada sujeito, assim elegemos um traço do Outro que nos represente e nos sirva de farol no momento em que nos deparamos com o sem-sentido que se aloja no encontro com o sexo. Heloisa Caldas (1996) ao abordar a identificação a esse traço paterno afirma que:

A adoção de um nome fantasia que substitui seu nome próprio visa das conta da falha do nome-do-pai. É um nome com o qual busca metaforizar o enigma do sexo, o indizível da não-relação sexual, da ausência do objeto de complementaridade [...] Como Freud aponta, é uma identificação ao traço, na qual “a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação. (IBIDEM, p. 55).

A separação da autoridade paterna não é uma tarefa simples de dissecar teoricamente e trata-se de um conceito freudiano que inclui uma certa dificuldade de se entender. O que realmente está em jogo se refere a autoridade que antes era atribuída aos pais e que agora é incorporada pelo sujeito como um efeito do recalque, isto é, como o supereu, enquanto herdeiro do complexo de Édipo. Segundo Barros (1996):

Ao mesmo tempo que o gozo obtido pelo sujeito em sua posição de falo passa ao inconsciente, isto o desliga dos pais e pode lhe permitir também assumir seu próprio sexo, mas o mantém escravo da demanda do Outro, que ele coloca como causa do seu desejo (IBIDEM, p. 71).

Diante de um gozo que inunda o adolescente de uma falta de sentido, como poderia o púbere manejar com as consequências psíquicas desse encontro com o Outro sexo, a que cada sujeito adolescente tem a responsabilidade de se deparar? A aposta da psicanálise parece indicar a direção da eleição do que para o jovem possui valor de transmissão. Lacan nos lembra dessa eleição por parte do filho:

É na medida em que o pai é amado que o sujeito se identifica com ele, e que encontra a solução terminal do Édipo numa composição do recalque amnésico com a aquisição, nele mesmo, do termo ideal ao qual ele se transforma no pai. [...] quando chegar o momento, se tudo correr bem, se o gato não comê-lo, no momento da puberdade, ele terá seu pênis prontinho, junto com o seu certificado (IBIDEM, 1957-58 [1998] p. 176).

Essa separação deve ser pensada em termos de um distanciamento não de um rompimento – o que incluiria uma total desamarração - em que o sujeito estará sempre ligado ao Outro através dos significantes que o determinam e que ele escolhe para se apropriar. Portanto, é uma tentativa de elaborar uma distância que é necessária ao jovem e a tudo o que um dia serviu de ideal para ele. Nesse momento, o adolescente põe a prova o valor de significação fálica que o saber paterno possui para ele. Será servindo-se desse saber que o púbere obterá substrato para lidar com o Outro do sexo.

#### 1.4. Da posição sexual ao encontro com o Outro sexo

A partir dos postulados já destacados nesse texto, destacaremos um tópico que foi desenvolvido por Lacan em momento avançado do seu ensino. Apesar de não nos debruçarmos nessa fração do seu ensino que compreende o seminário 20, não podemos deixar de sublinhar esse desdobramento da função de identificação ao pai tão importante para a puberdade que é abordar o pai ligado ao gozo. Como nos explica Naparstek (2006, p. 174) “O pai está ligado ao gozo, não a um qualquer, mas sim em um laço com o parceiro. Finalmente,

surge a questão do laço, já que é o pai quem permite, quem orienta pelo menos um laço possível. Trata-se do pai que, de alguma maneira, se virou com o Outro sexo”.

Pensar a adolescência em termos de um laço com o Outro sexo é fundamental. Para tanto, o laço fraterno com o parceiro sexual só se desenvolve a partir de uma posição sexuada orientada pelo pai. Para Solano – Suarez (p.183, 2006) o  $S_1$ , o significante mestre, que sustenta a função de ideal do eu, no qual o jovem se identifica por amor ao pai, sustenta justamente “a possibilidade de introduzir um princípio de legibilidade referente à sexuação” (Ibidem).

O que está em jogo nesta sexuação, é um encontro com o feminino. Essa tomada de posição na partilha sexual não é uma escolha imaginária entre se representar como homem ou mulher, o que está em jogo é o que Sônia Alberti (2004) preconiza como um encontro com a Mulher.

É assim que o sujeito entra na adolescência e é assim que ele irá então se deparar com a Mulher. Não há tomada de posição na partilha dos sexos – seja do lado do homem, seja do lado da mulher – que não implique o encontro com a Mulher. Normalmente, do lado do homem, esse encontro lança o sujeito no embaraço. O rapaz passará a sua adolescência tentando elaborá-lo e, na tentativa de lidar com tal encontro, muitas vezes dividirá as mulheres entre aquelas que ama e aquelas que deseja. Do lado da moça adolescente, o encontro com o sexo normalmente a lança na questão: o que é uma mulher? Como devo ser para assim me situar? E, a partir daí, a jovem se lança na tentativa de com Ela se identificar, elegendo-a como objeto o mais precioso, num movimento que Freud já reconhecia como sendo o da bissexualidade própria à histeria (IBIDEM, p.30).

Antes mesmo que qualquer debate sobre o Outro sexo seja efetuado, convém nos debruçarmos mais detalhadamente sobre a definição do que é o falo na lógica do inconsciente.

O ponto de partida da descoberta freudiana é a importância central do papel do falo na sexualidade infantil e conseqüentemente na organização genital infantil, privilegiando a diferença sexual em termos simbólicos. A abordagem psicanalítica sobre a diferença sexual situa-se através da castração que tem como pivô central o falo.

Para entendermos o que constitui o falo na teoria psicanalítica, recorreremos a leitura do ensino de Lacan. Através dos esclarecimentos oferecidos por este grande freudiano, podemos situar a importância do falo como a marca da diferença sexual no inconsciente. Lacan possui um escrito denso e categórico sobre o assunto, intitulado: “A significação do falo” (1958 [1998]). Para apoiar o nosso debate sobre este escrito, iremos nos servir, principalmente, da leitura de Lacan os anos de 1955 a 1958 do seu ensino, que compreendem

a leitura de *O seminário, livro 3: as psicoses* (1955-56 [1981]), *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-57 [1994]) e *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58 [1998]).

Freud descreve o desenvolvimento sexual nos meninos, mas desde então, afirma seu desconhecimento em relação às meninas, reconhecendo que, na verdade, o que existe é uma dessimetria fundamental entre o homem e a mulher, estabelecida pela relação peculiar que cada sexo mantém em relação ao falo. Para os meninos, é bastante natural supor que todos os seres vivos e inanimados possuam um órgão como o dele e, ao observar a ausência de um pênis nas meninas, rejeitam esse fato, acreditando que o pênis ainda é pequeno, mas que irá crescer posteriormente. Eles reconhecem que o pênis estivera lá, mas fora retirado. “A falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria” (Freud, 1923 [2006] p. 159). Existe um reconhecimento da operação de castração que só pode ser apreciada do ponto de vista de uma operação simbólica inerente a relação com o falo.

Como fora observado anteriormente, o complexo de castração só pode ser compreendido através da dialética do falo. Freud, em 1925, no texto sobre “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, observa justamente que a diferença anatômica entre os sexos registra a sua principal consequência psíquica como o reconhecimento de apenas um sexo, representada na operação de presença-ausência do falo. Sobre isso, Elia (1995, p. 61), nos ensina que: “a cada órgão não corresponde uma representação, ponto a ponto, de tal forma que a representabilidade inconsciente não recobre a apresentabilidade empírica da realidade genital anatômica”.

Em *O seminário, livro 3: as psicoses* (1955-56 [1981]), ao referir-se ao conceito de castração como operação que organiza a realidade do sujeito, Lacan pondera:

No condicionamento teórico do interjogo subjetivo em que se inscreve a história de um fenômeno psicanalítico qualquer, ele nunca subordinou, nem mesmo relativizou, a sua posição. É em torno de Freud, é na comunidade analítica, que se quis dar-lhes simétricos, equivalentes. Mas, em sua obra, o objeto fálico tem uma posição central na economia libidinal, tanto no homem como na mulher (IBIDEM, 1955-56 [1981] p.359).

Lacan explicita assim a lógica fálica afastando-se da simetria proposta pelos pós-freudianos. Tendlarz (2008) nos ensina que o falo abordado por Lacan no referido Seminário, pode ser apreendido pela sua forma imaginária:

A forma imaginária do falo é um significado para a mãe na estruturação do Édipo; seu valor de símbolo, de dissimetria significante, é veiculizado pela ação do pai como significante. Se instaura assim certa oscilação em sua captação como significado e como significante (IBIDEM, p. 138).

No contexto do *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*, no qual seu interesse não é o falo enquanto objeto, mas sua conceituação como significante, Lacan argumenta sobre sua distancia teórica de todos os outros analistas da época que pregavam a relação de objeto como uma relação que excluía o falo da dialética edípica “a noção da relação de objeto é impossível de compreender, e até mesmo de exercer, se não pusermos nela o falo como um elemento” (Lacan, 1956-57 [1994] p. 28). No escrito sobre “A significação do falo” (1958 [1998]), ele denota que na doutrina freudiana o falo só pode ser abordado por sua função, uma vez que, não é uma fantasia, um efeito imaginário, um objeto, ou o órgão que o simboliza (o pênis ou o clitóris), mas sim um significante (Lacan, 1958 [1998] p. 696).

Com isso Lacan tentou encontrar uma definição que desse conta do conceito, sem reduzi-lo e o resultado disso foi chamá-lo de “significante”. Nesse escrito observamos a definição lacaniana sobre o falo esclarecer-se a partir da correlação entre desejo e falo e, desse ponto de partida, existe um reconhecimento de que o desejo teria no sujeito uma referência ao falo. Assim, Lacan descreve:

O fato de que seja a falta, aqui, o desejo principal, talvez fiquemos um pouco preparados para admiti-lo se admitirmos que esta também é a característica da ordem simbólica. Em outras palavras, é na medida em que o falo imaginário desempenha um papel significante principal que a situação se apresenta dessa forma. O significante não é inventado por cada sujeito conforme o seu sexo ou suas disposições, ou suas estripulias no nascimento. O significante existe. O fato de que o papel do falo como significante seja subjacente não deixa dúvida, já que foi necessária a análise para descobri-lo, mas nem por isso ele é menos essencial (LACAN, 1958 [1998] p. 194).

Observamos também uma das primeiras referências de Lacan em relação ao falo como um significante que pode elucidar a relação que posiciona cada sujeito diante do sexo, introduzindo uma das primeiras descrições sobre a localização do falo e sua importância na economia do inconsciente.

Em seu quinto ano de seminário, Lacan se propõe a debater sobre as formações do inconsciente (1957-58 [1998]) trabalhando a questão da metáfora paterna e a relação íntima



que o pai, enquanto significativo, mantém com a lógica da castração. Este seminário apresenta uma divisão do Édipo em três tempos lógicos, a fim de esclarecer, através dessa divisão, de que forma a referência fálica se organizaria para o sujeito. Através do reconhecimento da castração - operação lógica que permite ao sujeito reconhecer a falta do Outro - o sujeito pode reconhecer nesse significativo, que é o falo, a qualidade de objeto do desejo do Outro. Por conseguinte, seria na borda da relação entre o falo e o desejo que se estruturaria a relação edípica e a intervenção paterna evocaria a significação fálica.

No primeiro tempo da lógica edípica, “o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é o objeto do desejo de sua mãe [...] para agradar à mãe é necessário e suficiente ser o falo” (Lacan 1957-58 [1998] p.198). Através dessa lógica, o falo, inicialmente será localizado, como o objeto do desejo da mãe, portanto, será reconhecido pelo sujeito como o significativo da castração materna. O reconhecimento dessa castração materna impulsiona o sujeito para um segundo tempo da lógica edípica.

No segundo tempo encontramos a presença efetiva do pai – presença estabelecida através da palavra do pai que se transmite através do discurso da mãe. De acordo com Lacan, “no plano imaginário, o pai intervém efetivamente como privador da mãe, o que significa que a demanda endereçada ao Outro, caso transmitida como convém, será encaminhada a um tribunal superior, se assim posso me expressar” (Lacan 1957-58 [1998] p.198). Ao se deparar com a castração materna, a criança deduz que o falo é o objeto do desejo materno e procura se posicionar de forma imaginária como o falo, na tentativa de fazer-se o objeto desejado pela mãe. Mas em virtude de um posicionamento do pai no discurso, pode haver ou não uma recusa a se identificar a esse lugar de objeto. De acordo com Lacan:

É nesse nível que se produz o que faz com que aquilo que retorna à criança seja, pura e simplesmente, a lei do pai, tal como imaginariamente concebida pelo sujeito como privadora da mãe. Esse é o estádio, digamos, nodal e negativo, pelo qual aquilo que desvincula o sujeito de sua identificação liga-o, ao mesmo tempo, ao primeiro aparecimento da lei, sob a forma de que esse fato de que a mãe é dependente de um objeto, que já não é simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem. A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, com o fato do objeto do seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo (LACAN 1957-58 [1998] p.199).

No terceiro tempo do Édipo, o pai, além de privador da mãe, intervirá como detentor, como aquele que possui o falo. Ao vetar que a mãe ateste a seu filho que ele pode equivaler ao falo, em seu desejo, e ao interditar que a criança se identifique imaginariamente ao lugar

do falo, o pai intervém. Além de possuir o falo, ele intervém como alguém capaz de ancorar a identificação do filho ao pai. É a partir desse desejo de um dia ser como o pai que o filho supõe que poderá ter o falo. Alberti (2004) nos ensina que:

Teoricamente falando, o único que verdadeiramente tem o falo é o pai – isso não quer dizer que o sujeito que é pai tem o falo, mas que todo(a) filho(a) atribui ao pai um falo – e, é só por isso, o pai faz toda a diferença para a criança. O falo é o objeto do desejo por excelência, o que todo o sujeito quer ter para ser como o papai e, desta forma, reconquistar a posição original com a mãe (IBIDEM, 2009, p. 29)

Lacan completa o seu raciocínio sobre a lógica fálica neste terceiro tempo do Édipo com as seguintes palavras: “é por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo, e não que o é, que se pode produzir a báscula que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais apenas como o objeto do qual o pai pode privar” (Lacan, 1957-58 [1998] p.200).

Existe uma passagem importante nessa lógica fálica, introduzida pelo ensino de Lacan; uma nítida passagem entre o desejo de ser o falo materno - constatado através dos dois primeiros tempos do Édipo - para o desejo de ter o falo, fato alcançado no terceiro tempo, através da promessa, inerente à identificação ao pai, de que um dia poderá tê-lo. Dessa forma, é através do falo que o desejo do sujeito será simbolizado.

Mesmo com toda a articulação sobre o falo na estrutura edípica, detalhada nos três tempos do Édipo, e tendo como resultado final uma identificação ao pai, para a sexualidade feminina, ainda persiste a questão de que, mesmo o ancoramento na identificação paterna não significa que se possa ascender a uma identificação ao seu sexo. O enigma da sexualidade feminina, como algo irrepresentável, persiste na dialética fálica.

No escrito sobre “A significação do falo” (1958 [1998]), Lacan atribui ao falo uma função de significante e o institui como significante da diferença. “Numa regulação do desenvolvimento que dá a esse primeiro papel sua *ratio*, ou seja, a instalação, no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo” (Ibidem p. 692). Uma vez que, o sujeito do inconsciente carece de gênero ou sexo, essa falta de direcionamento sexual ao inconsciente facilita ao sujeito identificar-se com o tipo ideal do sexo.

Uma das consequências da entrada do falo na dialética inconsciente se estabelece ao preço da desconsideração da diferença. Para a nossa leitura, esse ponto é fundamental na medida em que essa parcela de irrepresentável do inconsciente insiste como enigma não

acobertado pela referência fálica na puberdade, época em que o jovem é convocado a se posicionar sexualmente. O feminino irromperá como enigma, posto para qualquer sujeito no encontro com o Outro sexo. Nas palavras de Diana Rabinovich:

Lacan havia explicado esse ponto nos Seminários V e VI, mas aqui, especialmente, aponta para a posição subjetiva da menina em relação à privação, cujo o agente sempre será, estruturalmente, a mãe. O que é coerente com a legitimação que o nome-do-pai opera na castração. Através de dita legitimação, a privação deixa de ser obra do capricho do Outro e se torna um desejo submetido à lei. Isto é, enquanto sujeitos falantes todos nós estamos submetidos à castração. Esse tema se complicará mais tarde, quando o Outro tornar-se o Outro sexo e deixar de ser, primordialmente, o Outro fundado no desejo da mãe como Outro primordial (IBIDEM, 1995, p. 14).

O Outro sexo é um termo introduzido por Lacan. Sem dúvida, uma novidade que se observa desde os seus primeiros textos. Ainda no *Seminário 3 – As psicoses*: “Não há, propriamente, diremos nós, simbolização do sexo da mulher como tal. Em todo caso, a simbolização não é a mesma, não tem a mesma fonte, não tem o mesmo modo de acesso que a simbolização do sexo do homem” (Lacan, 1955-56 [1981], p. 206).

As consequências psíquicas do encontro com Outro sexo na puberdade são galgadas desde a infância, a partir da primazia do falo na infância como demarcador do território da sexualidade e a fronteira psíquica da representação no inconsciente: o Outro do sexo. Como o falo é o único significante da sexualidade, por isso a teorização psicanalítica considera que na infância existe apenas a existência de um sexo, na adolescência o Outro sexo configura-se na dimensão do irrepresentável na medida em que ultrapassa, como acontecimento de corpo, o que se pode saber. Esse encontro pode se dar enquanto catastrófico na puberdade, na medida em que não existe um saber prévio que indique ou regulamente o encontro com esse Outro campo enigmático. Lacadée (2012) nos fala sobre esse encontro com o inominável na adolescência e que se torna, muitas vezes, intraduzível em palavras:

O paradoxo com o qual ele se vê, então, confrontado em seu encontro com a sexualidade é que ele vive esta última sempre de maneira inacessível, por não poder traduzí-la em palavras. É por essa razão que Lacan fala em Outro sexo. [...] Lacan precisa que não há termo melhor que exílio para exprimir a não-relação sexual. O traumatismo da sexualidade faz furo no real (IBIDEM, p. 258).

É nesse momento de abertura ao enigma do sexo que o púbere fará o seu apelo ao saber paterno. Costa (2001) nos ensina que:

Nesse lugar, o sujeito, lança mão do recurso de um apelo ao saber paterno, aquele que o situa na referência ao Outro sexo, na referência ao feminino. Cabe acrescentar que “feminino” traz uma dimensão de indeterminação, que vai caracterizar sempre o desejo materno como enigma, marcando essa impossibilidade de definir uma representação única para o desejo (IBIDEM, p. 104) .

Nesse primeiro capítulo abordamos o que constitui o adolescente, desde um lugar estúpido e inefável a uma identificação em que escolhe se apoiar e se constituir. Mas essa identificação o define e responde por ele até o momento em que se depara com a parte pulsional do seu ser – o objeto *a* - e que o solicita a gozar de uma nova posição desejante na vida, um desejo que não virá sem angústia.

## 2. Pulsão e angústia na gênese do objeto *a*

### 2.1. Pulsão – Um mito freudiano

Em um primeiro capítulo desta dissertação, introduzimos a pulsão sexual para descrever a adolescência por meios lógicos e não como uma etapa do desenvolvimento. Esta introdução nos levou a considerar os termos pulsionais para que pudéssemos compreender em que termos podemos introduzir um debate em psicanálise sobre a problemática do ato e da adolescência.

Dessa forma original abordaremos a adolescência. Por intermédio de um despertar das pulsões parciais, a sexualidade pode legislar na adolescência e, assim, exercer sua atividade no que concerne ao encontro sexual. O despertar da adolescência para o sexual acontece por meio da demanda do Outro que solicita que o sujeito goze do seu objeto de amor. Em seus escritos, Lacan (1960 [1998] p.863) nos diz: “não há acesso ao Outro do sexo oposto senão através das chamadas pulsões parciais, onde o sujeito busca um objeto que lhe reponha a perda de vida que lhe é própria, por ele ser sexuado”.

Porém onde o sujeito é chamado a gozar desse objeto, nunca o é de maneira pacífica, é o que Lacadée (2007, p.4) discute sob a rubrica da mancha negra no coração do púbere, em suas palavras “Esta região obscura que habita profundamente o ser e que diz respeito à sua parte pulsional”. Essa força pulsional, que habita o jovem, é o que singulariza o seu gozo no campo da sexualidade, mas que lhe retorna sempre como algo estranho e separado do adolescente e do qual não se dá conta.

Se em nosso primeiro capítulo nos remetemos em fundamentar a adolescência como um despertar para o sexual balizado, a partir de uma posição sexual orientada, e que está baseada em uma identificação ao pai; neste capítulo, nos dedicaremos ao outro lado do que está em jogo nessa posição sexual e que escapa à identificação. Pensaremos a posição sexual orientada a partir do desejo e do gozo, faces da mesma moeda abordadas através do objeto *a*. Pensamos que a presença desse objeto *a*, no coração do jovem ser, é o que testa o pai como identificação. É o que comumente encontramos em um dito adolescente muito comum: “*Você não sabe o que fazer com a minha vida!*”. Tendo como base esse dito, a pergunta que nos permeará é: afinal, o que você quer dizer quando me diz que os seus pais não sabem o que fazer com a sua vida?

Às vezes, é por meio do ato – tanto *acting out* quanto a passagem ao ato - que os jovens fazem seu apelo a esse Outro acreditando que assim serão reconhecidos como sujeitos. No entanto, são reconhecidos na condição de identificação a algo que pode ser mortífero para o jovem, uma identificação a condição de objeto para o Outro. Condição imposta a todos os seres, mas que também possui uma face de morte subjetiva se está identificada como um rompimento total ao Outro, pois mesmo que se acredite que o Outro não sabe o que fazer com a nossa vida, é através dele que se prescinde para construir uma resposta para o: “*E, agora, o que farei da minha vida?*”.

Para pensarmos o traçado do conceito de ato e sua proximidade à adolescência faz-se primordial compreender a pulsão e angústia no ensino de Lacan. Não só porque sua abordagem desse objeto pulsional é o que de fato define uma diferença crucial entre o que é *acting out* e passagem ao ato mas porque incide sobre a adolescência como o essencial desse período da vida.

A passagem ao ato, até a invenção do objeto *a*, por exemplo, estava sob o crivo de uma dissolução do imaginário, algo muito próximo do conceito de agressividade em que, na relação especular, algo entre o sujeito e o Outro se estilhaça. Com a revisão do conceito de angústia, Lacan propõe um objeto, cuja a presença pode ser tanto causa de desejo, como o sinal de uma presença avassaladora. Dessa proposição, Lacan retoma o conceito de ato, a partir do objeto da angústia, como uma presença que corporifica o real como sem-sentido e que encarna a faceta de resto do que todo o sujeito já foi para o Outro.

Iniciaremos essa discussão introduzindo um verdadeiro mito freudiano. A pulsão é uma invenção freudiana que transmuta um vocábulo, comum à filosofia, na tentativa de estabelecer o que se opera na estrutura sobre o impasse sexual dos seres humanos. Assim é a pulsão. Algo que nunca escapou a Freud como um conceito fundamental para a teoria psicanalítica mas também como sutilmente peculiar dada à sua difícil apreensão. Ainda no fim de sua obra, Freud sustenta essa característica única a pulsão:

A teoria da pulsão é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-los, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente (FREUD 1932 [2006], p. 98)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>Devido aos contínuos erros de tradução das “*Obras completas de Sigmund Freud*”, nos autorizamos a utilizar neste texto uma tradução pertinente aos conceitos psicanalíticos. Portanto utilizaremos os termos: pulsão, recalque e angústia ao invés de instinto, repressão e ansiedade.

Em vez da definição de pulsão como mitologia, Lacan a define e a representa como uma montagem. Mas evoca a especificidade do real dos seres falantes, que por si só é difícil de apreender, a não ser por meio do simbólico, evocado pela dimensão dos mitos.

As pulsões são nossos mitos, disse Freud. Não se deve entender isso como uma remissão ao irreal. É o real que elas mitificam, comumente, mitos: aqui, aquilo que produz o desejo, reproduzindo nele a relação do sujeito com o objeto perdido (LACAN, 1964 [1998] p. 867).

A pulsão é de tão singular apreensão que ficou estagnada por anos nas elaborações confusas dos teóricos pós-freudianos, na falta de compreensão dos “anti-freudianos” e, até mesmo, na distorção dos tradutores da própria obra freudiana. O que por muitos anos a confundiu com a função do instinto. Devido a tal mistura, retirou-se a propriedade fundamental da pulsão de definir a sexualidade humana como distinta do funcionamento animal. Lacan nos adverte, em seus escritos, sobre o perigo da confusão com instinto:

A pulsão, tal como é construída por Freud a partir da experiência do inconsciente, proíbe ao pensamento psicologizante esse recurso ao instinto com que ele mascara a sua ignorância, através de uma suposição de uma moral na natureza [...] a pulsão freudiana nada tem a ver com o instinto (nenhuma das expressões de Freud permite essa confusão) (IBIDEM, p. 865).

A tradução do termo alemão *Treib*, que foi originalmente utilizado por Freud em sua obra, perdeu a sua especificidade ao ser traduzida através do termo em inglês *instinct*, pois o acento da sua definição recaiu sobre o instinto ou, mais precisamente, se aproximou do impulso inato, de algo com o sentido exato. Mas, a especificidade da pulsão está justamente no fato de que no campo da sexualidade, ela é essencial como um saber a ser construído e não um conhecimento inato:

O instinto, dentre os modos de conhecimento que a natureza exige do ser vivo para que ele satisfaça suas necessidades, defini-se como o conhecimento que é admirado por não poder ser um saber. Mas outra coisa é aquilo de que se trata em Freud, que é efetivamente um saber, mas um saber que não comporta o menor conhecimento (IBIDEM, 1960[1998] p. 818).

Por isso, a sustentação do termo alemão *Trieb*. Ao comentar a distinção entre a pulsão e o instinto, Jaanus (1995, p.136) nos lembra que enquanto “o instinto é dessexualizado, a pulsão é erótica. Assim comer porque se tem fome é uma coisa, mas comer num sonho requer a pulsão com seu erotismo alucinado”.

Isso nos relança a um outro nível conceitual, que alcançamos melhor através da leitura de Lacan. Se a pulsão não envolve o campo do biológico e possui uma atividade erótica que fundamenta a relação dos seres humanos, então ela decorre de uma relação libidinal do sujeito com o Outro. Ela se origina da intervenção de um Outro que, através de sua demanda, introduzirá o sujeito no campo da linguagem e da sexualidade.

Comemos ao pedir, chorar, gritar a alguém que interpreta a nossa demanda e nos introduz nessa dialética; da mesma maneira, defecamos no vaso, nos aseamos conforme o estabelecido, atendendo ao pedido de um Outro. A função da pulsão se constitui nesse circuito que inclui o Outro, que se faz presente em sua demanda. Sem a demanda do Outro, que se introduz através dos significantes, não existe pulsão. Para Jaanus (1997) essa articulação da pulsão à demanda do Outro, através da linguagem, é fundamental.

Por não ter linguagem um animal jamais desenvolve plenamente pulsão ou desejo [...] Ele nunca perdeu nada, o que seria o requisito fundamental para o desejo tanto para a pulsão quanto para o desejo. Portanto não tem concepção de uma alteridade radical [...] a linguagem se engancha fundamentalmente na pulsão (IBIDEM, p.138).

A pulsão é uma consequência da articulação na linguagem da demanda do Outro. Obviamente, a demanda do Outro não corresponde absolutamente à necessidade. Lacan nos ensina o quanto a pulsão passa longe da necessidade ao evocar a mudança de um objeto a outro no desenvolvimento do sujeito: “A passagem da pulsão oral à pulsão anal não se produz por um processo de maturação, mas pela intervenção de algo que não é do campo da pulsão – pela intervenção, o reviramento, da demanda do Outro” (Lacan 1964 [1985] p.177). É justamente isso, que nos escapa na correlação entre necessidade e demanda, que será central para a compreensão da pulsão, trata-se do desejo. Para Ribeiro (1997, p.52) “A pulsão é veiculada pelos significantes da demanda [...] e resta-nos agora acrescentar que o desejo vai surgir nos intervalos da cadeia significante, ou seja por entre os significantes da demanda, não se confundindo com esta”.



Apesar de ser um conceito adiantado por Freud (1895 [2006]) em seu texto “Projeto para uma psicologia científica” - fator já mencionado nesta dissertação - é apenas em 1905 [2006] que Freud tomará a construção do conceito como fundamental para introduzir os seus ensaios sobre sexualidade, nos quais ele define a pulsão por sua função.

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do estímulo, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico [...] devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico (FREUD, 1905 [2006] p. 159).

As zonas erógenas oral e anal, abordadas através das fontes somáticas, por muitos anos levou os pós-freudianos a um equivocado sonho de completude e totalidade em relação ao corpo. Isso se deve à confusão quanto à importância da função parcial, que se refere a representação parcial da pulsão em relação a função somática. Para Caldas (1997):

Nada melhor para definir a total submissão do órgão ao significativo, de sorte que a zona erógena só revela o seu caráter de somática pelo que resta impossível na significação [...] O residual da pulsão é seu caráter de irredutível a toda operação de representação. Freud quem nos ensinou que o somático da psicanálise segue outras leis que não as da fisiologia (IBIDEM, p.281).

A elaboração freudiana de 1905 [2006] refere-se a pulsão como uma fonte energética constante na neurose que se expressa através dos sintomas, que seriam nada mais do que a atividade sexual dos doentes. Só poderiam ser elaboradas através de um saber que não se encontrava posto nem conhecido, mas que se construía no campo linguajero do inconsciente e se transmitia através da fala das histéricas. Essa definição de pulsão nos remete a uma energia que nasce no corpo, mais especificamente em uma fonte somática, e põe o psiquismo a trabalhar através da atividade sexual dos neuróticos, ou seja:

Essas psiconeuroses, até onde chegam minhas experiências, baseiam-se em forças pulsionais de cunho sexual [...] essa contribuição é a única fonte energética constante da neurose e a mais importante de todas, de tal sorte que a vida sexual das pessoas em pauta expressa-se de maneira exclusiva, ou predominante, ou apenas parcial, nesses sintomas [...] A psicanálise elimina os sintomas dos histéricos

partindo da premissa de que tais sintomas são um substituto [...] de uma série de processos, desejos e aspirações investidos de afeto. (FREUD, 1905 [2006] p. 154-155).

Trabalhando o conceito de pulsão através do seu caráter parcial, Freud especifica-a por uma fonte (oral ou anal) e por um alvo (resolução de uma tensão interna através da satisfação provocada na zona erógena). Através da descrição da parcialidade da pulsão, Freud direciona a validade do seu conceito ao determinar o poder de representação marcante, que se exprimirá futuramente no tipo de relações de objeto eleitas pelos sujeitos e repetida com os seus pares. Freud exemplifica essa parcialidade da pulsão por meio da descrição sobre a estimulação da zona anal: “a retenção da massa fecal, a princípio intencionalmente praticada para tirar proveito da estimulação como que masturbatória da zona anal, ou para ser empregada na relação com as pessoas que cuidam da criança” (Freud, 1905 [2006] p. 176).

Dessa forma podemos interpretar com Lacan, munidos da leitura do seu *Seminário 4 - A relação de objeto* (1956-57 [1994]), a importância das ditas zonas erógenas, enquanto formas de relação da criança frente à demanda do Outro, designando sempre uma relação que pode incluir uma falta ou um excesso.

Após a descrição das fontes de satisfação da sexualidade infantil, que por serem auto erótica obtêm a satisfação da pulsão no próprio corpo, chegamos a outra importante tarefa relacionada a pulsão sexual: no que concerne as transformações da puberdade, a sexualidade infantil se aproximará de uma estruturação sexual que deverá contemplar, além de privilegiar o genital como zona erógena, a pulsão sexual não mais apenas em seu caráter auto erótico, mas também a serviço do encontro com o objeto.

Seguindo a construção do conceito de pulsão, destacamos a presença contínua de dois outros conceitos necessários, utilizados por Freud: afeto e recalque. O afeto será discutido posteriormente no momento em que dissertarmos sobre a angústia, momento privilegiado da vida pulsional do sujeito. Mas o recalque, em especial, tem influência fundamental para a teoria da pulsão, e será discutido desde a sua primeira abordagem teórica detalhada, presente no texto “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)” (1911 [2006]), mais conhecido como “o caso Schreber”. Ao descrever o mecanismo do recalque na paranóia, Freud afirma que:

Sobre o tema do mecanismo do recalque na paranóia [...] a maneira pela qual o processo de recalque ocorre acha-se muito mais intimamente vinculada à história do

desenvolvimento da libido e à disposição a que ele dá origem, do que a maneira pela qual os sintomas se formam (IBIDEM, p. 74).

Do processo referente ao recalque, que fora detalhado em três fases, nos interessa especificamente o primeiro deles, que consiste na fixação precursora necessária a todo recalque. Nesse momento do desenvolvimento libidinal a pulsão, ou um componente pulsional, não acompanharia os outros componentes no curso normal previsto e seria deixada para trás no curso do desenvolvimento, em um estágio mais infantil. “Já demonstramos que essas fixações pulsionais constituem a base para a disposição à enfermidade subsequente” (Freud, 1911 [2006] p. 74).

Apesar desse desligamento da libido não ser um fator essencialmente patogênico na paranóia, Freud distingue o desligamento paranóico da libido dos outros tipos. Ele argumentava que na histeria a libido liberada transformaria-se em inervações somáticas ou em angústia e, na paranóia, após ser retirada do objeto a libido vincularia-se ao eu e serviria para o engrandecimento deste, retornando assim ao estágio do narcisismo, no qual o eu seria um objeto sexual. A paranóia seria uma fixação no estágio do narcisismo. Em relação ao mecanismo do recalque na paranóia, Freud faz descobertas essenciais:

O desligamento da libido em relação à figura de *Flechisg* pode, não obstante, ter constituído o elementar no caso de Schreber; foi imediatamente seguido pelo aparecimento do delírio, que trouxe a libido de volta novamente para *Flechisg* [...] e anulou assim o trabalho do recalque (IBIDEM, p.80).

É exatamente durante essas descobertas sobre o mecanismo do recalque na paranóia, que se tratava de um desligamento da libido e um conseqüente anulamento do trabalho da recalque, que observamos Freud se questionar sobre os seus desenvolvimentos teóricos e sobre a importância de uma teoria das pulsões mais bem fundamentada para explicar se a retirada do investimento libidinal poderia realmente explicar todo o fenômeno da paranóia.

É entre essas dúvidas sobre suas construções teóricas que Freud observa um novo lugar para o narcisismo no desenvolvimento libidinal. A entrada do narcisismo na lógica do desenvolvimento sexual reconfigura novas distinções entre a libido do eu e a libido objetal. A introdução de uma nova teoria da libido contribuirá para a fundamentação teórica posterior da pulsão.

Com a elaboração do texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” Freud consolida o narcisismo como uma fase intermediária necessária entre o amor auto-erótico e o amor-objetal, distinguindo libido do eu e libido do objeto. Originalmente, no início da vida mental, o eu é investido com as pulsões, sendo, até certo ponto, capaz de satisfazê-las em si mesmo. Esta fase inicial do desenvolvimento do eu, durante a qual suas pulsões sexuais encontram satisfação auto-erótica, será uma grande referência ao conceito de pulsão. Ao situar uma libido do objeto e uma libido do eu, o campo do eu foi anexado ao campo das pulsões sexuais, pois o eu também poderia ser um objeto de investimento libidinal. Vieira (1997, p.132) nos traduz a influência do texto sobre o narcisismo sobre o destino da pulsão: “Em ‘Para introduzir o narcisismo’ ele situa, primeiramente, que ama-se a si mesmo nos outros e, em seguida, que o eu é um objeto como os outros – por isto ele está também implicado no circuito pulsional”.

A primeira dicotomia pulsional foi descrita por Freud pela primeira vez em 1910 [2006] em seu texto: “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”, no qual as pulsões já eram classificadas em pulsões de autoconservação (pulsões de vida) e pulsões sexuais. O dualismo pulsional de 1914 é concebido sobre a rubrica de que as pulsões sexuais se apoiavam sobre as pulsões de autoconservação (pulsões do eu). Nessa classificação sugar o dedo não é uma atividade qualquer, ela revela o apoio de uma atividade prazerosa da mucosa oral, sobre uma atividade vital ao ser humano, a amamentação (Coutinho, 2011, p. 48). “A hipótese de pulsões do ego e pulsões sexuais separados (isto é, a teoria da libido) está longe de repousar, inteiramente, numa base psicológica, extraindo o seu principal apoio da biologia” (Freud, 1914 [2006] p.86).

O texto do narcisismo é fundamental na história da psicanálise que possui influência decisiva sobre a construção dos artigos metapsicológicos freudianos. Devido a teoria da libido e sua distinção fundamental em “libido do eu” e “libido do objeto”, que evoca o investimento da libido passando pelo outro, podemos apreender a pulsão em sua precisão teórica. Mas a relevância desses artigos e seu acréscimo fundamental para a teoria encontra-se no fato de que se Freud descrevia as pulsões como representante psíquico de uma fonte de estímulos somáticas, neles Freud distingue muito acentuadamente a pulsão do seu representante psíquico. Dentre os artigos que destacaremos, utilizaremos três referências importantes para o conceito de pulsão: As pulsões e suas vicissitudes (1915 [2006]); Recalque (1915 [2006]) e o Inconsciente (1915[2006]).

No texto sobre o inconsciente (1915 [1989]) o núcleo do inconsciente é descrito como formado por representantes pulsionais que procuram uma descarga para a sua catexia, ou seja,

impulsos carregados de desejo. Parte dessa concepção a idéia mais fundamental de que da pulsão temos apenas notícias no nível consciente através do representante psíquico da representação. Esses representantes pulsionais eram assim descritos em relação à pulsão. Daqui nos valem do ensino de Lacan para completar esse raciocínio tão complexo de Freud, pois, não podemos ter acesso a pulsão a não ser através do seu representativo. Será por meio dos significantes que se apresentam na demanda do sujeito que teremos acesso à esta pulsão.

Mas, é apenas no texto dedicado à pulsão (1915 [2006]), que observamos um estudo detalhado do funcionamento desta. Suas elaborações o levam a reconsiderar a classificação das pulsões bem como os seus determinantes. Para Leguil (1997, p. 300) nesse artigo observamos Freud voltar seu interesse às articulações existentes entre o gozo e o sujeito. Ao se perguntar sobre que gozo está em causa e de que forma o sujeito se relaciona com ele. Nos termos de Freud (1915 [2006] p. 125): “Chegamos assim à natureza essencial das pulsões, considerando em primeiro lugar suas principais características – sua origem em fontes de estimulação dentro do organismo e seu aparecimento como uma força constante”.

A pulsão ainda será uma fronteira entre o mental e o somático, mas agora como “o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (Ibidem, p. 127).

Nesse texto também estão delimitados os termos utilizados em referência à pulsão, dentre eles: sua pressão, que é a exigência de trabalho representada pela pulsão; a finalidade, que em relação a pulsão é sempre a sua satisfação; seu objeto, que é o meio pelo qual a pulsão conseguirá satisfazer-se; e sua fonte que se refere ao órgão ou parte do corpo cujo estímulo é representado na vida mental por uma pulsão.

A esse conceito acrescentaremos a leitura minuciosa feita por Lacan sobre os quatro termos referentes à pulsão. Primeiro ele destaca o impulso; que na pulsão é sempre constante, fazendo com que ela não tenha dia, hora ou lugar. Diferente, portanto, do impulso biológico da fome ou sede nos quais, após a satisfação, o impulso cessa. Aprendemos também com Lacan que o alvo da pulsão é a satisfação, mas na sua leitura ele coloca em questão do que se trata na satisfação pulsional. O problema não se restringe, segundo ele, a atingir um alvo; essa satisfação não é outra coisa a não ser um circuito desenhado pela pulsão ao circundar o objeto que lhe satisfaz.

Nas vicissitudes referentes a pulsão, abordaremos dois dos destinos pulsionais, devido a importância que suscitam. “Reversão ao seu oposto” e “Retorno ao próprio eu” – são atividades pulsionais que estabelecem uma profícua conexão com a máxima lacaniana de que

o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Caldas (1997, p.274-275) nos ensina que essas vicissitudes da pulsão “traçam a via do pulsional como submetida a uma lógica de lugares oriundos dos lugares estabelecidos pela gramática em função de uma sintaxe. Sujeito, objeto, ativo, passivo e reflexivo, são as referências nas quais Freud se pauta para estudar a pulsão”, estabelecendo, assim, em definitivo, o lugar do ser falante entre o campo do Outro e o campo do pulsional. Lacan (1964[1985] p. 191), estabelece que a atividade da pulsão se concentra nesse “se fazer” por exemplo, no nível oral: “*se fazer chupar*”; no nível anal “*se fazer cagar*”.

Quanto à relação da pulsão com a atividade-passividade, penso ter-me feito suficientemente entender ao dizer que no nível da pulsão, ela é puramente gramatical. Ela é suporte, artifício que Freud emprega para nos fazer sacar o vaivém do movimento pulsional (IBIDEM, p.195).

Apesar de fazer consideráveis contribuições para o conceito de pulsão através dos textos metapsicológicos, é apenas em 1920 [2006], em seu texto “Além do princípio do prazer”, que observamos a contribuição freudiana mais original ao conceito de pulsão. Freud pensava naquela época de sua teoria, que o aparelho psíquico apenas funcionava regido pelo princípio do prazer. Mas, em suas pesquisas, ele se depara com algo que subverte a lógica estabelecida desde então. Em consequência dessas novas hipóteses introduziu uma última dualidade pulsional.

Através da análise dos sonhos de sujeitos afligidos por neuroses traumáticas, observou-se que esses constantes sonhos referiam-se a lembranças vívidas da experiência traumática em si, suscitando um problema para a concepção do aparelho psíquico, apenas regido pelo princípio do prazer. Essa repetição incessante da experiência traumática, que ocorria tanto em pacientes que sofriam acidentes, como em pacientes neuróticos, convenceram Freud que não é sempre que o psiquismo busca obter o prazer e evitar o desprazer: “Existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer [...] a compulsão à repetição e a satisfação pulsional que é imediatamente agradável, parecem convergir em associação íntima” (Freud, 1920 [2006] p. 33).

Lacan, em sua leitura sobre a pulsão, nos lembra sobre uma impossibilidade, inerente ao psiquismo, de alcançar e manter-se no princípio prazer, e nos alerta que a satisfação da pulsão é justamente paradoxal, pois o psiquismo também se satisfaz pela via do desprazer, em um aumento de tensão. Ele ainda nos presenteia com uma afirmação sobre o real como esse obstáculo que cristaliza o impossível ao princípio do prazer dizendo que: “Em Freud, é desta

forma que aparece o real, a saber, o obstáculo ao princípio do prazer” (Lacan 1964 [1985] p.165).

Coutinho Jorge (2010, p.125) nos orienta sobre essa afirmação de Lacan traduzindo o real como intersecção entre o inconsciente e a pulsão. “Esse real, quando surge sob a égide do inconsciente, adquire um nome, que é S(A barrado), ou seja, a falta de pelo menos um significante no campo do Outro, e, quando ele surge sob a égide da pulsão, é chamado de objeto *a*, objeto faltoso da pulsão”.

Freud postulava que existia uma força que se sobressaía sobre o princípio de constância e se relaciona com o princípio do prazer quando o que é experimentado na compulsão causava desprazer ao eu. Essa força traria à luz as atividades dos impulsos pulsionais recalçados, mas causaria satisfação ao outro sistema, “Podemos supor que, desde o momento em que uma situação, tendo sido uma vez alcançada, é desfeita, surge uma pulsão para criá-la novamente e ocasiona fenômenos que podemos descrever como uma ‘compulsão à repetição’” (Freud, 1932 [2006] p. 108).

É justamente a partir desse novo papel no psiquismo dado à compulsão à repetição, que observamos Freud redefinir o papel do princípio do prazer no psiquismo e inaugurar uma nova dicotomia pulsional. A compulsão à repetição já tinha sido abordada em textos como “Recordar, repetir e elaborar” (Freud 1914 [2006]) e “O estranho” (Freud 1919 [2006]) era um fenômeno que se apresentava desde o comportamento das crianças, até o tratamento analítico, pertencente a natureza mais íntima da pulsão. A compulsão à repetição, estava associada à dimensão da transferência como repetição. Mas é com a leitura de Lacan que observamos diferenças cruciais no que concerne ao conceito de repetição e transferência (1964 [1985]) e com isso introduzir a especificidade da pulsão.

É moeda corrente ouvir-se, por exemplo, que a transferência é uma repetição. Não digo que isto seja falso e que não haja repetição na transferência. Não digo que não tenha sido a propósito da transferência que Freud abordou a repetição. Digo que o conceito de repetição nada tem a ver com o de transferência (IBIDEM, p. 39-40).

Muito distante de uma rememoração “agida”, o conceito de compulsão à repetição encontra em Lacan, a especificidade que lhe faltava. A repetição é tratada como um encontro com o real, com a dimensão do impossível da sua satisfação, enquanto a transferência será descrita como a realidade sexual do inconsciente, o que a relança à dimensão da pulsão, uma vez que o campo da sexualidade se faz representar. Marie-Hélène Brousse (1997, p. 118-119)

suscita essa diferença específica e importante para o conceito através do ensino de Lacan: “A pulsão será derivada dessa definição de transferência, e de um outro termo, ‘sexualidade’”.

O fator novo sobre a compulsão à repetição, principalmente em relação aos textos: “Recordar, repetir e elaborar” (Freud 1914 [2006]) e “O estranho” (Freud 1919 [2006]) é a rememoração de experiências passadas que também se estendem a experiências que não incluíam nenhuma possibilidade de prazer e que não traziam satisfação, mesmo para os impulsos pulsionais.

Parece, então, que uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão de inércia inerente à vida orgânica. (FREUD 1920 [2006] p. 47).

Freud percebe que existem exceções dentro do psiquismo, pois nem tudo obedece apenas ao princípio do prazer. Esse princípio não poderia governar sozinho o aparelho psíquico. Apesar das concepções sobre a pulsão, desde o início, serem dualistas, é com esse acréscimo fundamental a sua teoria que Freud observará o princípio do funcionamento psíquico como estando sempre além do princípio do prazer. Ao se deparar com os fenômenos clínicos da neurose traumática, o brincar infantil e os sonhos traumáticos, Freud tenta harmonizar o princípio do prazer com a repetição angustiante que se encontrava nesses fenômenos. A pulsão de morte é um conceito central para a psicanálise e revela uma função que está no cerne do aparelho psíquico, pois se encontra à beira dessa compulsão à repetição. Para Coutinho (2010):

Na elaboração que Freud faz da pulsão de morte há, sem dúvida, uma aproximação do gozo. Freud não conceitua o gozo, mas mapeia o seu campo, traçando a fronteira que o situa mais além do princípio de prazer, e é isso que constituirá o ponto de partida de Lacan para definir o gozo (IBIDEM, p.128).

Lacan em seu *Seminário Livro 7 – A ética da psicanálise* ” (1959-60 [1986] p. 251) nos ensina a tratar o gozo como a própria satisfação da pulsão de morte. “O gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade (*besoin*), mas como a satisfação de uma pulsão”. A originalidade de Lacan se faz presente, ao repensar o papel da pulsão de morte nesse Seminário, não do lado da pura destrutividade, como o pensamento freudiano muitas vezes nos leva a associar.



A pulsão, como tal, e uma vez que é então pulsão de destruição, deve estar para além da tendência ao retorno ao inanimado [...] a tendência ao equilíbrio que estou chamando assim por enquanto. Vontade de destruição. Vontade de recomeçar com novos custos. Vontade de Outra-coisa, na medida em que tudo pode ser posto em causa a partir da função significante (IBIDEM, p. 254).

A pulsão de morte também tem uma outra dimensão associada, que para Lacan implica a criação. Em seu ensino, essa vontade de criação parte do princípio que é preciso ser atingido um ponto de nada, onde a criação pode se tornar possível. Partindo desta interpretação de Lacan de uma pulsão de morte que, para o inconsciente, não representa apenas destrutividade mas, também, uma vontade criação, pode-se entender o porque da afirmação em seu texto “*Posição do inconsciente*” (Lacan, 1960 [1998] p. 863) que “Toda pulsão é virtualmente pulsão de morte”.

No entanto, essa parte pulsional trabalhada por Lacan que corresponde a novidade aparece com frequência de forma contingente e possui uma face de desejo. Este desejo se revela sempre nas eventualidades, nos deixando por diversas vezes em uma posição de embaraço. Desejo e angústia em Lacan tem uma relação de contiguidade, ou seja, seremos afetados pela angústia sempre que confrontados a uma posição desejante na vida. Para Solano-Suarez (2006, p.183) “A causa do desejo condensa efeitos maciços de angústia”.

Essa face de desejo e gozo na experiência subjetiva da angústia, são trabalhadas a partir de 1962-63, no ensino de Lacan sob a rubrica do objeto *a*. Esse objeto, que corresponde ao campo pulsional do sujeito, condensa as experiências subjetivas de desejo e gozo quando este se depara com a castração do Outro. Para a adolescência, a experiência da angústia comparece nesse momento em que o púbere depara-se com a castração do Outro. O adolescente acredita que a falta do Outro implica necessariamente o seu desmoronamento como sujeito, por isso tenta evitar a todo custo esse encontro com o lugar do desejo. Esse evitar tem o seu efeito revés, pois o jovem corre o risco de preencher esse lugar da falta, encerrando o que lhe causa como ser desejante.

Para o próximo tópico nos debruçaremos sobre essa experiência que tem como signo o desejo.

## 2.2. Angústia – Um afeto fundamental

Após percorrermos o corpo teórico da pulsão, pudemos perceber a relação íntima existente entre esse conceito e o afeto da angústia, além de ser possível visualizar o denominador comum a ambos: o recalque. Até o fim da sua obra, Freud nunca abriu mão dessa relação indissociável entre pulsão e angústia, apesar dessa associação parecer inicialmente cheia de percalços e mudanças – principalmente após 1920 com o advento da pulsão de morte e a construção da segunda tópica freudiana.

Para abordar o conceito de angústia utilizaremos da mesma lógica utilizada para a pulsão. Percorreremos a construção desse conceito em Freud e acrescentaremos as inovações de Lacan sobre o conceito de angústia.

Em suas idéias a respeito da neurose, Freud sempre se perguntou sobre as lacunas existentes em sua teoria das neuroses. Ao considerar a angústia em sua teoria, observamos Freud introduzir um novo modelo para o afeto e isso se inicia em sua carta 18, escrita em (1894 [2006]). As neuroses eram descritas como “transformações de afeto” - a histeria era uma transformação do afeto; a neurose obsessiva se tratava de um deslocamento do afeto e a neurose de angústia e a melancolia eram uma troca de afeto – e eram abordadas como uma “excitação sexual que parece sofrer essas alterações, mas o estímulo para elas, em todos os casos, é algo sexual” (Freud, 1894 [2006] p. 233).

Freud, então, começa a pensar que o comportamento anormal dos afetos sexuais desembocavam em processos de angústia. Desse modo ele argumentava que os processos de conversão, deslocamento e transformação do afeto eram um modelo novo para abordar essas afecções; é a partir desse ponto que a história da angústia como o principal afeto da clínica psicanalítica começa.

Em 1895 ao se perguntar sobre como se origina a angústia Freud observa que tanto mulheres frígidas como as sensíveis eram atingidas pela neurose de angústia, ele levanta a hipótese de que a origem da angústia não deveria ser buscada na esfera psíquica e que estava radicada na esfera física: “É um fator físico da vida sexual que produz a angústia [...] Tendo em mira esse ponto, reuni os casos em que encontrei a angústia originando-se de uma causa sexual” (Freud, 1894 [2006] p. 235-236). Como Freud era um neurologista com uma carreira científica voltada para a fisiologia, e ele ainda estava ligado a ambição de apresentar os seus dados em termos fisiológicos. Observamos nesses textos a angústia ser concebida no início de sua teorização, como uma transformação automática da excitação somática acumulada por uma ausência de descarga.

Essa construção alcançará um certo limite dentro da teorização, pois em 1905 [2006], com a elaboração dos “Três ensaios sobre sexualidade” e com a entrada em jogo do advento

da pulsão – que elevava a sexualidade humana a um patamar um pouco mais separado apenas de aspectos somáticos – observamos a teoria se reformular. Agora, a angústia não será mais concebida como um produto da transformação direta da energia somática e sim como um produto da transformação da libido – que é a energia psíquica da pulsão – e será concebida como um resultado do recalque.

Ao descrever o recalque no psiquismo, Freud aponta que: “As excitações correspondentes continuam a ser produzidas como antes, mas são impedidas por um obstáculo psíquico de atingir o seu alvo e empurradas para muitos outros caminhos, até que se consigam expressar como sintomas” (Freud, 1894 [2006] p.224). A angústia, agora será abordada em termos econômicos. O seu papel é redesenhado na teoria psicanalítica, agora em função do recalque – onde o papel da pulsão foi extensamente pensado.

Freud ao elaborar os seus artigos metapsicológicos afirma que a pesquisa psicanalítica descobriu a transformação da libido como origem da angústia neurótica, desta forma a teoria sobre uma possível gênese em uma energia neuronal é substituída por conceito de libido.

O fator quantitativo do representante pulsional possui três vicissitudes possíveis, tal como podemos verificar pelo breve exame das observações feitas pela psicanálise: ou a pulsão é inteiramente suprimida, de modo que não se encontra qualquer vestígio dela, ou aparece como um afeto que de uma maneira ou de outra é qualitativamente colorido, ou transformado em angústia. As duas últimas possibilidades nos apontam a tarefa de levar em conta, como sendo uma vicissitude pulsional ulterior, a transformação em afetos, e especialmente em angústia, das energias psíquicas das pulsões. (FREUD, 1915 [2006] p. 157-1158).

A mutação mais significativa referente à angústia, são formuladas no texto de 1926 [2006] “Inibição, sintoma e angústia”. Esse texto ocorre sob a influência do advento da segunda tópica freudiana, onde a introdução do conceito de pulsão de morte volatiliza uma modificação significativa na teoria da angústia, pois ela não será mais pensada como resultado da libido acumulada.

Neste ponto das elaborações freudianas encontramos uma primeira dicotomia para a angústia. A angústia seria uma reação a uma excitação endógena, relacionada a um perigo endopsíquico ou como uma reação a uma excitação exógena, na qual se poderia empreender uma fuga. Observamos a noção de Freud sobre a angústia ultrapassar a noção de libido transformada que procurava uma descarga para a sua catexia para uma concepção de angústia ligada ao perigo.

Em 1926 [2006] a angústia será retratada através do novo papel ocupado pela castração, como um tipo especial de perigo. Aqui, a castração será considerada a força motriz do recalque. “É sempre a atitude de angústia do eu que é a coisa primária e que põe em movimento o recalque. A angústia jamais surge da libido recalcada [...] Agora não posso mais manter esse ponto de vista”. (Freud, 1926 [2006] p.111). Aqui nos deparamos com uma segunda teorização da angústia em Freud. Se em um primeiro momento o recalque é que causava a angústia devido a quantidade de libido não descarregada pelo psiquismo, no segundo momento de sua teoria será a angústia, abordada como angústia de castração, a responsável pelo recalque. Para Vieira:

Neste texto, a angústia como afeto básico não terá mais a noção de descarga como traço constitutivo fundamental, mas sim a de sinal do eu com relação a um perigo interno que se liga a uma perda associada à castração. A angústia-sinal é agora a recriação de uma situação traumática mítica, definida como afluxo de “estímulos” e de idéias insuportavelmente desagradáveis porque não podem ser “dominadas psicologicamente” (IBIDEM, 1997, p.134).

Esse tema será tratado ao revisitar a análise do caso Hans, no qual, Freud reconhece o papel da fobia em um menino de cinco anos. Uma fobia a cavalos que, através da operação do recalque, opera uma substituição do pai pelo cavalo. Marcus André Vieira, em seu livro “A Ética da paixão” nos descreve melhor essa virada teórica da angústia de Freud em relação a castração:

O amor pela mãe não pode ser o responsável pelo recalque. Ele não é naturalmente inaceitável, mas sim tornado proibido. O menino não teme seu amor por sua mãe, pelo contrário. É preciso uma intervenção externa, uma ameaça, que dará a esse amor o caráter de um perigo interno, fazendo o menino modificar sua posição libidinal [...] Trata-se apenas do poder de utilizar a angústia previamente existente para tornar esse amor proibido e ameaçador. Freud postula que a angústia é anterior ao amor, à relação com a mãe, e que está sempre presente. A ameaça de castração, na verdade, transforma este amor em algo proibido por vincular a angústia aos conteúdos deste amor, levando-os, assim, a serem recalcados (IBIDEM, 2001, p. 59).

A angústia surgiu originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete. Freud reconhece que a angústia tem um papel fundamental para o sujeito tanto quanto a castração. A castração seria um perigo interno necessário que põe os processos inconscientes em movimento. Se pudermos

fazer um balanço geral da teoria da angústia, tendo como parâmetro as considerações trabalhadas no texto “Inibição, sintoma e angústia”, podemos considerá-la como um sinal no eu que remete a uma situação traumática – um perigo que reproduz a experiência da castração – onde não houve uma possibilidade de descarga.

Freud elege o texto “Inibição, sintoma e angústia” (1926 [2006]) como o ápice do seu percurso teórico sobre a angústia. Mas é justamente sobre esse texto que Lacan se refere em seu *Seminário livro 10 – A angústia* como o texto em que Freud, fala sobre diversos conteúdos, menos sobre a angústia. “No discurso de Inibição, sintoma e angústia, fala-se de tudo, graças a Deus, exceto da angústia” (Lacan, 1962-63 [2005] p. 18).

Neste seminário lacaniano sobre a angústia observaremos que existem diferenças cruciais em relação à teoria freudiana. A começar por sua posição sobre o objeto na angústia, enquanto no texto de 1926 Freud nos ensina que a angústia não possui objeto, Lacan afirma que a angústia possui um objeto muito singular, cuja presença evoca uma certeza que, muitas vezes, pode ser avassaladora para o sujeito. Sobre a presença deste objeto na angústia, conclui que ela “Não é, sem tê-lo” (Lacan, 1962-63 [2005] p.97),

Para introduzir a discussão, Lacan reitera a posição freudiana de que a angústia é um afeto. A angústia não é uma emoção ou um sentimento. Esse afeto possui uma estreita relação com a estrutura do sujeito e é da ordem de uma perturbação e não de um sentimento. Lacan separa, assim, a psicanálise de qualquer psicologismo que fizesse referência ao contexto dos sentimentos. “Que é a angústia? Afastamos a idéia de que seja uma emoção. Para introduzi-la, direi que ela é um afeto” (Ibidem, p. 23).

A importância de pensar sobre esse afeto na teoria psicanalítica deve-se ao seu caráter norteador fundamental na clínica. Trata-se disso quando Lacan nos diz em seu seminário que “A verdadeira substância da angústia, é o aquilo que não engana, o que está fora da dúvida” (Ibidem, p. 88), pois, se como sujeitos somos atravessados pela constelação dos significantes, no mundo dos sujeitos falantes, a característica essencial é que nele é possível enganar.

Outra distinção marcante entre a conceituação freudiana e as elaborações de Lacan serão postuladas a partir da definição do sujeito, determinado pelo significante e constituído pelo traço unário. O sujeito se constitui através do seu encontro com o Outro, inscrevendo-se como resultante de uma divisão, um quociente, um resto de uma operação engendrada pelo significante. Obviamente que, dessa operação de divisão há um resto, um resíduo: o objeto *a*. Este objeto resta enigmático para o sujeito e é a única garantia da alteridade do Outro. Nesse ponto, a angústia se vincula ao desejo do Outro, justamente enquanto estrutura portadora desse enigma.

Ao introduzir sua estrutura da angústia, Lacan vai elaborar algumas articulações entre a relação especular e a relação com o grande Outro. Uma elaboração que percorre os registros do imaginário, simbólico e real.

O investimento da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária. É fundamental por ter um limite. Nem todo o investimento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto. Esse resto, espero ter conseguido fazê-los ter uma idéia de por que ele é o pivô de toda essa dialética [...] o corpo pode instituir nela dois pedaços diferentes, um que pode ter uma imagem especular, outro que literalmente não a tem. Tratava-se da relação entre menos *phi* e a constituição do pequeno *a*. De um lado, a reserva imaginariamente imperceptível, embora esteja ligada a um órgão que, graças a deus, ainda é perfeitamente apreensível – esse instrumento que, apesar de tudo, de vez em quando deverá entrar em ação para a satisfação do desejo: o falo. Do outro, o *a*, que é resto, o resíduo, o objeto cujo status escapa ao status do objeto derivado da imagem especular, isto é, as leis da estética transcendental[...] Esse objeto *a*, do qual só fizemos esboçar as características constitutivas, e que hoje pomos aqui na ordem do dia, é sempre dele que se trata quando Freud fala de objeto a propósito da angústia (IBIDEM, 1962-63 [2005] p. 50).

O estágio do espelho, como o articulador do investimento na dialética do narcisismo, evoca essa relação essencial que suscita o momento de júbilo em que o bebê assume sua imagem especular e o movimento de retorno a figura do outro demandando o seu assentimento. A relação especular depende do fato de que o sujeito se constitui no lugar do Outro, pelo significante. Este pode ser considerado como o indício da ligação inaugural entre o advento da função da imagem especular *i(a)* e a relação com o grande Outro.

Através dessa relação de investimento especular que se origina no interior da dialética do narcisismo, encontramos também o advento do desejo, pois essa dialética supõe uma relação ao Outro. Quando as identificações narcísicas vacilam, o que se evidencia é a eminência do desejo do Outro, que na angústia surge sob a forma de uma questão: *Che vuoi?* Lacan (1962-63 [2005] p. 93) a traduz como: O que queres de mim? Dessa questão, a angústia comparece como resposta de que nem tudo no campo dos investimentos se desdobra em identificação. Este resto não incorporável ao eu, esse resíduo de investimento narcísico, que não entra na imagem especular é postulado por Lacan como sendo causa da angústia. É justamente através desses ponto de identificação em que o jovem lança seu apelo a figura paterna, apelo este com uma demanda que lhe diga o que fazer com a sua questão sexual. O jovem sente que não é ouvido, quando na verdade, para a sua pergunta não existe uma resposta na identificação. Lançando-o em uma identificação não ao pai mas ao resto, ao dejetivo da cadeia significante onde se originou.

Mesmo na experiência do espelho, pode surgir um momento em que a imagem que acreditamos estar contida nele se modifique. Quando essa imagem especular que temos diante de nós, que é nossa altura, nosso rosto, nosso par de olhos, deixa surgir a dimensão do nosso próprio olhar, o valor da imagem começa a se modificar – sobretudo quando há um momento em que o olhar que aparece no espelho começa a não mais olhar para nós mesmos. *Initium*, aura, aurora de um sentimento de estranheza que é a aporta aberta para a angústia (LACAN, 1962-63 [2005] p.100).

Não podemos deixar de pensar a referência ao sentimento de estranheza que Lacan inscreve em seu texto. É justamente em referência ao texto freudiano “O estranho” (1919 [2006]) que se apoia essa descrição lacaniana sobre a angústia. “A angústia, como lhes disse, está ligada a tudo o que pode aparecer no lugar da falta (-φ). O que nos assegura isso é um fenômeno[...] o da *Unheimlichkeit*” (Ibidem, p. 57). Para Miller (2007), quando algo (*unheimlich*) aparece nesse lugar do *a*, reservado ao objeto como objeto do desejo, o que surge é a angústia.

Quando surge o estranho como angustiante? Gosto muito da fórmula que ocorre a Lacan, porque é uma fórmula interrogativa que demonstra o alcance da sua construção. Não é este resto o objeto *a*, que, por algum rodeio, vem a manifestar-se no lugar previsto para a falta? É a hipótese de que o paradoxo de que apareça um objeto estranho se deve ao surgimento de um objeto que se cristaliza ou condensa a *triebregung*, a estimulação pulsional, precisamente porque não está em conformidade com as leis do campo visual (IBIDEM p. 110,).

Uma vez que o objeto do desejo não é especular, ele escapa a qualquer apreensão da imagem ou representação especular. Quando algo surge no lugar da castração imaginária provoca angústia, uma vez que a falta falta. “Não se trata da perda do objeto, mas da presença disto” (Ibidem, p. 64). É isso que dá o verdadeiro sentido ao que Freud designa como perda de objeto em relação à angústia. “A angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta” (Ibidem).

É por essa via da ausência da falta e da presença de um objeto, que Lacan, definirá que a angústia não é sem objeto. O que não significa dizer que a angústia tem um objeto, um objeto no sentido de uma materialidade, trata-se de articular que esse objeto da angústia é apenas um lugar vazio, que tem um estatuto especial de causa do desejo. É isso que Lacan denomina como o objeto da angústia: o objeto *a*. (Lacan 1962-63 [2005] p.101). Sobre a invenção do objeto *a* Soller afirma:

Essa asserção tantas vezes repetida, vai permitir que se configure a invenção lacaniana do objeto *a*, objeto causa do desejo, ou seja, o objeto que não completa o

desejo, mas o causa, objeto sem substância, marca de uma falta radical na estrutura do humano: objeto marca do desejo e índice da angústia (IBIDEM, 2012, p.9).

O ensino de Lacan introduz a angústia como essa manifestação específica do desejo que não reconhece o sujeito, nem o desconhece, colocando-o em xeque, interrogando-o na raiz mesmo do seu desejo como *a*, como causa de desejo. Aqui observamos a importância dada por Lacan à angústia como um sinal que se produz no eu, mas que diz respeito ao sujeito e que Freud nos fala em “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1926 [2006]). O eu é o lugar do sinal, mas não é pelo eu que o sinal é dado. Se o sinal é lançado no eu é porque o sujeito foi advertido de algo referente ao desejo.

### 2.3. A gênese do objeto lacaniano

Até agora, percorremos os conceitos fundamentais à construção teórica de uma invenção lacaniana por excelência. Pulsão e angústia são fundamentais para a compreensão da gênese e da estrutura do objeto. Em seu *Seminário, livro 10: A angústia*, proferido em 1962-63, Lacan descreve que através da angústia podemos capturar a presença mais evidente do objeto *a*. Nas palavras de Lacan (1962-63 [2005] p.98): “A manifestação mais flagrante desse objeto *a*, o sinal de sua intervenção é a angústia. Isso não equivale a dizer que esse objeto seja apenas o avesso da angústia, mas que ele só intervém, só funciona em correlação com a angústia”. Lacan recolhe da angústia, o sinal da intervenção mais perturbadora do objeto.

Ao começarmos essa pesquisa, primeiramente devemos compreender a origem do nome “objeto *a*”. Por que esse objeto não tem nome e é definido por uma letra? A escolha por uma palavra sempre se refere a um posicionamento metafórico, no qual a função própria ao significante ficaria fora da significação e é nisso que a importância da função algébrica da letra “*a*” se introduz. Segundo Lacan “um posicionamento puro da identidade” pois ela permitiria reconhecer a identidade do objeto nas diversas incidências em que ele surge.

Outro ponto fundamental sobre a referência a esse objeto é que Lacan o designa referindo-se ao objeto do conhecimento, contudo ele designa o objeto *a* como aquilo que faz furo no conhecimento:

No entanto, não se deve confundir esse objeto do desejo com o objeto definido pela epistemologia. O advento do objeto de nossa ciência é muito especialmente definido por uma certa descoberta da eficácia da operação significativa como tal. Isso quer



dizer que o que é próprio de nossa ciência, digo, da ciência que existe a dois séculos entre nós, deixa em aberto a questão do que chamei há pouco de faceta cósmica do objeto” (LACAN, 1962-63 [2005] p.47).

A objetividade concernente ao pensamento científico não se aplica ao conceito de objeto para Lacan, uma vez que o objeto *a* não se submete ao reino da representação que povoa o imaginário da ciência. Trata-se de um corte irreduzível que o significante introduz e faz incidir sobre o corpo uma perda radical e constitutiva para o sujeito, essa perda é representada em sua função de causa do objeto.

O percurso teórico que Lacan utilizou para fundamentar o objeto e demarcar a sua presença na economia do sujeito, parte de uma retomada teórica dos objetos parciais, a partir da primazia concedida ao significante. Para Costa-Moura & Costa-Moura (2011, p. 226) “mais que um inventário dos objetos freudianos, o que se produziu aí foi antes o lugar do objeto próprio da psicanálise, por assim dizer. Objeto que deriva da estrutura de linguagem, mas que toca diretamente ao sujeito como parte perdida de si”.

A originalidade da posição de Lacan, em relação as outras teorias objetais, está em tomar o seu objeto do lado da falta, como uma função de causa. Por isso, a sua definição do objeto está sempre do lado do objeto *causa* de desejo e não do objeto *de* desejo. Esta diferença é fundamental. “O objeto perdido nos diferentes níveis da experiência corporal em que se produz o seu corte, é ela que constitui o suporte, o substrato autêntico, de toda e qualquer função da causa” (Lacan 1962-63 [2005] p.237). Através desse corte efetuado pelo significante, nos diferentes níveis em que a experiência corporal se deu, são disponibilizados ao sujeito, possíveis significados para o objeto *a*.

Lacan argumenta que sua novidade conceitual é concernente à lógica topológica estrutural adotada pela pulsão. A satisfação da pulsão encontra-se em realizar o circuito em torno do objeto, sempre no intuito de restaurar a sua perda. Sobre esse circuito de satisfação inapreensível ao reino da imagem, Lacan afirma:

O objeto desliza para dentro, passa para algum lugar. É a mesma palavra que serve *Verschiebung*, o deslocamento. Que o objeto, em sua função essencial, é algo que se furta ao nível de captação[...] Por outro lado, há nesse nível uma posição expressa entre dois termos – *ausseres*, externo, e *inneres*, interior. É indicado com precisão que o objeto deve ser situado *ausseres*, no exterior, e, por outro lado, que a satisfação da tendência só consegue realizar-se na medida em que se liga a alguma coisa que deve ser considerada no *inneres*, no interior do corpo, onde ela encontra sua *befriedigung*, sua satisfação (LACAN, 1962-63 [2005] p.115).

Essa idéia de uma certa interiorização-exteriorização concernente ao objeto, irá situar o objeto *a*, como uma forma anterior ao momento em que o sujeito se deixa capturar como especular no campo do Outro. Uma parte alucinada de satisfação que é perdida de si, ao adentrar no campo da linguagem, através da demanda do Outro. Com a entrada desse Outro, aprendemos que o campo pulsional também entra no jogo. Essa concepção lacaniana sobre a interiorização-exteriorização concerne a esse circuito de satisfação pulsional, que o sujeito sempre tenta refazer através da demanda que estabelece ao Outro.

Esse circuito de interiorização-exteriorização também é explorado por Lacan ao utilizar o exemplo topológico da banda de Moebius em que designará a diferença do seu objeto da angústia e o objeto constituído na relação especular. Por não possuir uma imagem especular a face interior-exterior transforma-se em uma única face, essa operação constitui-se através de um corte na figura do *cross-cap*. A parte vazada da superfície que resta como residual é a banda de Moebius.

Quando Lacan em (1964[1985] p. 166) define o objeto da pulsão, ele nos ensina, através do exemplo da satisfação obtida pela pulsão oral, que a satisfação da pulsão inclui sempre um outro como exterior ao sujeito. Desta forma ele nos diz: “A esse seio, na sua função de objeto, de objeto *a* causa do desejo, tal como eu trago a sua noção – devemos dar uma função tal que pudéssemos dizer seu lugar na satisfação da pulsão. A melhor fórmula nos parece ser esta – que a pulsão o contorna”. Este ensinamento nos permite abordar a idéia de causa e o lugar do objeto *a* na estrutura. Sobre esta ideia Quinet afirma:

O postulado fundamental da psicanálise sobre o objeto perdido do desejo se conjuga com a impossibilidade de satisfação completa da pulsão. Esta não pode atingir o objeto que poderia satisfazê-la, pois ele está, por definição, estruturalmente perdido. Os objetos que ela encontra para se satisfazer, como o seio por exemplo, o dedo ou uma chupeta para a pulsão oral, são sempre substitutos, *Ersatz*, desse objeto que um dia, como um mito, traz uma primeira satisfação. Mas isso não quer dizer que a pulsão não se satisfaça, pelo contrário, a pulsão está sempre se satisfazendo. Como? Através do objeto (IBIDEM, 2012, p.37).

O objeto *a*, nesse seminário, é introduzido na lição sobre a angústia como signo do desejo, não podendo passar despercebida essa localização inicial. Pois este objeto estruturante é fruto de uma causalidade em coalescência com uma borda erógena, que a nível de experiência corporal produzirá uma perda que incidirá no plano do objeto e será constitutiva da condição desejante do sujeito. Lacan o introduz como uma operação de extração do campo do Outro, do Outro como lugar originário dos significantes.

O sujeito se constitui no lugar do Outro e a sua marca se constitui na relação com o significante. Mas o objeto ressitua o campo estrutural do sujeito e circunscreve um lugar problemático na relação do sujeito ao significante. Esse lugar se refere onde somos causados como sujeito, o nosso lugar como desejantes na estrutura, e diante do qual o maquinário significante sempre fracassa, uma vez que o objeto aponta para algo na estrutura que não se deixa reduzir à linguagem.

Por meio dessa captura do desejo do Outro o objeto distingue-se por diferentes formas de apreensão pelo sujeito. Lacan divide essas formas de apreensão em dois grupos. No primeiro grupo encontram-se os objetos da demanda: objetos oral e anal; no segundo, os objetos do desejo: objeto olhar e voz. Cada encontro com esses objetos é correlato a um tipo de angústia. “Em todos os níveis dessa constituição, o objeto adere a si mesmo como objeto *a*. Sob as diversas formas em que ele se manifesta, trata-se sempre de uma mesma função, e de saber como ele se liga à constituição do sujeito no lugar do Outro e o representa” (Lacan 1962-63 [2005] p.320-321). Os objetos oral e anal instituem a presença da demanda na constituição do sujeito. O objeto oral é um objeto paradigmático, trata-se do seio na função de desmame e de uma certa configuração do objeto no qual é o sujeito que tem que se destacar do objeto. O objeto seio é constituído nessa relação como pertencente ao sujeito e não à mãe. “A mama é como que aplicada, implantada na mãe. É isso que lhe permite funcionar estruturalmente no nível do *a*, que se define como algo que a criança é separada de maneira interna à esfera da sua própria existência” (Ibidem, p.256)

O objeto seio demonstra que esse corte, que pressupõe a castração, incide sobre a mãe e sobre o bebê, mas sempre deixando restos e consequências diferentes para ambos. Nessa relação do sujeito com o objeto oral, o que se coloca é a condição objetual do sujeito por relação ao Outro. Essa separação efetuada do corpo da mãe é a condição fundamental para a constituição do sujeito. “O *a* é um objeto separado, não do organismo da mãe, mas do organismo da criança” (Lacan, 1962-63 [2005] p. p.258).

O objeto anal presentifica a sua relevância como objeto no discurso analítico ao instituir a sua demanda no campo do Outro. “Por que via o excremento entra na subjetivação? Bem, entra por intermédio da demanda do Outro, representada, no caso, pela mãe” (Ibidem, p. 327). Na organização libidinal anal, um objeto será demandado pelo Outro e é a entrada dessa demanda no campo do Outro que será determinante no abandono ou não desse objeto. “A demanda, também nesse aspecto, tem um papel decisivo. Aquele pedaço que o sujeito tem um certo receio de perder, afinal, vê-se reconhecido por um instante a partir de então. É elevado a um valor muito especial, é pelo menos valorizado por satisfazer a demanda do Outro”

(Ibidem, p.327). A perda desse objeto implica uma dialética por relação a satisfazer o Outro. Se observarmos, no nível do objeto oral, uma separação parte do sujeito, no nível anal será a dinâmica exercida pela demanda do Outro que controlará esse abandono.

O objeto fálico possui uma função central em relação a todos os objetos. Este objeto é o falo como falta, o falo no que ele acena para a detumescência. Essa possibilidade de falta, inerente ao instrumento é o que regula todo o funcionamento fálico. Lembremos que a introdução da dialética fálica implica uma intervenção Outra. É a intervenção paterna na dialética imposta entre o sujeito e o Outro que apontará que existe algo mais além da demanda do Outro: existe o desejo. Costa-Moura nos ensina que:

A função central do falo – definida pela falha do falo – coloca a questão (que é ética, que não se resolve por si mesma) da inexistência de uma satisfação que pudesse ser resolutiva para o sujeito. Graças ao que, o desejo está para sempre apenso à questão do gozo, e não à questão da regulação homeostática (IBIDEM, 2011, p. 233).

Essa função central ao falo devido a sua intervenção como falta na dialética do sujeito, resultará sobre a dinâmica de todos os objetos. No nível oral, a intervenção do falo aponta para um além do desejo da mãe, ressaltando retroativamente que existe uma impossibilidade de satisfazer inteiramente a essa demanda ao Outro. No nível anal, essa influência do objeto fálico nessa dialética imposta pela demanda do Outro, é o que fará desse objeto anal o suporte do objeto *a*, pois a perda das fezes remete o sujeito à castração, a perda do falo como um objeto precioso. Para Lacan:

No estágio da castração fálica, há o menos-falo, a entrada da negatividade quanto ao instrumento do desejo, no momento do surgimento do desejo sexual como tal no campo do Outro. Mas, nessas três etapas, o processo não se detém, uma vez que, em seu limite, deveremos encontrar a estrutura do *a* como separado [...] em suma, a mola radical que faz passar do nível da castração para a origem do objeto do desejo (LACAN 1962-63 [2005] p. 251).

Através da posição que ocupa o objeto fálico, é que o olhar e a voz poderão retornar e se remeter aos objetos oral e anal. É através dessa relação de retroação operada pela posição do objeto fálico que poderemos explicar as ligações entre a fase oral e as manipulações primárias do supereu como voz; assim como a ligação da fase anal com a escopofilia. “Todos sabem [...] das ligações da fase oral e de seu objeto como as manifestações primárias do

supereu. Ao lembrar-lhes sua ligação evidente com a forma de objeto *a* que é a voz” (Ibidem, p.321)

O objeto da pulsão invocante, por excelência é a voz, a qual Lacan desdobrará como supereu. Esse objeto invocante é algo que cai do Outro, cai da demanda materna e no qual o sujeito tem o privilégio de testemunhar o lugar da alteridade. Ao se referir a que voz se trata quando evocamos esse objeto, Lacan (Ibidem, p.274) prontamente responde: “De que voz se trata? [...] Veremos o seu sentido e o seu lugar referenciando-nos pela topografia da relação com o grande Outro”. Trata-se de uma voz que ressoa num vazio, um vazio que evoca uma garantia do Outro como tal, em que o sujeito se encontra. “Se a voz, no sentido em que a entendemos, tem alguma importância, não é por ressoar num vazio espacial qualquer” (Ibidem, p.300). A voz, diz Lacan (Ibidem, p.300), “responde ao que é dito mas não pode responder por isso. Em outras palavras, para que ela responda, devemos incorporar a voz como alteridade do que é dito”. O que introduz o sujeito na ordem da demanda é o Outro, ao nos introduzir no campo da linguagem, essa voz referente ao Outro e que se dirige ao pequeno sujeito, apenas faz eco para um vazio que é o lugar vazio do Outro como tal.

Heloisa Caldas em seu livro “Da voz à escrita: clínica psicanalítica da literatura”, no ensina sobre esse lugar da voz na constituição do sujeito: “A voz como objeto ocupa esse lugar limite, litoral, entre a presença de um querer dizer e o silêncio como avesso do dito. Ela se articula com o objeto indizível, indica justamente o que não pode ser dito” (Caldas, 2007 p.95). A voz, portanto, não se situa em relação ao som e sim em relação à linguagem. O sujeito está fundamentalmente confrontado à voz como imperativo — que reclama obediência ou convicção. É o supereu. A voz grossa, som no vazio que não se propaga. O objeto aqui é invocante porque, de alguma maneira, chama um sujeito a se representar. Trata-se de um objeto que cai da fala que é dirigida ao sujeito. Algo que é caído do Outro, a incorporar. É a voz como alteridade ao que se diz, há o que eu digo e há algo que cai disso que eu digo que é o objeto voz. Esse objeto extraído do órgão da palavra é a voz como alguma coisa que não se reduz ao dito, mas que me atinge, provocando uma certa incidência pulsional. Para Caldas, a voz é justamente essa extração do jogo da pronúncia da palavra:

A voz, portanto, não se confunde com a articulação dos fonemas no jogo diacrítico da linguagem e é índice da presença do desejo do Outro. Ela pode dispensar o jogo da linguagem e aparecer na demanda do grito ou no enigma do sopro do shofar, mas não se reduz ao significante, embora seja este que mais frequentemente a veicule (IBIDEM, 2007 p.94).

O campo do objeto escópico será definido por Lacan como o campo exemplar da fantasia contornando a nossa vida enquanto seres desejantes, “De todos os objetos nos quais o sujeito pode reconhecer a dependência em que está no registro do desejo, o olhar se especifica como inapreensível” (1964 [1985] p.86). Lacan ao se referir ao olhar nos ensina que “O olhar só se nos apresenta na forma de uma estranha contingência, simbólica do que encontramos no horizonte e como ponto de chegada de nossa experiência, isto é, a falta constitutiva da angústia de castração” (Ibidem, p.76). Mas antes de tudo o que é olhar para Lacan? Ele define a importância do olhar justamente através do “escotoma”, ou seja, de uma perda do campo visual. “O olhar é produzido pelo esvaziamento na visão de tudo o que é capaz de fazer imagem (Leguil, 1997, p.312).

Para melhor ilustrar a presença desse objeto no campo escópico. Utilizaremos uma experiência pessoal do próprio Lacan, narrada em (1964 [1985] p. 97) em que ele relata uma experiência a altura dos seus 20 anos. Quando deparou-se com uma certa "latinha" que respelhava ao sol. Certa vez, o ainda jovem Lacan, estava em um pequeno barco junto com algumas pessoas, membros de uma família de pescadores. Um pescador mostra à Lacan alguma coisa que boiava na superfície das ondas e lhe diz: "Tá vendo aquela lata? Tá vendo? Pois ela não tá te vendo não!". A "latinha", é óbvio, não vê, mas ela demonstra ao jovem Lacan, que ela olha. Lacan se refere a essa cena como uma mancha que ele era na cena. “Eu era mancha no quadro” (ibidem). Não passava de um corpo estranho ali, querendo fazer Um com tudo aquilo. E quando relata isso, descreve que experimenta ainda certa angústia só em se lembrar dessa posição. Brousse ao comentar esse episódio de Lacan, afirma que: “Nós mesmos temos experiências de grande aflição, quando nos vemos aparecer no Outro como uma mancha. É o objeto olhar que aparece: algo não nos olha e nós nos vemos vistos como uma mancha (Ibidem, 2008, p.72).

O que se constituiu anteriormente é essa mancha, é por onde posso, de alguma forma, me interrogar sobre o desejo do Outro. A mancha e o olhar podem ser visto da mesma forma. Pois os dois introduzem a dimensão de opacidade. É o sujeito que emerge como tal, em sua dimensão objetual, emerge como aquilo que é olhado. Sobre esse olhar e o sujeito Quinet afirma:

O olhar, objeto da pulsão escópica, é o objeto de desejo ao Outro, desejo para o Outro. No âmbito da atividade da pulsão escópica está o fazer-se ver pelo Outro, e assim o sujeito se dá a ver, se exhibe para o Outro: ser olhado se encontra no objetivo final da pulsão voyeurista –exibicionista. Daí tratar-se de um desejo para o Outro, que convoca, portanto, o seu olhar (IBIDEM, 2012, p.39).

Para que o sujeito possa ter acesso ao espelho, ao Outro no espelho, há alguma coisa que se constituiu antes que faz com que o sujeito possa identificar ali naquele lugar a imagem e tomá-la como sua. Neste nível em que o objeto *a* intervém na realidade do espelho, ele intervém furando e perturbando essa relação especular. François Leguil, nos remete a essa presença do objeto olhar como visão perturbadora ao especular.

O objeto olhar ‘desespera’ o olho, indica-lhe que não vê tudo – em 1964, Lacan fala de “castração escópica” – pois esse objeto olhar é mascarado nas condições usuais. Ele é dissimulado na visão pela relação especular, aquela em que o sujeito faz a experiência do ver-se vendo-se” (LEGUIL, 1997, p.311).

Os objetos olhar e voz, fundamentam sua presença através do campo do desejo. São eles que corporificam a sua presença como uma interrogação para o Outro sobre o desejo. Mas esses objetos exercem a sua atividade pulsional no campo do gozo, sob a égide de uma instância que se origina, em parte, da identificação, quando nos remetemos a esta instância estamos nos referindo ao supereu. Este exerce a sua função através dos objetos olhar e voz. Para Quinet (2012, p.45) “Nessa posição de objeto do Outro o sujeito está identificado ao *a*: ele é idêntico ao olhar que o vigia, à voz que o xinga, ao objeto oral a ser deglutido, ao dejetivo a ser jogado fora. O objeto *a* é também um dos nomes do supereu: o olhar que vigia e a voz que critica”.

A instância do supereu, segundo a obra de Freud, responde como o fator determinante na passagem ao ato suicida. Vale ressaltar em nosso texto a influência decisiva dessa instância em uma tomada de decisão tão radical como a passagem ao ato.

É sob a conjectura desses objetos que Lacan trabalhará a diferença entre *acting out* e passagem ao ato. Esse trabalho ocorre através dos casos freudianos de duas adolescentes, principalmente, o da jovem homossexual. Lacan descreve um efeito de corte decorrente do olhar enfurecido do seu pai e da recusa presente na voz da amada, lançando a jovem em um buraco de significação que a identificava a uma posição de resto da cadeia significante.

### 3. De uma construção freudiana a uma invenção lacaniana

#### 3.1. No princípio, o ato era falho

Certamente, para o senso comum, a definição de “ato” se enquadra em toda uma série de explicações sobre a ação como o movimento adaptado para um fim. Mas, como categoria psicanalítica, o ato não implica necessariamente o movimento. A construção do conceito de ato, na teoria psicanalítica, descarta o dispêndio de energia.

Freud, ao longo de sua obra, discutiu o ato em diferentes aspectos. A definição de ato surge, pela primeira vez, associado às formações do inconsciente (1901 [2006]). Assim, esse conceito entra pela via do ato falho que, juntamente com os sonhos e os sintomas histéricos, inauguram a compreensão de Freud acerca da vida psíquica normal e neurótica.

A primeira vez que Freud menciona suas pontuações sobre o ato falho é em uma correspondência enviada ao companheiro de longa data, Dr. Fliess, em 1898. Nessa carta, Freud afirmava haver, por fim, compreendido o modo como um nome, muitas vezes, escapa da nossa mente surgindo sempre, em seu lugar, um substituto completamente equivocado (Freud, 1901 [2006] p. 15). Freud nutria uma especial simpatia pelos atos falhos pois defendia que essa descoberta ia muito além da perturbação da função específica da memória. Com frequência, em seus textos expositivos, dava preferência aos atos falhos em detrimento dos sonhos. Explicava que, apesar de serem fenômenos facilmente compreensíveis, os atos falhos demonstravam, com mais facilidade, a tese fundamental exposta em “A interpretação dos sonhos” [1900] sobre os dois modos de funcionamento psíquico: o processo primário e o processo secundário, ambos referidos ao recalque.

Seguindo a trilha do texto “A psicopatologia da vida cotidiana”, verificamos que o ato falho é definido como a representação simbólica de um pensamento que não se destinava a emergir (1901 [2006] p. 168). Segundo Alberti (2009, p. 81): “o ato falho, talvez mais do que o sonho, corresponde à via real de acesso ao inconsciente, posto que o sujeito como tal que se reconhece é deixado de lado – pura irrupção do inconsciente”. Apesar de parecer um fenômeno simples, o ato falho sustenta a novidade freudiana do inconsciente como algo que não tinha nada de inocente e que poderia ser interpretável, pois mantinha uma significação.

Jacques Lacan também trabalha o conceito de ato falho em seu *Seminário, livro 5 - as formações do inconsciente* (1957-58 [1998]). Ele afirma que o fato de acharmos o livro sobre



“A psicopatologia da vida cotidiana”, de Freud, um tanto simples de ler, faz com que cometamos o lapso de não nos determos atentamente sobre o texto. Para Lacan, esse é um passo freudiano rico em ensinamentos e consequências (Ibidem, p. 41).

Ainda em 1957, observamos, na obra lacaniana, longos comentários sobre o esquecimento de Freud, do nome próprio do pintor italiano renascentista *Luca Signorelli*, registrado no capítulo inaugural do livro “A psicopatologia da vida cotidiana”. Lacan se refere a esse episódio como um dos exemplos mais claros, deixados por Sigmund, sobre a mecânica dos fenômenos de formação e deformação ligados às formações do inconsciente. De acordo com Lacan:

Há um outro fator que Freud também destaca logo de saída, embora estejamos habituados a não nos deter nele. Com efeito, o que lhe pareceu notável no esquecimento dos nomes próprios, tal como ele começa evocando para abordar a *Psicopatologia da vida cotidiana*, é que esse esquecimento não é um esquecimento absoluto, um vazio, uma hiância, mas que outros nomes se apresentam em seu lugar. É nisso que se situa, para Freud, o que constitui o começo de qualquer ciência, ou seja, o espanto. [...] Mas Freud, justamente, advertido por sua experiência com os neuróticos, vê que o fato de se produzirem substituições justifica que nos detenhamos nele (IBIDEM, p. 41).

O ato falho desvela um modo particular de equívoco por revelar e manter uma relação íntima com o inconsciente que vai sendo exposto pelos elementos significantes da cadeia linguística. Portanto, o ato falho seria mais do que um pequeno lapso, esquecimento ou perturbação momentânea da função da fala, ele demonstra o momento em que o sujeito é ultrapassado pelo campo da linguagem.

Freud vai até os limites das suas conceituações sobre o ato. Chega até mesmo a pensar sobre o ato suicida, ao tratar os equívocos da ação, afirmando que alguns ferimentos auto-inflingidos pelos neuróticos teriam uma intenção inconsciente de provocar graves danos a si próprio. A partir disso, não poderíamos deixar de fora a ideia de uma intenção inconsciente suicida em tais atos.

Desde 1901, ao indagar sobre a influência do ato na engrenagem da transferência, Freud nos transparece que suas ideias, sobre o que seria o ato, vão além de uma simples formação do inconsciente. Antes que o conceito de “*acting out*” pudesse, de fato, ser definido, Freud afirmava a existência de atos localizados não apenas nas perturbações de memória ou da fala, mas também nas ações equivocadas. Chamava a esses atos involuntários

de “atos sintomáticos” (Freud, 1901 [2006]). Na IX seção do desenvolvimento do seu texto “Psicopatologia da vida cotidiana”, encontramos as informações sobre o que seria um ato sintomático:

Compilei um grande número desses atos casuais em mim mesmo e em outras pessoas e, depois de examinar de perto os diferentes exemplos, cheguei à conclusão de que mais merecem o nome de atos sintomáticos. Eles expressam algo de que o próprio agente não suspeita neles e que, em regra geral, não pretende comunicar, e sim guardar para si. Assim, exatamente como todos os outros fenômenos que consideramos até agora, desempenham o papel de sintomas (IBIDEM, p. 193).

Temos, assim, duas esferas anexadas ao conceito de ato: ação e sintoma. Uma vez que essa “ação” demonstrava uma repetição, sem intenção consciente. Poderíamos, então, formular uma definição, a saber: mais além de um lapso de memória, esta “ação” inconsciente independente da vontade do sujeito, estaria relacionada a cadeia repetitiva, própria ao sintoma. O importante a destacar dessa articulação significativa sobre a “ação” como ato sintomático, é que em relação ao discurso de Freud esta “ação” ganha um estatuto de ato justamente por estar esvaziada como atividade. Ela é apagada como função motora e ganha o estatuto de ato sintomático somente no *a posteriori*, no que ela nos apresenta como dimensão inconsciente em jogo.

Não obstante, Lacan em (1967-68) ao lecionar sobre o ato psicanalítico destaca ainda a supremacia que o ato falho possui sobre o ato sintomático, pois a falha do ato estaria ligada a uma dimensão de verdade do inconsciente, “A primeira forma do ato que a análise inaugurou para nós foi este ato sintomático do qual podemos dizer que ele não é jamais tão bem sucedido como quando é um ato falho” (Ibidem, p. 63). O grande elo associativo entre o ato falho e o ato sintomático, descritos por Freud, refere-se ao esquecimento, pressuposto que ambos conjugam. Esse esquecimento refere-se ao conteúdo da mensagem do qual o agente da ação não sabe do que se trata a nível consciente, mas essa tentativa de endereçamento ultrapassa o portador da mensagem e se manifesta em ato. De acordo com Ribeiro (2011):

No ato sintomático e no *acting out* há uma verdade em questão: uma verdade do sujeito, desconhecida para ele próprio e revelada ao Outro, ao qual o ato é endereçado [...] chamo aqui o ato sintomático o ato que está do lado do sintoma, o ato que é formação do inconsciente (IBIDEM, p. 155).

Contemporâneo ao início da formação dessas ideias, houve o encontro de Freud com uma paciente que ele chamou de Dora, que o levou à comprovação das suas formulações sobre o ato e à elaboração de muitas outras observações sobre a transferência. A jovem, que tinha dezesseis anos, quando atendida pela primeira vez, devido a uma tosse nervosa e rouquidão, retorna aos dezoito anos com episódios de perda completa da voz. Seus pais encontram uma carta de Dora, na qual ela se despedia e revelava sua intenção suicida. Dessa vez, o que mais mobilizara seus pais não foram os sintomas físicos, mas sim a sua carta.

Ao longo da trajetória do caso, Freud observa os atos sintomáticos da jovem, a saber: a carta suicida deixada em cima da escrivaninha para os pais; a sessão em que, estendida no divã, se põe a colocar e retirar o dedo de dentro da bolsinha que carregava na cintura; seu comportamento contraditório na casa de amigos, o casal K., e, por fim, sua saída da análise. Pautado nessa observação, Freud pôde comprovar, na prática, as ideias desenvolvidas em seu texto precedente, que reiteravam o que ele denominara de “ato sintomático”: “chamo de atos sintomáticos as funções que as pessoas executam, como se costuma dizer, de maneira automática e inconsciente” (Freud, 1905 [2006] p. 77).

A jovem Dora será essencial nesse percurso de abordagem freudiana do ato na dimensão do inconsciente e na dinâmica da transferência. Iremos abordar o seu caso e suas contribuições a construção desse conceito. Concomitante ao caso “Dora”, iremos abordar uma outra jovem a qual Lacan denominava de “a jovem homossexual”, esta jovem foi abordada por Freud em sua obra como uma referência ao conceito de ato suicida.

### 3.2. A análise de um caso de histeria, por Sigmund Freud

Ainda no início do século XIX, Freud começou a atender uma jovem de dezoito anos, Ida Bauer, a que chamou de Dora, cujo tratamento foi encerrado cerca de três meses depois. Ao mesmo tempo em que atendia a moça, Freud também dedicava seu tempo a escrita da sua obra, “Psicopatologia da vida cotidiana” (1901[2006]). Para ele, tratava-se de um fragmento de um caso de histeria em que as explicações tinham como seu eixo principal dois sonhos da paciente. A interpretação dos sonhos de Dora tiveram um peso especial, pois, para Freud, o aprofundamento nos problemas do sonho era indispensável para a compreensão dos processos psíquicos da histeria, assim como o de outras neuroses.

Freud já havia formulado algumas de suas teses sobre a patogênese dos sintomas histéricos e sobre os processos psíquicos que estariam presentes na histeria e pretendia, lançando mão desse caso clínico, aprofundar seus estudos e fundamentar suas hipóteses. Ele achava que a elucidação de um caso clínico seria o método principal para confirmar as suas idéias sobre as causas da sintomatologia histérica.

Se antes o trabalho analítico partia dos sintomas e tinha como meta esclarecê-los, foi a partir desse caso que Freud reviu sua técnica e permitiu ao próprio paciente conduzir o tema de suas sessões cotidianas. Essa nova técnica veio posteriormente a se impor como a única viável para o tratamento psicanalítico.

Em sua correspondência com Fliess, Freud (1905[2006]) assim descreve a sintomatologia da jovem:

histeria com *tussis nervosa* e afonia, cujas origens podem ser encontradas nas características de uma chupadora de dedo; e o papel principal nos processos psíquicos em conflito é desempenhado pela oposição entre uma atração pelos homens e outra pelas mulheres (IBIDEM, p. 16).

Freud descreve o pai de sua paciente como uma pessoa dominante em seu círculo familiar, tanto por sua inteligência, quanto por seu caráter, os quais teriam fornecido o sedimento sobre o qual se fundamentou o caráter e a história da jovem em questão. A filha era extremamente apegada ao pai e, por isso, se escandalizava com muitos dos atos e peculiaridades deste. Sua ternura por ele era ainda maior pelo fato do pai padecer de diversas doenças, desde que a menina contava seis anos de idade.

Quanto à mãe da paciente, Freud não chegou a conhecê-la, mas, pautado no discurso paterno, a imaginava como uma mulher fútil e inculta que, devido ao quadro constante de adoecimento do marido, apresentava um interesse exacerbado pelos assuntos domésticos. Parecia não prestar a menor atenção aos filhos e se ocupava o dia todo apenas dos afazeres de casa. Dora menosprezava a mãe e a criticava duramente. A relação entre as duas era a mais inamistosa possível.

Dora apresentava sintomas histéricos desde os oito anos de idade. Freud a conheceu com a idade de dezesseis anos e ela já sofria de tosse e rouquidão. Mas foi apenas aos dezoito anos que a moça tornou-se sua paciente. Era uma jovem linda e inteligente que trazia grandes preocupações aos seus pais, pois, além dos vários sintomas somáticos manifestados durante sua puberdade, ela apresentava, agora, um acentuado desânimo em relação à vida. Seus pais ficaram estarecidos ao encontrar, dentro de uma escrivadinha, uma carta na qual Dora se

despedia deles por não suportar mais a vida. No que diz respeito a essa carta, Freud assinala claramente que a própria Dora providenciara para que chegasse às mãos de seus genitores.

Os pontos de referência vitais para a história do caso se originaram na relação do pai e da própria Dora com o casal K. Por um lado, o pai de Dora mantinha um caso amoroso com a Sra. K; e, por outro, o Sr. K. assediava Dora. A jovem tinha afeição pelo casal, chegando a manter uma relação muito íntima com a Sra. K. Contudo, pelos indícios deixados por seu próprio pai, Dora percebia a relação extra conjugal entre ele e a Sra. K., chegando inclusive a se sentir como o objeto de uma troca repulsiva entre seu pai e o Sr.K. Nesse contexto, Dora seria um prêmio ao Sr. K. pela complacência e tolerância, mantidas por ele, em relação ao caso da sua esposa com o seu pai. Certa vez, Dora fora assediada pelo Sr. K, quando ela, o pai e o casal K passavam uma temporada de verão numa casa num dos lagos dos Alpes. No exato momento em que o Sr. K disse para Dora: “Minha mulher não é nada para mim”, Dora o esbofeteia e sai correndo às pressas.

Durante esse tempo, as recriminações e acusações da jovem contra o pai se repetiam incansavelmente. Para Dora, seu pai era um homem impotente e a Sra. K. só poderia se interessar por ele devido às suas posses. Valendo-se dessa montagem, Dora se perguntava o que a Sra. K. poderia querer de um homem, uma vez que ele era impotente. O que, então, uma mulher poderia querer de um homem se ele não podia satisfazê-la sexualmente?

Em seu posfácio do “Caso Dora”, Freud fez algumas considerações sobre o final do caso clínico e teceu algumas ponderações pertinentes, em especial, no que concerne à transferência. Em seu relato, Freud se declara como um analista capturado pela transferência. Diz ele:

Assim, fui surpreendido pela transferência e, por causa desse ‘x’ que me fazia lembra-lhe o Sr. K., ela se vingou de mim como queria vingar-se dele, e me abandonou como se acreditara enganada e abandonada por ele. Assim, atuou uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento (FREUD, 1905 [2006] p. 113).

As suspeitas de Freud, no que diz respeito a Dora, começam a recair sobre a possibilidade de existir alguma outra coisa, além das relações mantidas entre o pai e a Sra. K. Ou seja, por trás disso se ocultava um ciúme de Dora, cujo objeto era a própria Sra. K., um impulso homossexual que, nas mulheres e moças históricas, seria normal. Dora nunca chegou

a difamar essa mulher tendo sido, inclusive e muitas vezes, sua confidente. Ao referir-se a Sra. K., ela costumava utilizar palavras doces e gentis para descrevê-la, até mesmo fisicamente. Freud acreditava que Dora, mediante as inúmeras reclamações que fazia, ocultava não apenas seu amor pelo Sr. K., mas também seu amor pela Sra. K. Infelizmente, Freud não pôde dar continuidade às hipóteses levantadas devido ao término da análise ocorrido três meses após o seu início.

### 3.3. As contribuições do caso Dora para a teoria psicanalítica

Lacan utilizou o caso Dora para desenvolver diversas formulações em sua teoria. Além de elaborar novas contribuições aos conceitos de transferência e resistência, o fez também para os conceitos de *acting out* e de passagem ao ato. Começaremos abordando o que o caso Dora trouxe de relevante às intervenções sobre transferência.

A transferência, segundo o próprio Freud, foi um fator decisivo que o surpreendeu no tratamento de Dora e foi com este caso que ele se deu conta do papel relevante e fundamental de sua dimensão. Por outro lado, a psicanálise encontrará na própria transferência um obstáculo ao processo analítico. Lacan se apropriará disso para, segundo ele: “Tentar definir em termos de pura dialética a transferência chamada negativa no sujeito, como sendo uma operação do analista que a interpreta” (ibidem, 1966 [1995] p. 217). O paciente, então, colocaria em jogo sua resistência, mediante uma interpretação equivocada por parte do analista.

A transferência abarcaria a dimensão da arte do diálogo como meio para se atingir uma verdade, a saber: a verdade do sujeito. E a experiência analítica evocaria, justamente, uma relação de sujeito a sujeito. Disposto a fazer sérias observações e modificações ao que se debatia na época sobre a transferência, Lacan defende esse conceito como uma particularidade da nossa *práxis*, que não pode ser confundida com reviviscências ou reedições, uma vez que esses aspectos não abarcavam a transferência e seus efeitos.

O caso Dora foi utilizado para sua demonstração clínica desse conceito. Lacan afirmará ser possível pensar esse caso a partir de uma série de reviravoltas dialéticas. A primeira delas surgirá quando Freud interroga Dora sobre sua posição subjetiva, no que concerne à desordem de que ela tanto reclamava. Assim ele elucida toda a participação de

Dora no jogo sedutor do quarteto mantido entre ela, o pai e o casal K., no qual ela era o objeto para o Sr. K.

Outra nota importante sobre o caso surge mediante o ciúme de Dora diante da relação amorosa extraconjugal do seu pai. Tratava-se de uma inversão dialética, pois o verdadeiro objeto do seu ciúme era a própria Sra. K. Não podemos esquecer o grande fascínio exercido pela amante do pai sobre a moça. Dora, em nenhum momento, a difamou, descrevendo-a muitas vezes com ternura além de ser sua fiel confidente. Muito mais do que uma mulher traidora, para Dora, a Sra. K. portava o enigmático da feminilidade. Nas palavras de Lacan:

Assim como em toda mulher, e por razões que estão no próprio fundamento das mais elementares trocas sociais (justamente as que Dora formula nas queixas de sua revolta), o problema de sua condição está, no fundo, em se aceitar como objeto do desejo do homem, e é esse o mistério, para Dora, que motiva sua idolatria pela Sra. K., do mesmo modo que, em sua longa meditação diante da Madona e em seu recurso ao adorador distante, ele a empurra para a solução que o cristianismo deu a esse impasse subjetivo, fazendo da mulher o objeto do desejo divino ou um objeto transcendental do desejo, o que dá no mesmo (LACAN, 1966 [1995] p.221).

Por fim, Lacan assinala a pouca apreciação de Freud, no que diz respeito ao vínculo homossexual que unia Dora à Sra. K. Freud acreditava que Dora amava o Sr.K., ele entendia que as figuras masculinas eram o objeto de amor e não de identificação. A transferência negativa de sua paciente deve ser vista como uma resposta às dificuldades do tratamento impostas pelo preconceito do próprio Freud. A identificação viril de Dora, com o Sr. K., escapou à sua compreensão. Por não ter alcançado a posição subjetiva endereçada por Dora na transferência - sua homossexualidade formulava uma questão referida ao seu próprio sexo valendo-se, para tanto, de outra mulher -, o preço pago por Freud devido à sua falta de percepção foi o abandono da análise por sua paciente. Em seu *Seminário, livro 10: a angústia*, Lacan (1962-63 [2005] p. 127) chegará a afirmar que, na verdade, quem largou o tratamento foi o próprio Freud por não saber mais o que fazer diante das questões da jovem.

Por meio de seu comportamento, Dora expressava toda a sua revolta frente à situação que estava vivendo, acompanhando, à sua revelia, o caso mantido entre o pai e a Sra. K. há longo tempo. Freud, porém, dá um passo adiante e a faz se defrontar com a questão que inauguraria um novo caminho na dialética freudiana, a saber: qual a posição de Dora diante de toda a desordem da qual ela reclamava? Quem sabe, no fundo, se tratasse de algo do qual ela mesma participava? Dora se mostrava mais do que tolerante com aquela situação, agindo

também, se poderia dizer, como a mola mestra de tudo o que se passava, a ponto de substituir a Sra. K. até mesmo no cuidado com os filhos. Para Brousse (2010):

Ela (Dora) construiu uma cena, isto é, que entendemos que ela possa qualificar como *acting out* ou digamos que a vida social que Dora construiu com o Sr. e a Sra. K. e seus filhos, a partir do momento em que definimos o que é subir à cena. Ela construiu assim uma cena, um ambiente o qual estava relativamente à vontade, e do qual inclusive podia se queixar. É muito interessante, pois como Freud trata esse "*acting out*", vocês conhecem a famosa fórmula: "Porque você se queixa das desordens que contribui para que existam?" Porque você se queixa da ficção e da encenação que produz? Pode-se dizer que, de certo modo, toda a intriga histórica é da ordem de um *acting out* (IBIDEM, p. 20).

De certa forma, Dora pôde ultrapassar sua crise edípica. A razão disso seria explicada pela figura de um pai impotente. Na idade que corresponderia à sua saída do Édipo, seu pai não consegue transmitir-lhe simbolicamente o dom viril, presentificando-se apenas como um homem doente e frágil em suas potências vitais. Dora amava seu pai na mesma medida em que o diminuía como um homem impotente, como um pai incapaz de ofertar o objeto faltoso. No palco do drama edípico de Dora, ela reconhecia que seu pai não lhe ofertava o objeto porque não o tinha.

Outra forma de Lacan abordar esse caso, no o *seminário, livro 10 - A Angústia*, é pela promoção de uma distinção entre seus conceitos de ato. Tudo o que se mostrava na conduta de Dora pode ser destacado como um *acting out*, principalmente seu endereçamento ao Outro, como exemplo, sua conduta com os K. e, mais ainda, sua transferência com Freud. Dora sobe ao palco de sua fantasia e encena para Freud as questões que se reproduziam em seus sintomas, apelando ao Outro do saber para que lhe dissesse a verdade desconhecida do sujeito, algo que Freud, na época, não foi capaz de perceber.

No momento em que esbofeteia o Sr. K., é especificamente com o Outro do saber que se institui uma ruptura. Através da passagem ao ato, Dora como sujeito desaparece e como sujeito escolhe não querer saber mais nada sobre isso. Essa certeza se apresenta para Dora no momento em que o Sr. K. a coloca em sua própria armadilha e lhe anuncia que não fazia parte do circuito, composto pelos outros três personagens da trama. Imediatamente depois de o Sr.K. anunciar que sua mulher nada significava para ele, Dora o esbofeteia denunciando, assim, sua identificação com objeto nada exposto na cena, sem nenhuma proteção de sua fantasia.



### 3.4. O caso clínico sobre a psicogênese do homossexualismo em uma mulher

A partir desse caso, observamos as contribuições de Freud irem além dos estudos sobre a histeria, no que diz respeito ao feminino, realçando, mais profundamente, toda a questão da sexualidade feminina, agora à luz da segunda tópica, o que envolvia uma nova dualidade pulsional (pulsões de vida versus pulsões de morte). Essa investigação proporciona aos leitores da psicanálise algumas observações sobre a homossexualidade.

Para Lacan, o caso da jovem homossexual foi mal explorado pelos psicanalistas. Ele chega, inclusive, a chamar a atenção sobre como os analistas da época estudaram a fundo o caso Dora, esquecendo-se de explorar o caso da jovem homossexual, uma vez que as duas jovens se questionavam sobre a sexualidade feminina, cada uma à sua maneira.

Ao longo dos seus *Seminários*, observamos as diversas formas segundo as quais Lacan trabalhou o caso da jovem homossexual, tornando-o emblemático para a orientação lacaniana por conceber, juntamente ao caso Dora, a diferenciação das diversas categorias do ato na concepção freudiana e por permitir a invenção do que seria a figura clínica da “passagem ao ato”.

A jovem homossexual era uma moça bela e inteligente de dezoito anos, pertencente a uma família de boa posição, que despertou o desgosto e preocupação dos seus pais pela adoração com que perseguia certa “dama da sociedade”, cerca de dez anos mais velha que ela. Esta dama vivia com uma amiga numa relação bastante íntima, ao mesmo tempo em que mantinha relações promíscuas com alguns homens, fatores que não pesaram, de forma alguma, nos sentimentos da jovem. Nem as proibições nem a vigilância a impediam de aproveitar todas as suas poucas oportunidades de encontrar-se com a dama de seu apreço, de esperar por ela durante horas diante da sua porta, ou de lhe enviar presentes, embora a dama não lhe desse a atenção desejada.

A jovem moça não se interessava mais pelos estudos, nem pelas funções sociais ou prazeres relativos à sua idade. Sustentava relações apenas com algumas amigas que podiam lhe servir de confidentes. Os pais jamais observaram na filha qualquer interesse pelos rapazes, nem prazer por seus galanteios. Por outro lado, acreditavam que a ligação era apenas uma sequência, em grau mais acentuado, de um sentimento demonstrado há poucos anos por outras mulheres.

A atitude desafiadora da jovem, anterior à sua tentativa de suicídio era um fator determinante e necessário, uma forma obrigatória de apresentar sua ligação amorosa. Esses atos apresentavam todo o seu questionamento sobre sua própria identidade sexual. Em determinado momento, aconteceu do pai encontrar a filha em companhia da referida senhora e, ao passar por elas, lançar-lhes um olhar indignado. Após esse ocorrido, a dama resolve acabar com os encontros entre as duas, o que para a jovem teve um efeito devastador. De repente, a jovem saiu correndo e se jogou sobre uma linha férrea. Passou um tempo considerável deitada na cama, embora fossem poucos os danos sofridos nessa tentativa de suicídio. Após a recuperação, descobriu ser mais fácil que antes conseguir o que queria. Os pais não ousaram se opor com tanta determinação e a senhora que até então recebia friamente seus avanços, comoveu-se com essa prova de amor e começou a tratá-la de maneira mais gentil. Seis meses após o episódio suicida, os pais buscaram tratamento a fim de tentar reconduzir sua filha a um “estado normal”.

O pai era um homem sério, rígido com os filhos, mas, apresentava ternura em determinados momentos. Seu tratamento para com a filha única era distante devido às influências de sua relação com a esposa. Quando soube das tendências homossexuais da filha, ficou enfurecido e tentou reprimi-las com ameaças. Encarava a filha como uma degenerada ou mentalmente perturbada. Estava determinado a combater o homossexualismo da filha por todos os meios que estivessem ao seu alcance. Até mesmo, caso fosse necessário, arranjando-lhe um casamento.

A mãe era uma mulher jovem e vaidosa. Dedicava aos filhos diferentes tratamentos: com os filhos homens mostrava-se bastante tolerante, ao passo que reservava à sua filha a rigidez e a dureza. A paixão da filha pela dama era tolerada, até o momento em que se tornou pública.

Um traço importante nesse caso clínico está no fato de que a jovem, em sua atitude para com seu objeto amoroso, a dama, havia assumido o papel masculino, ou seja, apresentava a humildade, a supervalorização do objeto sexual e a renúncia à satisfação narcísica, sendo estas características do amante masculino.

Com relação à história sexual, Freud relata que, na infância, a jovem passou pela atitude normal característica do complexo de Édipo. Posteriormente, começou a substituir o pai pelo irmão mais velho. Não se lembrava de qualquer trauma sexual ocorrido no começo de sua vida, nem nenhum fator foi descoberto pela análise. A comparação entre os órgãos sexuais do irmão e os seus, no início do período de latência, aproximadamente aos cinco anos de idade, deixou-lhe forte impressão e teve efeitos posteriores com grandes consequências.

Durante os anos de pré-puberdade, na escola, gradualmente familiarizou-se com os fatos do sexo e respondeu a isso com sentimentos mistos de libidinagem e aversão.

Dos treze aos quatorze anos, começou a apresentar grande afeição por um menino de menos de três anos de idade, a quem costumava ver regularmente em um parquinho. Apegou-se tanto à criança que, em consequência disso, surgiu uma amizade entre ela e os pais do menino. Naquela época, possuía forte desejo de ser mãe e de ter um filho. Mas, após curto tempo, tornou-se indiferente ao menino e começou a interessar-se por mulheres maduras, porém de aparência jovial. As manifestações desse interesse logo vieram acompanhadas de um severo castigo por parte de seu pai. Essa mudança ocorreu simultaneamente a um acontecimento na família, considerado por Freud como de extrema importância: uma nova gravidez de sua mãe e o nascimento de um terceiro irmão, quando a paciente tinha cerca de dezesseis anos.

Para Miller (1997), Lacan segue análise de Freud sobre a importância dessa criança na história da paciente e o impacto que teve sobre a jovem.

Lacan segue a análise de Freud ao perceber o anelo, o desejo feminino infantil de receber do pai uma criança imaginária, como equivalente, como substituto do falo. A decepção de não recebê-la, nesse caso, produz um giro na posição clínica do sujeito que vem a identificar-se com a posição masculina [...] o essencial da referência a esse caso deve-se ao fato de nele estar colocado em evidência o papel clínico fundamental da relação criança-falo (IBIDEM, p. 466).

A análise da jovem revelou que a amada era uma substituta da mãe. Os primeiros objetos de sua afeição, após o nascimento do irmão mais novo, haviam sido mães, mulheres entre trinta e trinta e cinco anos, com cujos filhos ela havia se encontrado. No entanto, em virtude da dificuldade de encontrar mães com tendências homossexuais, a maternidade como condição fundamental para a escolha amorosa foi abandonada.

O impacto causado pela gravidez da mãe deve-se ao fato de ela ter acontecido no exato período em que a jovem experimentava sua puberdade. A moça apresentava um desejo de ter um filho do pai, sentiu-se desapontada e traída, pois quem engravidou foi sua rival, inconscientemente, ou seja, sua mãe. Após esse desapontamento, afastou-se completamente do pai e do amor dos homens, repudiou inteiramente seu desejo de ter um filho e abdicou de sua feminilidade, procurando outro objeto para investir sua libido. Alberti (2001), em seu artigo “As paixões do ser: a partir de um caso freudiano”, contribui com a seguinte afirmação:

A função paterna sustentada pelo Édipo, implica no investimento de desejo na relação do pai com a filha, e é aí que a jovem homossexual se sente traída, o que se reatualiza no nascimento do irmão caçula, prova de que o pai – conhecedor da neurose da mãe, ou mesmo, da malvadeza da mãe em relação a ela -, escolhe não assumir aquela vertente da função paterna – a do desejo em relação à filha -, por submeter sua relação com sua filha à determinação de sua mulher (IBIDEM, p. 4).

A jovem, por não saber o que fazer com uma mãe que era demasiadamente real, se apodera da homossexualidade com o intuito de buscar uma mãe substituta a quem poderia ligar-se apaixonadamente. Nesse sentido, a escolha homossexual oferecia um ganho secundário que visava diminuir a hostilidade da mãe para com ela, pois, ao desistir dos homens, os deixava para a mãe e, assim, não precisava mais competir. A mãe era uma mulher que gostava de seduzir. Tornar-se homossexual seria, então, uma maneira de escapar de uma rivalidade com a genitora. Freud observa que o ciúme da mãe em relação ao marido chegava, muitas vezes, a manter pai e filha distantes. Tal distância não estava de modo algum referida à lei como interdição do incesto, mas, ao contrário, reforçava a rivalidade incestuosa com a própria mãe.

Em sua biografia autorizada a jovem homossexual, que se chama Margarethe Csonka, relata muitas vezes a convivência com a sua mãe e se refere a ela como uma mulher que tinha uma verdadeira aversão a tudo que seja feminino “toda mulher é sua concorrente e adversária, até mesmo a própria filha [...] sua relação tão respeitosa e terna com o pai é dificultada pela mãe [...] desistiu de se aproximar do pai, para não ter uma desavença com a mãe” (Rieder & Voigt, 2008 p. 63).

Segundo Freud, a tentativa de suicídio foi determinada por dois motivos: primeiro, pela realização de uma autopunição (culpa pelos sentimentos ambivalentes para com os pais); segundo, pela realização de um desejo. A autopunição também é interpretada no texto como realização de um desejo, já que o ato de se matar estaria relacionado a matar o objeto com o qual se identificou e por quem mantinha sentimentos hostis, no caso, seus pais. A jovem se identificava com a mãe, que deveria ter morrido no nascimento do filho, negado a ela. A realização dessa punição constituía, mais uma vez, a realização de um desejo (Freud, 1920 [2006] p. 174).

No decorrer do tratamento analítico, a jovem não manifestava indícios de resistências às pontuações e interpretações feitas por Freud, uma vez que as aceitava com certa indiferença. A paciente apresentava uma postura solícita para com o analista, mas não implicava seu ser nas questões em tratamento, nem sequer expressava seus desejos

inconscientes. A moça chegou a trazer vários sonhos relacionados a um futuro no qual poderia vir a ser “normal”, como os pais desejavam. Mas Freud percebia a farsa que a jovem montava inconscientemente: seus sonhos intencionavam conduzi-lo ao erro, enganá-lo, tal como a paciente fazia com seu pai. Incapaz de mobilizar a transferência, Freud encerra o tratamento.

A jovem tentava “mostrar” a Freud o quanto desejava se identificar as expectativas do seu pai, mas o que ela encenava em ato na transferência remetia-se, justamente, a questionar esse ponto de identificação viril que nada lhe dizia sobre a feminilidade. Freud, com pouca habilidade sobre o caso, conclui o tratamento da jovem dizendo que não compete à psicanálise solucionar o problema do homossexualismo. No máximo, podemos nos contentar com a revelação dos mecanismos psíquicos que determinam a escolha de objeto.

Esse caso ofereceu à psicanálise a oportunidade de se aperfeiçoar em relação à técnica e às ambições terapêuticas. Freud afirmava que a homossexualidade não tinha nenhuma contraindicação ao tratamento analítico e constituía menos ainda uma indicação para tratamento. Por intermédio desse testemunho clínico, observamos também a hipótese freudiana segundo a qual o inconsciente seria susceptível de subterfúgios e poderia ser enganoso na transferência.

### 3.5. A influência do caso da jovem homossexual para o ensino de Lacan

Em 1956, Lacan trabalha a relação de objeto. Um tema central na evolução histórica da psicanálise, tanto em relação à teoria quanto à prática psicanalítica. Em três das lições desse *Seminário livro 4 – A relação de objeto*, ele se dedicará ao debate das vias perversas do desejo, colocando em evidência o caso da jovem homossexual, do qual extrai uma das primeiras contribuições concernentes ao tema: a natureza de sua escolha de relação de objeto.

Durante todo o caso, a homossexualidade feminina foi tomada pelo que ela revelava sobre as etapas do vir a ser mulher, assim como as interrupções que marcaram seu destino. De acordo com Lacan (1956-57 [1994]), Freud, nesse texto, mantinha como um princípio o primado da assunção fálica (Ibidem, p. 96).

No decorrer da sexualidade infantil, a fase fálica torna-se uma etapa terminal, comum para ambos os sexos, culminado com a entrada no período de latência. Essa organização genital é atingida pelos dois sexos sendo essencial, para tal questão, a posse, ou não, do falo,

que é o seu elemento diferencial primordial. Portanto, a realização do macho e da fêmea é inexistente. Existe aquele que é provido do atributo fálico e aquele que não o é. Nesse sentido, ser desprovido do falo é equivalente a ser castrado (Lacan, 1956-57 [1994] p. 96).

No caminho da evolução edípica da menina, ela começa a desejar um filho do pai como substituto do falo que lhe falta. A decepção por não receber esse filho desempenha, justamente, o papel crucial para o retorno da menina ao caminho por onde ela entrou no Édipo, a saber: a identificação com o pai, em direção à retomada da posição feminina. Brousse (2010) disserta sobre essa decepção e suas consequências para a jovem:

É sua decepção quando o seu pai tem um segundo filho com sua mãe. Lacan retoma isto do seguinte modo: ela quis essa criança do pai como falo, a criança como dom fálico do pai, no lugar do dejetivo que ela é como não amada pelo pai. Ao mesmo tempo, no momento em que seu pai engravida a mãe, ela cai como objeto amado pelo pai, não pode mais imaginar-se amada por ele. Disso decorre o desejo de ter um filho que virá substituir o objeto que ela perdeu, ou melhor, o objeto que não é mais (IBIDEM, p. 29).

Em sua infância, ao observar seu irmão mais velho, a jovem percebeu sua diferença em relação a ele e se viu como alguém que não tinha o objeto essencialmente desejável, ou seja, o objeto fálico. Houve, então, uma verdadeira inversão da posição subjetiva. Posteriormente, uma outra decepção veio a operar essa inversão: por volta de seus quinze anos, sua mãe teve outro filho de seu pai. A chegada desse terceiro irmão será um ponto chave para o caso, pois é nesse momento que a moça muda de posição.

Outro ponto interessante não escapou à sagaz interpretação de Freud: a natureza da paixão que a jovem nutria pela dama. Com efeito, a jovem tratará essa dama num estilo altamente elaborado de relação cavalheiresca e propriamente masculina, oferecendo sua paixão sem exigência, desejo, nem mesmo esperança de retribuição, como um dom por meio do qual o amante se projeta para além de toda espécie de manifestação da amada. Freud considera esse caso como um correlato muito próximo ao seu texto de 1910 [2006], “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens”, uma vez que as características especiais às quais ele remete a ligação com a mãe aplicavam-se a esse caso com uma certa riqueza de detalhes.

Não se tratava de uma relação homossexual como as outras. Aqui, o que se destacava era um amor platônico no que este tem de mais exaltado. Um amor que não demandava outra satisfação além de servir à dama. Um amor cortês no que ele tem de mais devotado. Nessa

ordem dos fatos, o amor dito ideal pode se expandir, pois institui a falta na relação com o objeto. Segundo Lacan (1956-57 [1994]):

O reflexo da decepção fundamental nesse nível, sua passagem ao plano do amor cortês, a saída encontrada pelo sujeito nesse registro amoroso, colocam a questão de saber o que é, na mulher, amado para além dela mesma, e isso põe em causa o que é verdadeiramente fundamental em tudo o que se relaciona com o amor na sua realização[...] O que é, propriamente falando, desejado na mulher amada é justamente aquilo que lhe falta. E o que lhe falta nessa ocasião é precisamente esse objeto primordial cujo equivalente o sujeito, o substituto imaginário, iria encontrar na criança, e ao qual ele retorna. No extremo do amor, no amor mais idealizado, o que é buscado na mulher é o que falta a ela. O que é buscado, para além dela, é o objeto central de toda a economia libidinal: o falo (IBIDEM, p. 111).

No caso da nossa jovem, em seu amor exaltado pela dama, ela demonstra o modelo do amor absolutamente desinteressado, do amor por nada. Tudo se passa como se a moça quisesse mostrar a seu pai o que é um verdadeiro amor, este mesmo amor que seu pai lhe recusou. A moça demonstra ao pai como se pode amar alguém não apenas pelo que ele tem, mas literalmente pelo que ele não tem, um amor às expensas do falo, por este pênis simbólico que ela sabe muito bem que não encontrará na dama, pois também sabe onde ele se encontra, isto é, em seu pai.

É a partir da enigmática decepção sofrida em relação ao seu pai que a jovem monta toda a sua cena fantasmática, orientando-se para a homossexualidade e escolhendo como objeto de amor a dama de reputação duvidosa. A moça sabia que não existiria melhor maneira de ferir seu pai do que envolvendo-se com uma mulher, ainda mais sendo esta de má reputação. Ressentida, ela mantém uma conduta provocativa totalmente endereçada a seu pai. É essa decepção o fator desencadeante de todo o *acting out* da jovem. O momento da passagem ao ato acontece quando o pai encontra a filha em companhia de sua dama. Ao passar por elas, ele lança um olhar indignado. Logo depois desse encontro, a dama lhe comunica que não quer mais prosseguir com tudo aquilo. Ela, então, atravessa a janela de sua cena fantasmática e identifica-se com o objeto como resto do Outro e se atira por cima da murada da linha férrea. Nesse momento o olhar do pai e a recusa da dama, produzem na jovem um corte em sua cadeia significativa. O olhar do pai se presentifica como a face mais devastadora do supereu, identificando-a a uma posição de resto de significação, se não podia ser digna de ser amada pelo pai e pela dama era apenas o dejetivo.

Devido ao estudo aprofundado dos recortes clínicos dos casos Dora e da jovem homossexual, podemos dispor das contribuições essenciais de Lacan, e posteriormente de seus

discípulos, no que concerne à diferenciação do conceito de ato, assim como da criação do conceito de passagem ao ato, contribuições fundamentais para a clínica psicanalítica.

### 3.6. Do ato falho ao ato como certeza

A contribuição maior do caso Dora foi dar relevância ao ato na dinâmica da transferência. No decorrer da análise, Freud aprende que quando o analisando não se recorda de algo, ele o repete em ato na transferência. Assim, outra forma de entrada da questão do ato em psicanálise se dá, em 1914 [2006], por meio do texto de Freud “Recordar, repetir e elaborar”. Nesse artigo, encontramos, pela primeira vez, os conceitos de “compulsão à repetição” e de “elaboração”, dois vértices que possuem importância crucial para a clínica psicanalítica.

O ato é explorado na seguinte direção: o paciente atua em substituição daquilo que não conseguisse recordar. De acordo com Brodsky (2004, p. 13): “nesse texto, há uma mudança de perspectiva. Freud não se contradiz, mas é importante reconhecer que ele aborda o ato de outro lugar, baseando-se no que se opõe à rememoração”. Aqui, começa, de fato, o uso da expressão *acting out*, nos seguintes termos:

O paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo. Por exemplo, o paciente não diz que recorda que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade dos pais; em vez disso, comporta-se dessa maneira para com o médico (FREUD, 1914 [2006], p. 165).

Nesse texto, Freud está mais interessado em explorar as relações mantidas entre a repetição em ato e o conceito de transferência. Ele acaba por formular a transferência como um fragmento de repetição e a repetição como uma transferência de algo que não pode ser esquecido. No entanto, observamos que a essa compulsão à repetição ainda não está associada à sua faceta mais radical, a pulsão de morte.

Ao propor o aprofundamento dos principais conceitos freudianos, Lacan, em seu *O seminário livro 11 - os quatro conceitos fundamentais em psicanálise* (1964 [1985]), se



propõe a explorar o conceito de repetição, argumentando que nenhum dos discípulos de Freud deu o devido valor ao conceito de ato. É importante reconhecer que esse seminário indica um ato de ruptura do próprio Lacan com a teoria freudiana, assim como com a Associação Internacional de Psicanálise, a IPA, ao destacar o objeto *a* na lógica da experiência analítica. Sua primeira indicação sobre o conceito de repetição é, justamente, não confundi-lo com uma simples reprodução em forma de comportamento, pois a repetição está sempre dissimulada pela fantasia inconsciente do sujeito. É preciso manter no horizonte que “um verdadeiro ato tem sempre uma parte de estrutura de um real que não é evidente” (Ibidem, p. 56). Coutinho Jorge (2000, p. 60) nos lembra que o texto freudiano não autoriza a confusão entre os conceitos de repetição e rememoração, pois, na verdade, são ideias que se opõem: “Lacan observa que esse texto de Freud deu margem a uma concepção errônea da repetição, tornada pelos pós-freudianos homogênea à noção de reprodução e indistinta da transferência”.

Retornando a obra Freudiana, consideremos outra paciente que fez a psicanálise explorar o tema do ato. No artigo “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” (1920 [2006]), Freud retrata o caso de uma paciente conhecida como a jovem homossexual, de dezoito anos, encaminhada ao tratamento por seus pais. Estes demonstravam preocupação com a filha pela verdadeira adoração que ela devotava a uma dama da sociedade de má reputação, a baronesa Leoni Von Puttkamer. A jovem suscitara a ira dos seus pais ao caminhar pelas ruas em companhia de tal senhora, nunca se preocupando com sua reputação ou com a deles. A moça foi levada ao tratamento não apenas por sua conduta provocativa, que caracterizava o seu *acting out*, mas, principalmente, por um ato suicida.

Embora, no desenrolar do caso, Freud argumente que a jovem não era neurótica e nem apresentava nenhum sintoma histérico, ele não deixou de notar suas atuações dentro e fora do jogo analítico. Se Dora atuava por não conseguir recordar parte das lembranças, com a jovem homossexual não foi diferente. A moça tinha como costume passear pelas ruas de Viena em companhia da dama de seu afeto, o que provocava os comentários e a fúria de seu pai. Uma atuação provocante que, mediante a utilização de sua cena fantasmática, denunciava o enigmático do seu desejo. Assim, ela endereçava sua questão ao Outro por meio de sua encenação.

O *acting out* é um recurso de linguagem utilizado pelo sujeito, quando este compreende que sua mensagem não foi recebida no campo do Outro. Se a mensagem não consegue ser acolhida por seu destinatário, certamente será repetida em ato. Segundo Graciela Brodsky (2004, p. 113), “Lacan situa *acting* e repetição dizendo que o *acting* só é concebido

em relação ao analista, em relação ao Outro, e supõe que algo não foi escutado [...] e por isso é encenado para dizê-lo: é uma repetição de outra maneira”.

Lacan, em seu *Seminário livro 10 - a angústia* (1962-63[2005] p. 137), nos incita a ir além das elucidações de Freud: “o *acting out* é, essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito. A ênfase demonstrativa de todo o *acting out*, sua orientação para o Outro, deve ser destacada”. Não existe ato sem a presença do Outro, é preciso uma coordenada simbólica que aponte que se pode ir além. Logicamente, toda essa conduta é velada para o sujeito por meio da sua fantasia psíquica. Ela tanto se faz visível aos olhos do Outro, quanto invisível ao próprio sujeito, autor e ator da própria cena.

O ato suicida foi outra forma de comparecimento do ato na literatura psicanalítica. A jovem homossexual teve lugar de destaque na obra freudiana, no que diz respeito ao ato suicida, impulsionando Freud a avançar sobre o tema. Com base nesse caso, ele chega a descrever o ato suicida, articulando, dessa vez, o motivo do suicídio a partir das particularidades encontradas no caso.

A tentativa de suicídio, como se poderia esperar, foi determinada por dois outros motivos, além dos que ela forneceu: a realização de uma punição (autopunição) e a realização de um desejo. Esse último significava a consecução do próprio desejo que, frustrado, a impelira ao homossexualismo: o desejo de ter um filho do pai, pois agora ela ‘caíra’ por culpa do pai.[...] tendo a análise explicado o enigma do suicídio da seguinte maneira: é provável que ninguém encontre a energia mental necessária para matar-se, a menos que, em primeiro lugar, agindo assim, esteja ao mesmo tempo matando um objeto com quem se identificou e, em segundo lugar, voltando contra si próprio um desejo de morte antes dirigido contra outrem (FREUD, 1920 [2006] p. 173-174).

Essas formulações construídas sobre o caso da jovem homossexual de uma identificação com o objeto e de um desejo de morte voltado para o próprio sujeito, nos remete as primeiras observações de Freud sobre o suicídio e estas sempre remontam a presença decisiva de um supereu feroz, o que observamos principalmente nos estados melancólicos. É o que desde 1910 [2006], durante uma discussão sobre o suicídio de escolares, Freud tenta articular, quando suscita a hipótese do suicídio como uma das manifestações dos estados melancólicos. Suposição que será melhor sustentada através do seu texto “Luto e melancolia” (1917 [2006]), um texto metapsicológico em que discutirá as diferenças entre os estados de luto normal e de melancolia. O suicídio, como fator predominante na melancolia, seria um retorno do sadismo para o eu.

Essa mesma hipótese é sustentada em seu artigo “O eu e o isso” (1923[2006]), no qual o inconsciente adquire uma nova divisão topográfica, através da definição da instância psíquica do supereu como herdeira do complexo de Édipo. Freud descreve, em detalhes, essa correlação indissociável existente entre o pai e o supereu. Ao analisar essas duas instâncias psíquicas, ele apresenta o supereu como conceito e, para tanto, apropria-se do imperativo categórico de Kant para construir sua definição, pois o supereu vigora como um imperativo de dever que implica uma perda inexorável. A premissa de que o supereu é o herdeiro do complexo de Édipo tem seu lugar nesse trabalho, que compreende a segunda tópica da sua teoria.

Os pais da criança, e especialmente o pai, eram percebidos como obstáculo a uma realização dos desejos edipianos, de maneira que o ego infantil fortificou-se para a execução da repressão erguendo esse mesmo obstáculo dentro de si próprio. Para realizar isso, tomou emprestado, por assim dizer, a força do pai, e este empréstimo constituiu um ato extraordinariamente momentoso. O supereu retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir ao recalque [...] mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (*conscience*) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa (IBIDEM, p. 47).

O Eu é descrito como um catalisador de identificações que tomam o lugar de investimentos abandonados pelo isso. A primeira dessas identificações se mantém a parte, sob a forma de um supereu. Inicialmente, essa vertente da lei é retomada a partir do pai que era tido como um obstáculo a uma realização de desejo edipiano. É nesse ponto que Freud faz a articulação com o imperativo categórico de Kant: “Tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim, o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego” (Ibidem, p. 61).

Vale salientar que a moral que interessa a Freud é vista nessa articulação da vertente interditoria do supereu, pois, durante o processo de formação, o supereu assume o lugar da instância parental (da lei, da censura, da moral), tornando-se seu herdeiro legítimo e exercendo, então, sua função proibidora e punitiva. A esse respeito, Rinaldi (1999) nos ensina que:

Utilizando a expressão kantiana, ele define o supereu, nesse sentido mais estrito, como a instância moral por excelência. A concepção freudiana, contudo, difere da de Kant, já que as funções do supereu podem operar de forma inconsciente. A noção de sentimento inconsciente de culpa é fundamental para a compreensão dessa diferença. Além disso, a ordem do supereu se exerce de uma maneira particular, pois quanto mais se atende às suas exigências, mais cruel ele se torna (IBIDEM, p. 53).

Freud parte do princípio que o melancólico sofre de um supereu excessivamente feroz, totalmente influenciado pela pulsão de morte, que se manifesta como sentimento de culpa no eu. Nesse mesmo texto, também encontramos um esboço das primeiras ideias sobre o ato criminoso, definido por Freud como um ato cometido sob a influência de um poderoso sentimento inconsciente de culpa, já existente antes do crime, sentimento esse que, ao ser ligado a um ato, soaria como um alívio no inconsciente (Freud, 1923 [2006], p. 65).

Por meio das fronteiras do ato, Freud pôde abordar diversos conceitos importantes para a clínica, tais como transferência, repetição e fantasia, além de outros fundamentais para a teoria, a saber: o inconsciente e a pulsão. Sua clínica e obra deixaram um legado contendo uma constelação de definições sobre o *acting out* e o ato suicida. No entanto, ele não chegou a construir uma diferença teórica definitiva entre as categorias do ato. Trabalho que coube a Lacan desdobrar e diferenciar ao longo de seu ensino.

Há, em sua obra, uma certa “fenda” teórica em relação ao conceito de ato, ainda que Freud tenha se empenhado em descrever suas várias formas de apresentação, a saber: ato falho, ato sintomático, *acting out*, ato suicida e ato criminoso. Não conseguimos encontrar uma diferença marcante entre esses conceitos. Lacan, em seu ensino, chama a atenção para esse fator. Disso resultou sua contribuição para a teoria psicanalítica, ou seja, a conceituação de “passagem ao ato”. Baseado nos casos da jovem homossexual e Dora, ele explicitou, à luz da psicanálise, a diferença entre o *acting out* e a passagem ao ato.

Tirando partido desse momento conceitual fértil, no qual Lacan introduz sua definição de objeto em psicanálise e que já fora explorado no segundo capítulo desta dissertação, conseguimos situar as diferenças marcantes entre o que seria o *acting out* e a passagem ao ato, pois a posição do sujeito e do objeto, em relação à fantasia, se distingue nessas duas formas de ato.

Na clínica, o objeto, de valor abstrato e inapreensível pela experiência, encontra sua forma de expressão na fantasia inconsciente. A fantasia, como formação do inconsciente, protege o sujeito do encontro contingente com o real. Assim, quando o real se apresenta de forma avassaladora, a fantasia promove seu apaziguamento (Jorge, 2010, p. 9). A estrutura da fantasia, como uma encenação psíquica, gira em torno de um eixo principal no qual o objeto, desde sempre perdido, é separado do sujeito e, dessa forma, organiza sua realidade psíquica.

Por meio dos conceitos de objeto *a* e fantasia, conseguimos desenvolver as diferenças estruturais entre o *acting out* e a passagem ao ato. O objeto *a*, durante um *acting out*, se apresenta revestido pela fantasia. Sua “aparição” em uma atuação retoma a cena fantasmática

da qual o sujeito participa como aquele que monta a cena, separado do objeto, e inconsciente dela.

Na passagem ao ato, o objeto *a* comparece sem a roupagem fantasmática: o sujeito se identifica com o objeto e tanto ele, sujeito, quanto o objeto saem da cena do Outro. Lacan sublinha em seu *seminário livro 15 – O ato psicanalítico* esse desaparecimento do sujeito no momento da passagem ao ato: “Uma dimensão comum do ato é a de não comportar, no seu instante, a presença do sujeito” (Lacan, [1967-68] p. 58). Sem o aparato cedido pela fantasia, essa identificação se dará de forma devastadora, implicando o total apagamento do sujeito. J.-A. Miller (2005), em seu texto “Introdução à leitura e referências do *Seminário 10*”, trabalha os seguintes aspectos sobre esse tema:

O *acting out* é o surgimento do objeto *a* na cena, com seus efeitos de perturbação e de desordem, insituáveis. Aqui, é preciso implicar uma dinâmica subjetiva que faz com que o sujeito traga à cena o objeto *a*, ao passo que na passagem ao ato é o sujeito encontrando-se, sob a barra, fora da cena, com o objeto *a*. A passagem ao ato não engana, é uma saída de cena que não deixa mais lugar à interpretação, não deixa mais lugar ao jogo do significante (IBIDEM, p. 75).

Para tratar a passagem ao ato, torna-se imprescindível o estudo de duas condições essenciais. A primeira delas está presente quando o sujeito está totalmente identificado com a condição de objeto *a*; a segunda é o encontro desastroso do desejo com a lei (Lacan, 1962-63 [2005] p. 125). Logo no início da sua IX lição do *Seminário, livro 10: a angústia*, Lacan nos dá a seguinte definição:

Esse “largar de mão” é o correlato essencial da passagem ao ato. Resta ainda precisar de que lado ele é visto. Ele é visto justamente do lado do sujeito. Se vocês quiserem referir-se à fórmula da fantasia, a passagem ao ato está do lado do sujeito na medida em que este aparece apagado ao máximo pela barra. O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento. É então que, do lugar em que se encontra – ou seja, do lugar da cena em que, como sujeito fundamentalmente historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito -, ele se precipita e despenca fora da cena (IBIDEM, p. 129).

A passagem ao ato pode ser abordada também do ponto de vista de uma tentativa de instituir uma saída para a angústia, instaurando forçosamente a falta. Durante um encontro

fantasmático desestabilizador, o sujeito prefere se entregar na condição de objeto como única maneira de deixar um enigma no campo do Outro.

Não podemos esquecer de fazer referência sobre a conexão entre ato e angústia, estabelecida por Lacan, no *Seminário, livro 10: a angústia*, ao afirmar que “agir é arrancar da angústia a própria certeza. Agir é realizar uma transferência de angústia” (Lacan, 1962-63 [2005] p. 88). Aqui, observamos a relação íntima entre o ato e a certeza que se realiza a partir da angústia.

Lacan também nos aponta outra consideração a ser feita. Deve-se pensar esse “sair de cena” como uma ruptura com o sentido que encarnaria uma face de morte subjetiva para o sujeito. J.-A. Miller (2009, p. 13) acrescenta que o passar do pensamento ao ato parece designar o momento em que o sujeito abandona os equívocos do pensamento e da linguagem.

Brodsky (2009, p. 13) também nos traz uma contribuição, ao sublinhar que Lacan aponta a passagem ao ato bem sucedida como equivalente ao suicídio. O sujeito adquire uma certeza, ele é o resto de uma significação e suplantado nessa certeza ele rejeita todo o espaço para o discurso do inconsciente que nos remete a dúvida e a falha do ato. Esta seria, então, a expressão máxima de uma posição de rechaço do inconsciente.

No caso Dora, por exemplo, a passagem ao ato se apresenta no momento em que ela dá uma bofetada no Sr. K. Dora, por meio dos seus sintomas, perguntava-se sobre o que vinha a ser uma mulher e a Sra. K encarnava para ela uma resposta a essa questão. No momento preciso em que o Sr. K diz: “Minha mulher não é nada para mim”, Dora passa do pensamento ao ato, identificando-se com o “nada” como objeto de uma odiosa troca, muito mais do que como objeto de desejo para um homem (Alberti, 2009, p. 83).

Em um breve resumo do caso da jovem homossexual, também podemos situar nele a passagem ao ato. A história da jovem é marcada pelo desapontamento em relação à figura paterna. Ainda na flor da idade, ela percebe que não é o objeto de desejo do seu pai. Decepcionada, ela mantém uma conduta provocativa totalmente direcionada ao pai. Durante esse tempo de provocação, tudo indica, por seu direcionamento, tratar-se de um *acting out*. O momento da passagem ao ato acontece quando o pai encontra a filha em companhia da dama de reputação duvidosa. Ao passar por elas, lança um olhar indignado. Logo a seguir desse encontro, a dama comunica à jovem que não gostaria mais de continuar com tudo aquilo. A jovem, então, atira-se da murada da linha férrea. Nesse ponto, pode-se observar que a jovem rejeita o lugar que a lei paterna lhe confere, identificando-se ao que cai, isto é, com o resto dessa lei, com o olhar como objeto *a* (Ibidem, p. 84).

No caso Dora, que estava sob os efeitos da transferência em análise, ela encenava a sua questão histórica através da identificação viril ao Sr. K. e assim sustentava o lugar de ideal que a Sra. K. tinha para ela. Aqui, a atuação tinha para Dora um lugar de apelo, através da transferência, que escapou da escuta de Freud. No caso da jovem homossexual, que não estava sob transferência analítica na época de suas atuações, o *acting out* estaria mais próximo do que Brousse (2010, p. 30) nomeia de “um se dar a ver nessa posição”. A jovem se identificava ao pai, mas decepcionada com este encenava sua questão acerca da sexualidade feminina abdicando dela, elegendo uma dama para ofertar o seu amor e elegê-la como objeto idealmente fálico.

Dora e a jovem homossexual são dois casos clínicos que, para Lacan, influenciaram a psicanálise em diferentes vetores da clínica e da teoria. As jovens ensinaram a Freud sobre as vicissitudes do ato, levando-o a exploração deste, mais além de seu uso na vida cotidiana – como o ato falho – mas como um apelo singular feito pelo sujeito ao Outro, que ocupa o lugar da transferência.

No próximo capítulo desta dissertação iremos explorar o que consideramos um lugar mais específico para a adolescência e a sua singular proximidade ao ato. A leitura Lacaniana sobre dois momentos de constituição do sujeito – a alienação e a separação – será fundamental para exemplificar em que momento dessa constituição do sujeito o apelo ao ato é mais forte e em que medida ele é ressituaado na adolescência. Para tanto, utilizaremos de três casos clínicos de jovens que utilizam do ato como forma de inscrever no campo do Outro a parte real do seu sofrimento.

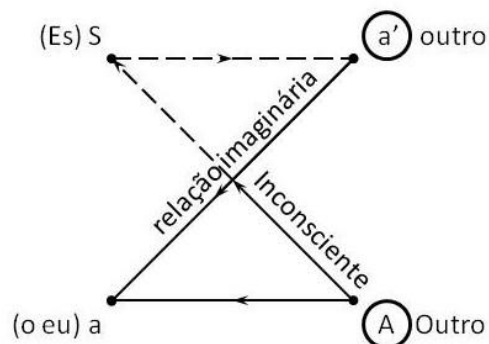
## 4. Alienação e separação: onde ato e adolescência fazem fronteira

### 4.1. Alienação e separação: as operações de constituição do sujeito

Iniciaremos esse capítulo com a articulação entre as operações de constituição do sujeito e pelo o que nelas encontramos do ato. Lembremos uma definição de Lacan trabalhada em seu *seminário livro 14: a lógica da fantasia* (1966-67, p. 215): “O ato é um significante”, não qualquer significante, um significante primeiro que funda uma repetição e insere uma cadeia, no qual o sujeito pode se inscrever. Portanto podemos afirmar que é através de um ato que se funda o sujeito.

Nesse sentido não pode haver ato maior do que conceder em perder parte do seu ser, permitir que parte de si seja elidida em um não-sentido, para com isso advir como sujeito enquanto tal. Para podermos ter acesso a essa operação significante inaugural para cada ser, precisamos percorrer as operações de constituição do sujeito, denominadas por Lacan de alienação e separação. Partiremos do pressuposto de que na adolescência se sobressai esse ponto problemático que Lacan trabalha como ato, pois a puberdade se trata de um real biológico que invoca um apelo feito ao lugar do ato (Ibidem, p. 399).

Em seu ensino inicial (1949 [1998]), Lacan elaborava suas considerações sobre o “*estádio do espelho*” como uma identificação mediada por uma matriz simbólica que, ao ser assumida pelo sujeito, provocava nele transformações necessárias para a construção de uma consistência imaginária do eu. Com relação a isso, ele já utilizava a seguinte expressão: “função alienante do [eu]” (Ibidem, p. 102). A essa altura de sua teorização, o que se destacava como fundamental era a importância de uma alienação a uma identificação primária. É o que observamos delinear-se por exemplo no esquema L de Lacan apresentado na figura abaixo (1955 [1998] p. 58)





Essa construção inicial da relação do sujeito ao campo do Outro, começa pela alienação a uma identificação primeira, abordado pela eixo simbólico (A –S). Nessa construção o sujeito se questiona através da identificação fálica sobre o que ele teria sido como o objeto no desejo do Outro, através desse enigma o sujeito tenta obter um sentido, um nome que denomine o seu ser de gozo. “Se o homem chega a pensar a ordem simbólica, é por estar primeiramente aprisionado nela em seu ser. A ilusão de que ele a formou com sua consciência provém de ter sido através de uma hiância específica de sua relação imaginária com o semelhante que ele pôde entrar nessa ordem como sujeito” (Lacan, 1955 [1998] p. 57). Em um segundo momento dessa dialética, o registro do imaginário, abordado pelo eixo a-a’ (eu - eu ideal), é destacado como esse campo privilegiado do narcisismo que ressalta o valor fálico da identificação primeira mediada pela matriz simbólica do eu.

Observamos uma certa passagem no ensino de Lacan do campo imaginário ao campo simbólico mediado pelo desejo. A importância dessa passagem se desdobra em indicações para a clínica. Em *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache* (1960 [1998] p. 688) ele acentua: “chamamos a atenção para o desejo, sobre o qual se costuma esquecer que, muito mais autenticamente do que uma busca de ideal, é ele que regula a repetição significativa do neurótico e sua metonímia”.

Nesses textos, somos surpreendidos pela elaboração de Lacan de uma invenção particular ao seu ensino: o objeto *a*. Esse objeto, que já se encontrava no início da sua teorização mas que se caracterizava, então, como um objeto que concernia ao desejo, será um conceito fundamental para pensar essa “função alienante” de um outro parâmetro.

Com este conceito, Lacan vai mais além da identificação que compõe o imaginário e avança em direção ao que fundamenta o inconsciente: um sem-sentido que resta de uma operação de linguagem e que determina a realidade psíquica, o objeto *a*. Esse é o objeto característico que define o real lacaniano. Mas, porque o real de Lacan é sem-sentido? É o que Lacan demonstra com essas operações de fundação do sujeito como função do campo da linguagem, denominadas por: alienação e separação e que discutiremos a seguir.

A linguagem é um campo com um código definido que pré-existe ao sujeito. Esse Outro, como o tesouro dos significantes, proporcionará as ferramentas necessárias para que o sujeito possa se servir da linguagem. Esse encontro inaugural com o Outro da linguagem, é o primeiro encontro do sujeito com o Outro. A partir disso, deixa-se de ser um indivíduo, no sentido de uma massa indivisível, para se tornar um ser divisível. Dividido pelo encontro com o Outro, de onde o sujeito retirará um significante que o represente para um outro significante e nomeei a sua existência como sujeito. Lacan no ensina que:

O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante o representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante. (IBIDEM (1964 [1998] p. 849)

Ao se produzir esse significante no lugar do Outro, também surge ali o sujeito do ser e esse ser se fará representar em uma cadeia  $S_1 - S_2$ . Por isso a necessidade fundamental da presença do Outro nessa dialética do sujeito, pois nenhum sujeito pode se representar a si mesmo. O sujeito advém dessa parte mortificada do ser resultante do encontro com o Outro da linguagem. Portanto sempre será determinado por um Outro discurso. Isso implica em admitir que as ações, a fala, o pensamento, em tudo o que nos é mais íntimo existe o inconsciente como determinante.

Nesse sentido, essa escolha inicial para o sujeito, na verdade é uma escolha forçada. A escolha do sujeito pelo ser ou pelo sentido, que nos é definida como alienação, é pensada por Lacan através de Hegel e sua dialética do senhor e do escravo. Na fenomenologia do espírito observamos a função do ato ser devidamente expressa na luta de morte por puro prestígio, instituída entre o senhor e o escravo. Nessa dialética Lacan aborda qual o lugar do sujeito frente ao saber absoluto, representado pelo saber da morte, presente neste mito. Uma vez que, o estatuto do sujeito do saber estaria suspenso nessa forma radical instituída pelo saber da morte, o que se instituiria seria o saber do mestre, onde se origina uma *aufhebung*, uma negação do gozo. Essa forma de abordar a dialética hegeliana confere a Lacan substrato para abordar a “experiência do devir do gozo depois da primeira alienação” (Ibidem, p. 102)

É renunciando, em um ato decisivo, ao gozo para se fazer sujeito da morte, que o mestre se institui. Para nós, é também neste ponto, já ressaltai a seu tempo, que se promove, por um singular paradoxo, a objeção que podemos fazer a isso. Paradoxo inexplicado em Hegel: é ao mestre que o gozo retornaria desta “*Aufhebung*” (LACAN, 1967-68, p. 102).

A questão hegeliana impõe-se dessa forma: A liberdade ou a vida! Se se escolhe a liberdade não se pode obter a vida, apenas a liberdade de morrer. Mas se escolhe a vida, tem-se uma vida decepada da liberdade. O que nos conduz à certeza da morte como fator inerente a ambas as escolhas e que impõe apenas uma escolha lógica entre os dois termos. Por isso Colette Soller (1997, p. 62) define a alienação não como uma escolha do sujeito, mas como um destino, uma vez que Lacan comenta sobre esse jogo de cartas marcadas e destino selado para o sujeito.

Tão logo o significante se encarna, num nível mais personalizado, no pedido ou na oferta: no ‘a bolsa ou a vida’ ou no ‘a liberdade ou a morte’. Trata-se apenas de saber que vocês querem ou não (*sic aut non*) conservar a vida ou recusar a morte, pois, no que concerne ao outro termo da alternativa, a bolsa ou a liberdade, sua escolha será de qualquer maneira decepcionante (IBIDEM, 1960 [1998] p. 855).

Mesmo capturado em sua existência pelo sentido recebido, o sujeito ao mesmo tempo em que se aloja nesse campo do sentido não pode ser, ainda assim, inteiramente representado no campo do Outro. Nesse campo, apenas podemos ser representados de maneira parcial. Sempre existirá um resto não absorvido pela operação da linguagem que se apresenta como sem-sentido para o sujeito. Essa parte não recoberta pelo sentido e que não pode ser representada pela linguagem é o objeto *a*, como o resto de uma operação. Esse objeto *a* é justamente o que encontramos em Hegel como o saber da morte, que funda o estatuto de um gozo e que através de Descartes será atribuído como a rejeição do saber. Essa representação parcial, remete à posição de gozo eleita pelo sujeito em suas experiências de demanda oral e anal e em seus encontros com o desejo do Outro, que se presentificam através dos objetos olhar e voz. (Laurent, 1997 p. 41)

Lacan acentua nessa operação de constituição do sujeito a sua dependência significante ao lugar do Outro. Portanto a alienação consiste nesse *vel* que condena o sujeito a aparecer apenas nessa divisão significante, de um lado como sentido, produzido pela entrada do significante, do outro lado como afânise<sup>3</sup>. O ser do sujeito está sob o sentido e ao escolhê-lo, parte do sujeito desaparece, cai no sem-sentido. Já o sentido tem parte do seu campo clipsado pelo desaparecimento do ser, induzido pela função significante.

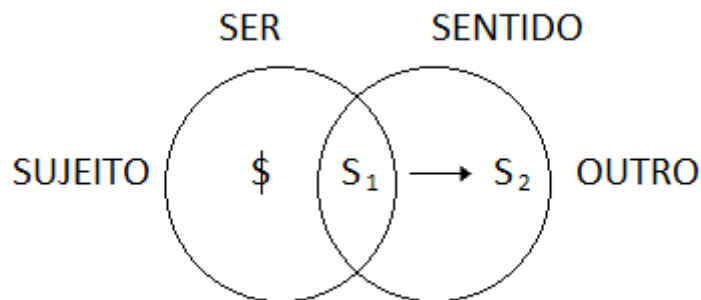
A segunda operação que encerra a causação do sujeito é definida como separação. É sobre a rubrica desta operação que encontramos o que foi definido por Freud como a *spaltung*, a fenda do sujeito. O fundamental a ressaltar sobre essa operação é que ela não é oposta e disjunta da alienação, na verdade: “A separação representa o retorno da alienação” (Lacan, 1960 [1998] p. 858). Através dessa perda em que se fundamenta o sujeito do inconsciente, o sujeito se realiza mediante a falta que produz no Outro e encontra a sua equivalência como inconsciente.

O efeito de causação dessa operação do sujeito será experimentado através de uma Outra coisa, que não se refere apenas aos efeitos de sentido que o discurso solicita e que encontramos na alienação. Na separação o que motiva o sujeito, efetivamente é a perda

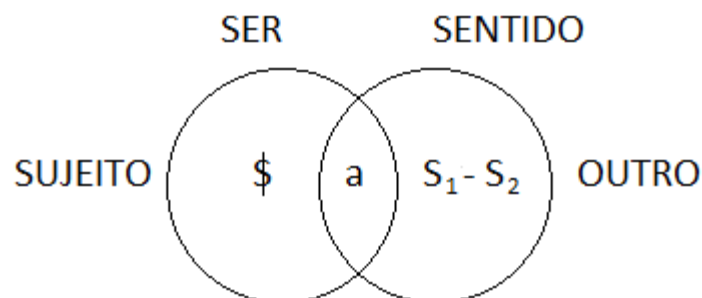
constitutiva do próprio sujeito que, como dimensão do desejo, é o que torna possível a operação da separação.

Ao certificar-se de que há uma falta no Outro, uma vez que os intervalos do discurso desse Outro são experimentados, ao longo das experiências vividas pela criança, como “ele me diz isso, mas o que é que ele quer?” -, o sujeito apreende o desejo do Outro nessas falhas do discurso, nesses intervalos entre os significantes. Para haver separação é preciso que o Outro seja dialetizado, isto é, que não lhe seja atribuída uma onipotência, a qual impediria o sujeito de fazer o que quer que fosse para escapar à sua presença. (Alberti, 2004, p. 25)

Lacan também tenta explicitar a estrutura lógica da alienação, através da teoria matemática das operações com conjuntos, conhecidas como “união” e “intersecção”. Ele cria um conjunto próprio para representar a alienação.



Como Lacan não desenvolveu um conjunto que representasse a operação de separação, faremos referência a um esquema de Jacques Alain-Miller, citado por Laurent em (1997, p.43)



Dessa união do sujeito com o Outro resta sempre uma perda. Ao tomar para si um  $S_1$ , um significante mestre do campo do Outro, o sujeito identifica-se ao sentido que advém desse campo e, em troca, perde parte do seu ser que se define também nessa parte perdida que se refere ao objeto pulsional enigmático do seu gozo em relação ao Outro. Laurent nos fala sobre esse traçado do sujeito, de onde o sujeito parte da posição de objeto para o Outro:

O sujeito é fundamentalmente um objeto do gozo do Outro, e seu primeiro status como *enfant* é ser uma parte perdida desse Outro, o Outro real (geralmente, a mãe). Ele começa a viver no lugar do objeto *a*, em seguida tem de se identificar com aquela parte perdida e ingressar na cadeia de significantes (IBIDEM, 1997, p.43-44).

A via da alienação é necessária como fundamento do sujeito. Essa operação essencial, através da via do sentido, Lacan (1964 [1985]) define nos seguintes termos:

O véu da alienação se define por uma escolha cujas propriedades dependem do seguinte: que há, na reunião, um elemento que comporta que, qualquer que seja a escolha que se opere, há por consequência um nem um, nem outro [...] ilustremos isto pelo o que nos interessa, o ser do sujeito, aquele que está ali sob o sentido. Escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso – escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente (IBIDEM, 1964 [1985] p. 206).

Com o pensamento hegeliano, Lacan nos demonstrou a importância de sua alienação para a teoria psicanalítica. Mas, se com Hegel, Lacan pensa a alienação, será com Descartes que ele irá desenvolver, mais apropriadamente a dupla função da alienação e da separação e, para tanto, utilizará da máxima cartesiana: o cogito<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup>O cogito é abordado através dos textos de Descartes sobre a “dúvida metódica” que consiste no questionamento de que tipo de certeza um sujeito pode ter e de onde extrai essa certeza. O cogito cartesiano surge em um momento histórico para o pensamento científico. Por volta do século XVI o pensamento filosófico encontrava-se estagnado em uma crença no misticismo religioso e no pensamento intuitivo, que proibiam qualquer tipo de pensamento racional considerado subversivo aos desmandos da igreja católica. Nesse contexto, surge o filósofo René Descartes que introduz uma ruptura extraordinária com o pensamento vigente da época. Através do seu procedimento metódico, afirmava que se podia duvidar de tudo, principalmente dos sentidos. Ao mesmo tempo em que conclui que pode duvidar de tudo, também se depara com o fato de que existe algo do qual não se pode duvidar: o fato de que pensa. Paul Strathern, ao escrever sobre a vida e o pensamento de Descartes, afirma que a partir dessa certeza de que pensa, na crença do pensamento nasce o método cartesiano. “Não importa quanto eu possa estar enganado em minhas idéias sobre mim mesmo e sobre o mundo, há apenas uma coisa em que não se pode negar. Estou pensando. Apenas isto prova a mim mesmo minha existência. Na mais famosa observação feita na filosofia, Descartes conclui: “*Cogito ergo sum*” (penso, logo existo)”. (Ibidem, 1996, p.41)

É necessário que aqui eu indique de onde procede o logro hegeliano. Ele está incluído no encaminhamento do *eu penso* cartesiano, onde lhes indiquei o ponto inaugural que introduz, na história, em nossa experiência, em nossa necessidade, o vel da alienação, e que nos impede para sempre de desconhecê-lo. É no

encaminhamento cartesiano que o *vel* é tomado pela primeira vez como constituinte da dialética do sujeito, desde então ineliminável em seu fundamento radical. (IBIDEM, p.216)

Obviamente o pensamento cartesiano é subvertido desde o início pelo próprio Freud. O sujeito cartesiano, alicerçado no pensamento, se fundamenta na mestria e na consciência de si interrogando o não-ser, o cogito cartesiano instaura o eu como o sujeito do saber e o pensamento freudiano é alicerçado no saber inconsciente. Aqui, como nos ensina Soller (1997, p. 55), é o sujeito como escravo e assujeitado ao efeito de linguagem, um sujeito subvertido pelo sistema significante.

Lacan interessado em extrair do cogito cartesiano considerações sobre o ser, subverte o método cartesiano na psicanálise, considerando que a divisão subjetiva não oferece nenhuma resposta ao questionamento do ser “‘lá onde o isso estava’ é falta a partir do sujeito. Na verdade, ela só o é se o sujeito se faz perda. Ora, é que ele só pode pensar fazendo-se ser. ‘Eu penso, diz ele, logo eu sou’. Ele se rejeita invencivelmente no ser desse falso ato que se chama o cogito” (Lacan 1967-68 p.89). Para Brodsky (2004, p.61) a única afirmação que podemos obter sobre o ser deve ser procurada entre dois significantes, uma vez que o sujeito é representado apenas para outro significante e onde o sujeito está, na condição de objeto que um dia ele foi para o Outro, ele nunca se reconhece nesse lugar.

Do sujeito instalado em seu falso-ser lhe faz realizar algo de um pensamento que comporta o ‘eu não sou’, isso não se dá sem reencontrar, como convém, sob uma forma cruzada e invertida, seu lugar do mais verdadeiro, seu lugar sob a forma do ‘lá onde isso estava’, ao nível do ‘eu não sou’ que se encontra nesse objeto *a* (LACAN, 1967-68 p.87).

O pensamento cartesiano através do seu cogito afirma uma certeza sobre o ser no ato de pensar. Para Lacan, o estatuto do pensamento lacaniano sobre o sujeito encontra-se em uma subversão do cogito cartesiano. Pois o sujeito do inconsciente nem pensa, nem é. E é o não pensar que permite afirmar o ser. Nessa direção Lacan afirma que:

Tentarei introduzir um tal aparelho como sendo a melhor produção que poderíamos dar, para o nosso uso, do cogito cartesiano, para servir de ponto de cristalização ao sujeito do inconsciente. Esse inverso [...] que o ou *eu não sou* ou então *eu não penso* realiza em relação ao cogito, se tratará para nós de interrogá-lo, de um modo tal que descubramos, e o sentido desse *vel* (ou) que o une, e o alcance exato que a negação aqui pode tomar, para nos darmos conta do que diz respeito ao sujeito do inconsciente (IBIDEM, 1966-67, p. 105-106).

Esses postulados sobre o cogito cartesiano, permitem a Lacan situar os fenômenos clínicos vinculados ao ato. Ao retomar o cogito cartesiano para pensar a lógica da passagem ao ato e do *acting out*, o ato será entendido a partir do impasse: ou não penso ou não sou. A passagem ao ato é retomada a partir da alienação: “*Eu não penso...se eu sou* tanto mais que *eu não penso* (quero dizer se não sou mais que o *eu* que instaura a estrutura lógica, o meio, o traço onde podem se conjugar esses dois termos), é o *eu ajo*” (1966-67, p. 203).

A passagem ao ato estaria do lado do “sou e não penso”, implicando uma posição de rechaço ao inconsciente. De acordo com Alberti (2009, p. 81): “Para Lacan, o ato não é um pensamento: está ali onde eu ‘não penso’ ou lá onde eu ‘não sou’ [...] lá onde ‘eu penso’ não me reconheço como sujeito, e lá onde ‘eu sou’, não penso”. O *acting out* estaria situado do lado da operação “penso e não sou”. Para Lacan “quando tratamos do sujeito da repetição, temos a ver com os significantes, na medida em que eles são: pré condição de um pensamento” (Ibidem 1966-67, p. 217) por estarem inseridos na dialética do inconsciente, enquanto manifestação de um verdade que se repete de maneira sintomática, recorre ao Outro por uma interpretação.

Na adolescência, as operações de alienação e separação têm uma importância particular para compreender a singularidade do ato na adolescência. Segundo Alberti (ibidem)

É na interseção entre alienação e separação que o adolescente também precisa situar-se quanto à sua sexualidade. Nos ‘Três ensaios sobre a teoria da sexualidade’ Freud teoriza que a puberdade implica o encontro com o sexo, momento que será sempre da ordem da *tykhe* (uma causa acidental, no dizer de Aristóteles), ou seja, algo inesperado, que pode ser bom e/ou ruim, mas que necessariamente provoca angústia porque sempre traz a marca do encontro com o real – conceituado por Lacan como o que não é simbolizável, o que não pode ser dito, para o que não se tem palavras (IBIDEM, p. 111).

O despertar para o sexual permitirá o desligamento das figuras reais dos pais. Lacan nos ensina que é a função da metáfora paterna que será o princípio dessa separação. Mas não a separação da autoridade exercida pelos pais, devido à alienação do sujeito aos significantes que deles recebe e dos quais se apropria para recobrir a perda que o constitui, é a “divisão sempre reaberta no sujeito em sua alienação primária” (Lacan 1960[1998] p. 863). Segundo Freud, a exigência dessa separação da autoridade paterna é imprescindível para lidar com as facetas da contingência das relações amorosas durante o ato sexual. (Barros, 1996, pág. 71)

Na velha pergunta “O que eles queriam quando disseram isso... ou aquilo?” ressoa não apenas a autoridade dos pais, mas também o que fica de obscuro e nebuloso em seu desejo. Esse questionamento exigirá de cada sujeito uma construção fantasística para responder à opacidade do desejo do Outro, sempre difuso e nebuloso. Por intermédio de sua fantasia, ele terá as armas necessárias para lidar com o sem-sentido que habita o real e que, por vezes, pode ser devastador. Para Alberti, em linhas gerais:

O adolescente é esse sujeito que escolhe sustentado na alienação ao Outro, a vertente da separação. O trabalho da adolescência se inscreve na elaboração desse binômio: alienação e separação. Atravessá-la é também suportar o fato humano de que somos todos alienados e, ao mesmo tempo, poder tirar consequências absolutamente singulares dessa mesma alienação – e se servir dela! (2004, p.65)

Esses dois avatares da constituição do sujeito possuem uma importância fundamental na elaboração do adolescente como sujeito desejante. Isso inclui tanto a função da alienação, quanto a separação.

Debatemos a influência fundamental dos processos de alienação e separação nas relações do sujeito com o Outro, assim como na dinâmica da constituição do adolescente, em seu drama ético, de fazer-se sujeito desejante. Essas duas operações definem a passagem ao ato e o *acting out* e a sua proximidade com a adolescência.

A passagem ao ato, por exemplo, pode ser determinada tanto como efeito da alienação ou como efeito da separação, o que sempre implicará a particularidade de cada caso. Se a passagem ao ato suicida apresenta-se como efeito de total identificação a uma posição de objeto no discurso do Outro, observamos o peso decisivo da alienação no apagamento do ser do sujeito. É onde encontramos as consequências do “sou e não penso”. “Sou este resto de uma operação significante”, uma afirmação mortífera que poderá implicar na queda do sujeito da cadeia significante por não admitir uma mediação simbólica por meio da linguagem. No que tange a passagem ao ato na perspectiva da separação, podemos formular que essa tentativa de se separar do Outro atravessa todo o enquadramento da fantasia e o adolescente rejeita, assim, todo e qualquer papel determinado pelo inconsciente.

O *acting out*, nessa perspectiva, será alicerçado na fantasia que aliena o sujeito ao Outro. Mas essa verdade é velada para o sujeito que atua, e para o Outro. O sujeito não se reconhece inserido nessa dinâmica, pois lá onde o sujeito é, ele não se reconhece, ou melhor, se reconhece como não fazendo parte dessa cena, de onde pode afirmar “eu não sou e penso”.



Portanto as provocações, condutas inadequadas, comportamentos por vezes de risco e outras cenas comuns, tão constantemente associados à puberdade, são formas de utilizar-se da atuação para com isso se dirigir ao Outro do saber como aquele que pode lhe auxiliar a denunciar algo do intraduzível de sua angústia.

As razões de se pôr em perigo são múltiplas. Só têm sentido numa história pessoal e à luz da ambivalência de cada jovem em sua relação com os outros e com o mundo [...] As condutas de risco são, pois, solicitações simbólicas da morte na busca desses limites, tentativas desajeitadas e dolorosas de se situar no mundo, de ritualizar a passagem à idade adulta e de marcar o momento em que o agir ultrapassa a dimensão do sentido (LACADÉE, 2011, p. 57).

Devemos estar atentos, certamente que o *acting out* é a forma privilegiada de apelo ao campo do Outro que abarca o saber e a verdade. Valendo-se da utilização da encenação fantasmática inconsciente, o sujeito consegue endereçar sua mensagem ao Outro. Pois, como nos aponta Lacan (1966-67, p. 210) “O *acting out*, que vou ter que articular uma vez que ele se situa nesse lugar, elidido, onde alguma coisa se manifesta eliminada do campo do Outro – que acabo de lembrar – sob sua forma de manifestação verídica. Tal é fundamentalmente o sentido do *acting out*”. Mesmo que o objeto tente se mostrar no campo do real, o sujeito ainda assim está protegido pelo advento de suas identificações e sua fantasia. E os recursos da linguagem estão bem mais próximos do sujeito adolescente como ferramenta para manejar um real inominável.

Quando abordamos, mais especificamente a clínica do ato suicida, observamos algo particular acerca do conflito que o adolescente presencia em seu corpo. Lacadée nos convoca a pensar sobre o assunto, a partir da seguinte afirmação:

A clínica do ato suicida é, sem dúvida, aquela que ilustra melhor este paradoxo. Existiria para todo sujeito, por um lado, uma tensão entre o ideal do eu, que lhe diria como fazer com a sua vida e, por outro lado, esta região obscura que habita profundamente o ser e que diz respeito à sua parte pulsional. Esta mancha negra no coração do ser humano diz respeito a essa parte de sofrimento bizarro que faz, justamente, uma mancha em sua existência, e que é para a adolescência, surpreendentemente atual porque esta mancha corresponde a alguma coisa nova, que aparece com frequência e de forma contingente (IBIDEM, 2007, p.4).

O autor defende que a adolescência carrega um ponto de conflito. Nesse período o que existe é justamente uma tensão entre o objeto pulsional em jogo, denominado por Lacan de

objeto *a*, e o que para o jovem funcionara, até então, como ponto de ideal do eu (Lacadée, 2008, p.3).

O ponto de identificação, do ideal do eu, suportado pela função paterna nomeia o ser do adolescente, mas nesse momento é justamente o ponto em que necessitou e utilizou para se alienar que passa a ser duramente questionado pelo jovem. É neste ponto da vida, que o jovem se depara, no limite, com o seu ponto de identificação e a figura paterna enquanto falha. Aquele pai que um dia funcionou como Outro imaginário e consistente, não consegue responder de maneira satisfatória quando o adolescente mais o solicita.

Nesse momento de transição, no qual se opera um corte no sujeito entre o seu ser de criança e seu ser de homem ou de mulher, implica uma escolha crucial que inclui a dimensão do ato. O ato aparecerá na adolescência como uma tentativa de inscrever a parte real ligada ao objeto *a*. Essa parte que escapa a qualquer simbolização possível ao sujeito mediante a linguagem, faz com que o adolescente, por meio do ato, aposte o seu ser a fim de resolver o seu impasse na relação com o Outro.

#### 4.2. Estudo de caso 1 – A Agressividade no sujeito adolescente

Em 1913, Freud publica o seu texto “Totem e Tabu” e nele inaugura as suas contribuições para a construção do conceito de agressividade em psicanálise. Começa a pensar a partir do ato agressivo inaugural do homem: o parricídio. Após 1920, ele o integra ao arcabouço das suas idéias, influenciadas então por sua nova visada sobre as pulsões no qual destacou a pulsão de morte. Ele confirma então a tendência humana a se autodestruir.

Em seu artigo “O mal e a destrutividade”, Rita Manso comenta, quanto ao desenrolar da teoria pulsional em Freud, que “finalmente, na segunda teoria pulsional, Freud estabelece a irreduzível fratura entre a pulsão sexual, pulsão de vida ou Eros, e a pulsão de morte, também chamada de pulsão agressiva ou simplesmente destrutividade” (2005, p. 14). Assim, é também visível a influência da conceituação da pulsão de morte de 1920 no texto posterior “O mal-estar na civilização” (1930 [2006]). Nele Freud descreverá a renúncia pulsional feita pelo homem que visa inibir sua agressividade em favor da civilização. São considerações a partir do período pós-segunda guerra, no qual o mundo acabava de assistir a devastação sofrida pelo

continente europeu. Obviamente, a humanidade tinha acabado de vivenciar todo o horror da agressividade humana.

Em 1948, Lacan, sempre atento ao que se passava na civilização, escreveu um importante texto sobre esse tema. Nesse escrito, debateu a agressividade como um conceito muito maior do que apenas uma renúncia ao gozo por parte do sujeito, mas como sendo de fundamental importância na estruturação do eu.

Ele se distinguia dos analistas de sua época, que não davam a devida importância ao conceito de agressividade em psicanálise, fornecendo elaborações pouco consistentes teoricamente. As afirmações desses analistas não permitiam localizar a agressividade como violência, tampouco como presente em atos afetuosos. Ao contrário, segundo Evans, “Lacan argumenta que a agressividade está tão presente em atos aparentemente afetuosos como em atos violentos” (1997, p. 32).

O escrito sobre “O estádio do espelho” (Lacan, 1949[1998]) tornou-se uma referência capital para se entender a importância da agressividade na constituição do eu. Encontramos nesse escrito a argumentação de que a formação das identificações do eu emergem na relação com o outro, no ponto imaginário em que o eu se estrutura a partir dos objetos do mundo. Trata-se de construir uma imagem que não se alcança como completa e que, portanto, se unificaria através do objeto externo. Em seu *Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud*, Lacan defenderá a seguinte tese acerca da imagem corporal:

É a imagem de seu corpo que é princípio de toda a unidade que ele percebe nos objetos. Ora, desta própria imagem, ele só percebe a unidade do lado de fora, e de maneira antecipada. Devido a esta relação dupla que tem consigo mesmo, é sempre ao redor da sombra errante do seu próprio eu que vão se estruturando todos os objetos de seu mundo. Terão todos um caráter fundamentalmente antropomórfico, podemos até dizer egomórfico. É nessa percepção que é evocada para o homem, a todo instante, sua unidade ideal, que, como tal, nunca é atingida e que a todo instante lhe escapa. O objeto, para ele, nunca é definitivamente o derradeiro objeto, a não ser em certas experiências excepcionais. (IBIDEM, 1955[1985] p. 211).

Segundo Lacan, a agressividade é, então, fundamentada na identificação narcísica e na estruturação do eu. Essa afirmação é solidária à própria construção freudiana sobre o narcisismo. Não haveria identificação sem agressividade e tampouco agressividade sem identificação. Ilka Ferrari (2006), a respeito dos comentários de Jacques-Alain Miller (1991) sobre “a paranóia nativa do eu”, aponta que “tal identificação supõe um desgarramento original do sujeito, deixando na subjetividade a paranóia original, ou seja, a marca da relação

agressiva com o outro. Assim, a relação com o outro é fundamentalmente agressiva, ainda que sublimada”. Miller (1991, p. 19), citado por Ferrari, afirma que basta olhar as formulações sobre a constituição do sujeito, as elaborações sobre a castração, o supereu e o Outro, para se pensar que o Outro quase poderia ser escrito com o "A" de agressor.

Ao questionar o uso que se fazia da noção de agressividade na clínica e na terapêutica, Lacan aponta que a noção de agressividade possui um grande peso para a economia psíquica. Em seu debate sobre o tema, ele aborda com cinco teses o conceito de agressividade, estudado e desenvolvido por Freud. Em função de suas consequências na clínica, o conceito divide-se em duas vias, conforme a estrutura do sujeito. Na neurose, haveria uma intenção em relação à agressividade; já na psicose, uma tendência à agressividade.

Das cinco hipóteses propostas por Lacan, escolhemos uma para esse trabalho. Trata-se da tese de Lacan de que a agressividade tem uma intenção de significação. Esta tese aponta a agressividade, na estrutura neurótica, como demanda de significação daquilo que não passa pela estrutura da linguagem. A partir dessa tese lacaniana, gostaríamos de pensar o envolvimento de jovens em episódios de atos agressivos. A frequência de tais atos nos fazem questionar que particularidade existe no sujeito adolescente que faz com que ele demande ao Outro uma significação pela via da agressividade? Para ilustrar essa elaboração, traremos um recorte clínico que nos permitirá algumas elaborações sobre a agressividade no sujeito adolescente.

Sara é uma adolescente de quatorze anos trazida ao consultório com uma queixa de irritabilidade, instabilidade emocional e extrema dificuldade em entender matemática. Sua mãe relata que Sara a culpa de tudo que acontece de errado: *“a Sara é assim; uma hora é um furacão, outra hora é super amorosa”*. Quando questionada por que ela achava que as coisas entre mãe e filha funcionavam dessa forma, responde: *“Nós somos duas pessoas de gênio forte, dominadoras e atrevidas, nisso somos iguais”*.

Sara tinha apenas dez anos quando seus pais se separaram. O casal brigava constantemente. Segundo a mãe, eles brigavam, principalmente, porque ela sempre ganhou muito mais do que o marido e ele sempre foi genioso, como Sara. Quando se separou, Sara, mesmo pequena, foi quem mais apoiou a mãe. Segundo a mãe *“quando o meu marido saiu de casa, o que eu perdi com ele foi a autoridade do pai dentro de casa, principalmente para Sara”*.

Em um primeiro encontro, Sara diz que se irrita facilmente e que se “estressa” muito com a mãe. Passa a sessão quase inteira descrevendo os incríveis embates que tem com ela. Reclama das invasões do seu quarto pela mãe e da mania que ela tem de arrumar seus

pertences a sua maneira. *“Minha mãe não sabe arrumar as minhas coisas, como eu gosto!”*, diz Sara.

A dificuldade de entender matemática é outro assunto que a irrita bastante. Diz que não consegue entender matemática de jeito nenhum e que todo ano fica para a prova final. A mãe, que por sinal entende bastante de matemática, tenta ensinar a matéria à filha, mas como Sara não consegue entender, não demora muito, nessas ocasiões, para que logo comece uma discussão. Sara diz que poderia tirar dez em todas as matérias, mas se tirar uma nota inferior em matemática é como se todo o trabalho não tivesse valido de nada.

Certa vez, chega muito enfurecida à sessão e relata uma briga que teve com a mãe, na noite anterior, quando ambas foram dormir extremamente chateadas uma com a outra. Sara, diz: *“Sabe, sou muito agressiva! E acho que por isso eu e minha mãe acabamos por nos tratar com ignorância!”*. Então lhe foi questionado: *“Você já pensou sobre o que é a ignorância?”*. Ela respondeu: *“ignorância é quando a gente trata o outro com agressividade!”*. A equivocidade do significante foi sublinhada: *“a ignorância está do lado do não saber!”*. Ao ouvir essa intervenção, Sara fica atônita e responde: *“Isso eu não sei responder!”*. A sessão é então encerrada nesse ponto deixando um espaço para o não saber.

Quando se interpreta um dito subvertendo-o, há um corte efetuado no discurso do gozo. Através desse momento preciso de intervenção do analista que Lacan (1967-68) nos ensina a nomear como o ato analítico na clínica e que se refere ao ato situado do lado da interpretação e da transferência. *“Interpretação e transferência estão implicados no ato pelo qual o analista dá a este fazer suporte e autorização. É feito para isto. É, de qualquer forma, dar algum peso a presença do ato, mesmo se o analista não faz nada. Logo, esta repartição do fazer e do ato psicanalítico”* (Ibidem, p. 65-66). Ao se apontar para esse ponto de alienação ao Outro, a análise põe em jogo que essa falta de saber, que compreendia ao discurso da própria mãe como Outro e ao do discurso de Sara como ser.

Duas sessões mais tarde ela chega com uma novidade: *“estava estudando matemática e, pela primeira vez, estou conseguindo entender essa matéria! Que doido!”*. Mais a frente, comenta sobre seu pai: *“meu pai me ligou esse fim de semana, minha mãe ficou lá reclamando e eu fiquei pensando: se ela reclama tanto do meu pai, porque ficou casada com ele durante tanto tempo?!”*. Pontua-se que isso era algo que sua mãe parecia não saber responder. Sara parece poder pensar sobre isso que sua mãe não sabia.

A agressividade foi tratada como uma tentativa de resposta ao seu mal-estar subjetivo. Através da agressividade, Sara fez seu apelo por uma significação advinda do campo do Outro, algo que pudesse lhe responder satisfatoriamente, no momento em que se sente

invadida por um gozo oriundo do mal-estar das suas transformações corporais e psíquicas. Essa agressividade situava-se em um eixo especular, localizando no outro algo insuportável da própria Sara enquanto sujeito. A aposta do tratamento foi no sentido de apontar que, fora do eixo especular entre mãe e filha, no qual tanto uma como outra sabem, poderia haver um ponto de “ignorância” válido para as duas. Com isso, nesse ponto em que não se podia saber, abre-se um espaço para a falta do Outro (A) a partir do qual se pode construir um Outro saber. Essa hiância alivia um pouco a tensão imaginária de intensa agressividade vivida pelas duas.

A proposta de pensar sobre o que sua mãe não sabe e que não consegue responder acerca do encontro sexual convida Sara a pensar em suas questões de uma jovem moça, em seu encontro com o traumático do real do sexo, o que fazer quando não há o encontro entre os sexos?

#### 4.3. Estudo de caso 2 – Um estranho que habita o corpo

Ao nos direcionarmos ao saber psicanalítico nos perguntamos: de que corpo se trata? É o corpo imaginário, que é composto por identificações e modificado a partir dos investimentos do sujeito? Trata-se de um corpo simbólico, que é constituído de traços e marcas significantes que não se reduzem a ordem biológica? Ou, cabe ao nosso saber, justamente, o trabalho com essa parte do corpo que resta como inassimilável ao simbólico e ao imaginário, ou seja, o real? Para abordar o corpo na psicanálise, precisaremos dos três registros.

É a partir dos significantes, da ordem simbólica, que mediremos a nossa relação de sujeitos com o imaginário corporal que nos compõe. Mas, ainda assim, restará sempre uma parte que não é totalmente imaginarizada ou simbolizada. Miller (2011, p.15) em seu curso de orientação lacaniana nos adverte que o corpo deve ser entendido extritamente como suporte do gozo, definição que vai além do corpo como uma construção imaginária. Essa parte real da sexualidade que se refere ao gozo é colocada em jogo pela pulsão. Será à luz deste conceito fundamental para a psicanálise e que trabalhamos no capítulo 2 desta dissertação, que encontraremos a principal via de acesso para o corpo na teoria psicanalítica.

Partiremos dos ensinamentos propostos por Lacan sobre a pulsão postulados em (1964 [1985]), ao trabalhar a pulsão como essencial à experiência analítica, Lacan vai mais além do

imaginário e do simbólico e articula esse conceito a dimensão do objeto *a*, introduzindo, assim, o real na dimensão da pulsão – isto é, o gozo.

Na neurose os sintomas que encenam a dimensão corporal, na verdade, evidenciam a forma peculiar com que o gozo se articula ao circuito pulsional na realidade psíquica. Utilizaremos um recorte clínico com o intuito de demonstrar, através de um caso de compulsão alimentar em um jovem, como uma formação sintomática para o sujeito, pode encarnar a face mais devastadora da pulsão.

Alan, um adolescente de treze anos, é levado ao tratamento pelo seu pai que demandava que o menino precisava emagrecer pois acabara de ser diagnosticado com um quadro de obesidade mórbida. O jovem já estava pesando 120 Kg. Ao chegar à primeira entrevista questiono porque estava ali, ele responde que não precisava estar ali para viver, pois já estava morto há muito tempo. A assertiva mortífera – que incluía a suposição de saber do analista – foi rebatida no sentido de dar a esse sujeito um espaço para advir: *“Não! Você está vivo! Está falando!”*.

Foi um convite para Alan tomar a palavra e relatar um pouco de sua história. Seus pais se separaram quando ele e o irmão mais novo ainda eram bem pequenos. O pai, comerciante e dono de restaurante, ficou com a guarda dos filhos e se casou com outra mulher com quem tinha, na ocasião, um filho recém-nascido.

Alan narra que aos quatro anos de idade, quando seu pai investiu quase todas as economias na reforma do restaurante, a família passou por necessidades e a situação em que viviam em casa era precária. No meio do relato, Alan se questiona: *“Como um pai é capaz de deixar de colocar comida na mesa, para poder investir em um restaurante?!”*. Parece não suportar muito o seu próprio questionamento e logo pergunta se a sessão acabou.

Nas sessões posteriores, relata uma solução que tinha encontrado para não sofrer mais com as decisões tomadas pelo pai: *“Agora já sei! Para não ter que ficar pensando tanto sobre as coisas que o meu pai faz, eu já tenho a minha própria solução! Vou ficar dando sentido às coisas que ele faz, sabe! Vou ficar dando sentido a tudo o que ele faz ou diz e assim não tenho que ficar pensando tanto sobre o assunto”*. Chamou atenção a forma como ele se debatia com o sentido e a falta de sentido advinda do campo do Outro através da fala paterna. Dar um sentido parecia uma forma de se apaziguar, rapidamente, diante da falta de sentido do campo do Outro, o que, de certa forma, era correlato a se apaziguar comendo vorazmente o que lhe vinha do Outro, evitando assim qualquer encontro com o desejo.

A mensagem endereçada foi subvertida e devolvida: *“Você quer colocar um sentido para não pensar? Talvez você pudesse tirar o sentido para poder pensar.”* Ele recebeu a

intervenção com espanto: *“Hum! Como assim?”*. Na sessão seguinte, relatou a raiva que sentia da madrasta, pois ela apenas atrapalhava a vida de todos. Mas quando ia acusar a madrasta, culpando-a por tudo de errado que acontecia, ele cometeu um sutil ato falho: *“A culpa é toda minha!”*. Diante do assinalamento desse equívoco, fica aflito e responde: *“Não! Não! Você não ouviu isso! Quis dizer que a culpa era dela!”*. Tenta então dizer a frase correta três vezes e comete o mesmo ato falho em todas as três.

O tema da culpa, nas sessões seguintes, dá espaço ao que se pode fazer com a responsabilidade. O ato falho, algo estritamente da ordem do sem-sentido, atravessa Alan na sessão seguinte em que havia sido pontuado que para pensar era preciso tirar o sentido. Se pensarmos que a falha do ato é justamente a falta de um significante, verificamos que a falta pôde entrar no jogo e o sujeito pôde se ver ultrapassado pela linguagem, na sua fala. Abriu-se o campo para o advento de uma pergunta sobre o que ela desconhecia em si mesmo.

Certa vez, escuta uma intensa discussão dos pais e os gritos de sua mãe sobre o fato de mal ter comida dentro de casa. Alan se angustia e corre para a cozinha onde devora um pote de sorvete, a mãe fica possessa e o pai diz que não irá resolver a situação do garoto, pois estava muito cansado. Alan afirma que *“armou”* aquela cena para que, naquele momento, a atenção da mãe fosse só dele. A partir daquele momento, passa a comer tudo o que a mãe lhe oferecia. *“Quando ela me dava comida era com amor, acho que sou gordo por culpa da minha mãe!”*.

O objeto oral *“comida”* possui um valor fálico e funciona como o objeto faltoso que marca o desejo do Outro e efetua ao mesmo tempo um corte, uma separação. Apenas através da incidência deste objeto fálico, efetuado pela função paterna, que podemos observar o que está no para além do que o Outro demanda e que é absorvido pelo sujeito como parte do seu corpo. É a possibilidade de falta que determina este objeto, para Alan, como causa de um desejo e o exercício de um gozo e nas adjacências dessa dinâmica estabelecida em torno desse objeto que se oferta a devoração materna, é que se prefigura o tipo de demanda que estabelece com o Outro.

Essa relação determinante é experienciada por Alan na estranheza que sente ao se deparar em uma sessão com a agressividade que inflige a si mesmo, por meio de auto-acusações sempre ferozes, determinadas por essa relação de incidência do objeto fálico sobre a fase oral, que é o que observamos na relação primária dessa fase às manifestações do supereu ou ao objeto causa de desejo, a voz. Como já fora trabalhado em nosso capítulo 2 a referência da voz está no que o sujeito questiona no para além do que é dito e que provoca uma incidência pulsional.



Ao observar uma briga entre um casal de tios, Alan reclama do mal-estar que sente ao presenciar a tia aos gritos com o esposo. Ao narrar o fato, Alan diz que detestava tudo aquilo, que lhe era estranho pois ele era alguém pacificador e apenas desejava a harmonia. No decorrer do seu discurso diz: *“quem sou eu para reclamar da minha tia, eu também sou uma sucessão de erros, eu não mereço viver...”* ao que é interrompido com uma exclamação: *“nossa! Quanta agressividade!”* ao que se surpreende e retruca: *“eu!? Agressivo!? Mas eu acabei de dizer que gosto de paz e harmonia eu odeio ser agressivo com as pessoas!”* e assinalo: *“Pois é, porque ser agressivo com os outros, quando você pode ser bem mais agressivo com você mesmo, não é!?”*

Quando se depara com a cena dos tios, o seu ponto de identificação não o socorre quando se defronta ao especular presente no semelhante. Naquela cena, ele é a mancha e reage com estranheza, não se reconhecendo lá onde é constituído e causado como sujeito. Apenas pode apelar e dirigir a sua questão do lado do *acting out*, entregando-se como objeto que pode ser devorado pelas acusações do Outro.

Alan narra o ato de comer como um ato de amor. Demonstrava seu amor ao Outro devorando tudo o que lhe era ofertado por este. Lacan (1964 [1985]) nos ensina que para satisfazer a sua necessidade, a criança tem que levar em consideração a demanda do Outro, por isso a pulsão entra no circuito inconsciente como uma consequência da articulação da linguagem na demanda do Outro, mas algo sempre escapa entre a necessidade e a demanda. Esse algo central para o conceito de pulsão é o desejo que sempre retorna ao sujeito como um ponto engimático em seu sintoma.

O significante do desejo do Outro, para o jovem Alan, é “comida”, onde o sujeito interpreta que a demanda do Outro é “coma!”. Significante que se repete vorazmente a cada vez que se depara com a falta do Outro. Entendemos com Brousse (1997, p.126) que “o neurótico seja histérico ou fóbico, identifica a falta do Outro com a demanda do Outro (D). Como resultado, a demanda do Outro assume o papel de objeto na fantasia, ou seja, a fantasia é reduzida à pulsão”.

A compulsão de Alan pela comida poderia ser pensada justamente como uma tentativa de anular a falta do Outro contextualizando, em seu corpo, os efeitos do encontro com o traumático do real como a face mais devastadora da pulsão. O sujeito utilizava artifícios sintomáticos para velar a castração do Outro, o que agravava sua adolescência quando a tarefa principal do jovem é elaborar uma perda, para suportar o encontro com o Outro sexo.

É através do seu corpo que Alan encena de forma particular o seu encontro com o traumático do real. O mal-estar psíquico causado por esse encontro, retorna sobre o corpo

como demanda pulsional por comer, possibilidade encontrada por Alan de elaborar o gozo desconhecido que atravessa e delinea a sua relação com o corpo.

Algum tempo depois, ele relatou que passou a ir para casa imediatamente após o almoço. Já não queria ficar no restaurante do pai o dia todo, pois, nas palavras dele: “*Afinal, eu tenho minhas coisas para fazer em casa!*”. Encontrou uma primeira namorada na escola e diz que não é algo grandioso, mas é legal estar com alguém. Se Alan vai obedecer à demanda de emagrecer, não sabemos ainda. Esperamos que, com o tratamento, ela consiga dar um destino mais desejante a esse estranho que habita o seu corpo chamado gozo.

#### 4.4. Estudo de caso 3 – As consequências psíquicas do encontro com o Outro sexo

Ao visitar o campo público de trabalho percebemos que a problemática que envolve crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social não tem causas nem soluções simples. Os desdobramentos dessas questões exigem a articulação de discursos diversos e saberes distintos. A estratégia principal a que um analista pode recorrer ao ingressar nesse campo é tomar a clínica, que constitui o campo de pesquisa da psicanálise, como um instrumento de ação importante, mas não o único capaz de suprir a complexidade de fatores que constituem essa realidade.

A psicanálise não é alheia ao contexto social em que essas crianças vivem, pois reconhece, em sua própria ética, que a constituição subjetiva do sujeito passa pelo contexto sociológico em que ele está inserido. Contexto difícil de ser diferenciado do estado de direito guiado pelo exercício da moral. Ao se pretender, pelo estado de direito, exercer o princípio de igualdade para o bem de todos exclui-se a singularidade de cada sujeito. Por conseguinte, a subjetividade está de certa forma à parte de uma política de igualdade total.

O estado ao tentar educar, adequar e reinserir na sociedade o que dela foi segregado, rechaça o que existe de ineducável e insubmetível a toda regra ou qualquer bem e que habita o ser: a realidade pulsional que constitui cada sujeito. Lacan, ao definir a ética da psicanálise, já alertava para a problemática do agir em função do bem do sujeito, sob a justificativa do desejo de curar:

Essa expressão não tem outro sentido senão o de nos alertar contra as vias vulgares do bem, tal como elas se oferecem a nós tão facilmente em seu pendor, contra a falcatura benéfica de querer-o-bem-do-sujeito. Mas daí, de que então desejam vocês curar o sujeito? [...] curá-lo das ilusões que o retêm na via de seu desejo. (LACAN, 1960 [2008] p. 262)

Com a fineza clínica dos seus conceitos, Lacan nos aponta uma direção de tratamento válida para qualquer realidade: não acreditar na ilusão do querer o bem do sujeito. Ele nos orienta, em contrapartida, a apostar que, mais além da miséria social, existe a miséria psíquica inerente a qualquer sujeito.

Então, o que nos autoriza a denominar nossa prática nesse contexto de uma prática guiada pelos princípios psicanalíticos? Uma aposta no real. O que inclui a surpresa da contingência, o encontro com o sem-sentido e a crença na realidade subjetiva.

Ao trabalhar em um centro de referência que prestava apoio psico-pedagógico a crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social conheci um jovem de dezesseis anos. Vou nomeá-lo aqui de Alex. O adolescente sempre que me via pelo Centro me chamava para perguntar ou comentar alguma coisa sobre as mulheres: *“Tia, como é que se namora, assim... como é que a gente ganha uma garota?”*. Sempre que conversava comigo me descrevia as qualidades que uma mulher deveria ter para que ele a namorasse e que lamentava muito o fato de não poder sair para conhecer as meninas da rua. *“Sabe, tia, queria tanto conhecer um mulherão com um corpão e rosto bonito! Mas, aqui não dá nem para colocar a cabeça para fora!”*.

Após a morte da mãe, Alex ainda com doze anos, seu pai e seu irmão João, oriundos da cidade de São Paulo, mudaram-se para a Paraíba. Seu pai decidiu vir a João Pessoa procurar por um filho do seu primeiro casamento. Ao chegar, sem as mínimas condições financeiras, pai e filhos constroem um barraco onde passam a morar, em um bairro local, sobrevivendo da ajuda recebida pelos moradores do bairro.

Mesmo sobrevivendo em uma situação precária, segundo Alex, seu pai sempre ensinou aos filhos a noção do que era certo e do que era errado. Alex nunca estudou. Não sabia escrever, porém lia muito bem. De acordo com Alex o pai lhe ensinou a ler. Aos quatorze anos, Alex perde o pai, vítima de um infarto fulminante.

Os garotos têm a sua casa demolida pela prefeitura, pois se tratava de uma construção irregular e os irmãos vão morar perto de uma “boca de fumo” em uma favela local. Alex diz que detestava o lugar e que até preferia andar pelas ruas e ganhar alguns trocados, olhando os carros, a se submeter aos traficantes do lugar. Perambulando pelas ruas, Alex conhece um

amigo que o chamou para procurar o conselho tutelar, pois assim seria encaminhado à casa de passagem onde poderia ter abrigo e comida.

A secretaria tenta encontrar algum parente dos meninos, mas não os encontra nem em João Pessoa nem em São Paulo. Alex e João ficam sob a guarda do estado e são encaminhados para residir na casa de acolhida masculina. Ao matricular os irmãos na escola descobre-se que apenas Alex, não possuía certidão de nascimento. A partir desse evento foi levantada a hipótese de uma suposta traição da sua mãe e uma ilegitimidade em sua paternidade - hipótese suscitada e incitada pelos próprios funcionários da casa de acolhida.

Guiada pela verdade falaciosa de estar fazendo um grande bem ao jovem Alex, a secretaria de assistência social determina que o garoto deve fazer um teste de DNA para assim obter o benefício de saber se era ou não filho do seu pai e que efetuará o exame através do DNA do seu irmão João. Imposição que, para Alex teve um efeito desastroso.

Ao mesmo tempo em que surgiam os impasses e questionamentos sobre um encontro sexual com uma parceira, o que para cada sujeito suscita a tarefa de situar-se na partilha sexual, Alex também se depara com o inominável da sexualidade feminina exposta na possível traição da sua mãe. Diante desse impasse sobre a legitimidade da sua filiação, o jovem antes falante e muitas vezes brincalhão começa a se apresentar bastante agressivo com todos no Centro de formação, chutando portas, envolvendo-se em brigas e xingando constantemente as mulheres do Centro.

Ao desenvolver seu texto intitulado “A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade” ([1923] 2006), Freud nos ensina que a sexualidade infantil é regida apenas por uma marca diferencial: o falo. Este será, então, o único significante da sexualidade que orientará a criança em direção à identificação sexual e à escolha de objeto. O primado do falo na infância revelará suas consequências psíquicas na adolescência ao demarcar o território da sexualidade e a fronteira psíquica da representação no inconsciente: o Outro do sexo é irrepresentável na medida em que ultrapassa, como acontecimento de corpo, o que se pode saber.

A puberdade sofre a incidência de um “golpe de real”. Representado durante esse percurso, por um mais-além do despertar do real biológico e caracterizado como um movimento lógico marcado pela descoberta de um novo objeto sexual, possibilitando a entrada em jogo da pulsão sexual que até então, era apenas auto erótica (Lacadée, 2012, p. 254).

Certa vez, durante um ataque sofrido por um educador que o chamara de “*filho de rapariga*”, Alex responde: “*Ainda bem, que você disse que a minha mãe era uma rapariga,*

*porque se fosse com o meu pai...*”. Neste seu dito tão particular, Alex nos indica o quanto o seu ponto de identificação por uma parte o sustenta mas por outro o angustia, por não conseguir responder a sua provável questão sexual “será permitido a um homem unir em um mesmo ser a mulher do amor e do desejo?” Seu ponto de identificação lhe demonstra que sim, a “rapariga” pode ser a mulher que une essas duas faces do objeto, mas e Alex como sujeito seria capaz de responder a altura do que foi o seu ponto de identificação? Será que suas atuações não foram uma forma de lidar com uma angústia que lhe invadia ao ter de lidar com essa questão sexual?

Como lidar com esse irrepresentável? A agressividade utilizada por Alex parece ser uma forma utilizada para responder a isso. A clínica nos ensina que a agressividade, pode ser situada como uma tentativa de apelo ao saber do Outro. Trata-se de pensar a agressividade como intenção de significação. Essa tese aponta que na estrutura neurótica, como já mencionamos antes, a agressividade é tratada como uma demanda de significação do que não passa pela estrutura da linguagem (Lacan, 1948 [1998] p. 106-107).

Começo então a conversar com ele na oficina de artes. Ele é extremamente grosseiro, mas lhe asseguro que se quisesse poderia conversar comigo sobre qualquer coisa. Ele desdenha e parece não dar atenção. Retorno a abordá-lo perguntando sobre as garotas que ele tanto falava, onde elas estavam? Porque não falava mais delas? Ele me responde: “*Tia, não estou com cabeça para as meninas!*”, lhe digo: “*Eu sei, elas são difíceis, não é!? Mas se quiser a gente conversa sobre outras coisas*”.

Como, diante de um gozo que lhe inundava de uma falta de sentido, Alex poderia manejar com as consequências psíquicas desse encontro com o inominável do Outro sexo com o qual cada sujeito adolescente não pode evitar se deparar? A aposta na direção do tratamento foi recorrer ao que para Alex tinha valor de transmissão: o amor de um pai que o criou como filho por amor a uma mulher. Lacan nos lembra dessa eleição por parte do filho:

É na medida em que o pai é amado que o sujeito se identifica com ele, e que encontra a solução terminal do Édipo numa composição do recalque amnésico com a aquisição, nele mesmo, do termo ideal ao qual ele se transforma no pai. [...] quando chegar o momento, se tudo correr bem, se o gato não comê-lo, no momento da puberdade, ele terá seu pênis prontinho, junto com o seu certificado. (IBIDEM, 1957-58 [1998] p. 176)

A adolescência é um período em que se põe à prova o que durante uma infância inteira situou um sujeito. Essa tarefa psíquica pode ser denominada de “separação da autoridade paterna”. Separar-se da autoridade paterna vai além da distância corporal da imagem dos pais,

trata-se da possibilidade de atualizar no inconsciente a construção mítica do que o pai foi para cada sujeito. Assim, o sujeito advém da eleição de um traço do Outro que o represente e lhe sirva de farol no momento em que se depara com o sem-sentido do encontro com o Outro sexo. Ao abordar a identificação a esse traço paterno oportunamente se comentou que:

A adoção de um nome fantasia que substitui seu nome próprio visa dar conta da falha do nome-do-pai. É um nome com o qual busca metaforizar o enigma do sexo, o indizível da não relação sexual, da ausência do objeto de complementaridade [...] Como Freud aponta, é uma identificação ao traço, na qual “a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e a escolha de objeto regrediu para a identificação.” (CALDAS, 1996, p.55)

É nesse momento de abertura ao enigma do Outro sexo que Alex fará o seu apelo ao saber paterno. Quando sua origem é colocada a prova e a sua identidade é posta em questão, o jovem é chamado a testar o valor de significação fálica que o pai tinha para ele como Ana Costa (2001, p. 104) destaca, ao dizer que:

Nesse lugar, o sujeito, lança mão do recurso de um apelo ao saber paterno, aquele que o situa na referência ao Outro sexo, na referência ao feminino. Cabe acrescentar que “feminino” traz uma dimensão de indeterminação, que vai caracterizar sempre o desejo materno como enigma, marcando essa impossibilidade de definir uma representação única para o desejo. (IBIDEM)

Sempre que nos encontrávamos, conversávamos sobre diversas coisas: a casa de acolhida, as atividades que andava fazendo. Falava da vida em São Paulo, do pai e, em uma conversa, surgiu o assunto do exame de DNA: “*É tia, tão querendo tirar o meu sangue para fazer o tal do DNA...*”. Diante da pergunta sobre como estava sendo aquilo para ele, fica calado e cabisbaixo, por bastante tempo, respondendo: “*Sei lá! Posso não ser irmão de João...*”. Intervenho então dizendo: “*Alex, o que une os irmãos são os laços de amor e isso não há como tirarem de você*”. Ele pede para ir embora e encerramos a conversa.

Suscitar os laços de amor entre os irmãos, na transferência, evidenciou o que realmente está em jogo no reconhecimento de um pai por um filho: o desejo de um homem por uma mulher. A sua escuta lhe oferta a possibilidade de construir uma outra forma de acolher a dimensão de irrepresentabilidade do feminino fora do campo da agressividade. As mulheres, que outrora eram nomeadas da pior forma, puderam ser circunscritas na dimensão de indecisas, complicadas e difíceis.

Continuo a acompanhá-lo e ele acaba sendo beneficiado por uma contingência corriqueira nos órgãos públicos. A Secretaria cancela o teste de DNA por falta de verba. Até o

meu desligamento do Centro de referência o exame ainda não havia sido feito. Com o passar do tempo, aos poucos, suas atuações agressivas diminuem consideravelmente e se engaja cada vez mais nas atividades do Centro. Certa vez, ao discutir com uma professora do centro pela indecisão desta em determinar qual seria a matéria escolhida para o reforço dos alunos se exalta e diz: *“Ai, tia! Mulher é tudo indecisa! Me dá logo raiva! Onde está Mingnon, hein!? A voz daquela tia me acalma!”*. Ao invés de recorrer a agressividade, que trabalha a favor da voz silenciosa do supereu e da pulsão de morte, parece acolher a voz que acalma, destinando o pulsional do seu gozo ao objeto que se oferta como possibilidade de uma voz serena.

## CONCLUSÃO

Após o término da fundamentação desta dissertação e o seus respectivos desdobramentos em casos clínicos podemos encadear o ponto em comum que interligou os quatro capítulos antecedentes e permitiu a construção desta pesquisa. Concluimos que o ato não possui apenas uma proximidade com a adolescência que, por vezes pode ser perigosa, mas que esta associação deve ser pensada em termos de um fato inerente, contingente e necessário à estrutura do sujeito adolescente.

Para começar, consideramos o ato como inerente, pois Lacan sempre nos conduziu a pensar gradativamente a definição do ato como um significante e não como uma ação. Porém este significante não é qualquer, trata-se de um significante que funda um fato, que se torna ele mesmo um evento, fundando um sujeito dividido onde antes havia apenas o inefável e a estupidez de um ser indivisível. Por isso, afirmamos que trata-se de um evento necessário estabelecido sobre um encontro contingente, desde o princípio. É através do ato que o sujeito é fundado. Ao conceder sobre a perda de uma parte do seu ser, que ao ser elidida em um não-sentido, permite ao sujeito advir dessa falta que o constitui.

A questão do ato na puberdade é reposicionada e colocada em causa com a questão sexual que pulsa no corpo do jovem sujeito. Por isso a adolescência se sobressai nesse contexto como um ponto problemático, no qual Lacan trabalha como o despertar de um real biológico que invoca um apelo feito ao lugar do ato (1966-67, p. 399). Lacan solidifica este posicionamento em seu escrito de 1974 [2003] *“Prefácio a ‘O despertar da primavera’”*, ao afirmar que a entrada da sexualidade sempre remonta a um “furo no real” (Ibidem, p. 558) que evidencia a inabilidade do sujeito quando o sem-sentido advindo da sexualidade invade o seu corpo na forma de mal-estar, algo que não se escapa ileso.

Nesse sentido, a paridade entre esses dois significantes - ato e adolescência – evocados nesta pesquisa, poderia ser justificada como um meio necessário e contingente utilizado pelo jovem para inscrever, no campo do Outro, a distância necessária que precisa manter do seu ponto de identificação, para o que o campo do desejo possa ser mediado pela identificação e não apenas determinado por ela.

Partimos dessa premissa para lembrar que o ato demarca um antes e um depois, instaurando um corte entre o ser de criança e o ser de homem/mulher. Mas vale ressaltar que só será um ato, se as consequências para o sujeito - já atingido por elas em sua posição – retornarem para ele próprio como leitura.



Através do poema do jovem poeta francês Arthur Rimbaud<sup>1</sup>, “Por uma razão”, Lacan, em seu *Seminário 15 – O ato psicanalítico*, traduz “a fórmula do ato” (1967-68, p. 81) “*Um golpe de teu dedo sobre o tambor descarrega todos os sons e começa uma nova harmonia. Um passo teu é o levantamento de novos homens e a hora em marcha. Tua cabeça se desvia, o novo amor. Tua cabeça se volta, o novo amor*”<sup>2</sup>. Nesse poema, observamos uma ilustração clara do verdadeiro agente do ato: o objeto *a*. Dizer com Lacan que o objeto é o agente do ato é dizer que, o que está em questão é a causa do desejo alojada neste objeto e não no sujeito do *cogito*. Como podemos observar, ainda que cessada a causa, são os seus efeitos subjetivos que se perpetuam para o sujeito.

Outra figura emblemática utilizada para ilustrar o ato na literatura psicanalítica é o general romano Júlio César<sup>3</sup> e a sua travessia pelo rio Rubicão. Mais do que uma significação militar decisiva, o que estava em jogo era “entrar na terra mãe. A terra da República, aquela que abordar era violar” (Lacan, 1967-68, p. 80). César tinha conhecimento que ao atravessar o rio Rubicão mudanças ocorreriam e nada seria como antes, naquele momento seu ato implicaria a dimensão de um corte, um ultrapassamento que o colocava fora da lei.

A figura de Rimbaud e Júlio César colocam em termos esse distanciamento do agir e do pensar, premissa que Lacan sempre determinou para a sua lógica do ato. Estipulando que no momento do ato o que está em jogo é o significante e o desejo em causa. Por conseguinte, o que podemos dissuadir desses dois exemplos para a nossa conclusão, no que diz respeito a

<sup>1</sup>O poeta Jean Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891) destacou-se pela precocidade e pelo estilo visionário de sua poesia. Era conhecido por sua fama de libertino e por uma alma inquieta, viajando de forma intensiva por três continentes antes de morrer aos 37 anos de idade. Lembrado pela escrita agressiva, pela vida boêmia e por seu relacionamento conturbado com o também poeta Paul Verlaine, Rimbaud abandonou a literatura aos dezenove anos, deixando uma obra que, embora pequena, é significativa e original, e acabou por influenciar diversos poetas das gerações posteriores.

<sup>2</sup>Poema de Arthur Rimbaud citado por Lacan em seu *Seminário 15 – O ato psicanalítico* p. 81

<sup>3</sup>O general romano Júlio César (100 a.c. – 44 a.c.) ao tornar-se cônsul pela primeira vez, em 59 a.c. iniciou uma campanha militar pela conquista da Gália. Após alguns anos de luta neste território, o senado liderado por Pompeu ordenou o regresso de César e a desmobilização das suas legiões na Gália. Júlio César não cumpriu a ordem e convocou o seu grupo de soldados para cruzarem o rio Rubicão, no norte da Itália, dando início a uma guerra declarada contra o senado romano. Atravessar o rio Rubicão, aquela época, era interpretado como uma declaração de guerra, pois o direito romano estabelecia que o Rubicão marcava o limite em que os generais poderiam chegar com suas tropas – a fronteira entre a Gália Cisalpina e a Itália. Os 250 km de distância até Roma tinham de ser percorridos sem as legiões. Era uma forma de proteger o Senado e a República de um golpe de força. Mas, nas primeiras horas do dia 11 de janeiro de 49 a.c., o grande general Júlio César, conquistador da Gália, estava ao norte do Rubicão. Um primeiro ato da guerra civil que mudou o destino do maior império do planeta na época, jogando-se em uma batalha que se espalhou pelo Mediterrâneo, da Espanha ao Egito – e mudou a face do mundo ocidental.

adolescência, é a peculiaridade de ultrapassar o que está posto como o significante da lei. Lacan infere essas indicações sobre o que está na dimensão do ato, o que não falta jamais, é a inscrição de um correlato significante “se posso caminhar aqui de um lado para o Outro, falando a vocês, isso não constitui um ato, mas se um dia ultrapassar um certo limiar onde me coloque fora da lei, esse dia minha motricidade terá valor de ato (Lacan, 1967-68, p. 8).

Todavia o ato não é apenas um fato de estrutura contingente e necessário a existência do jovem ser. Além do objeto pulsional como causa de desejo, o ato também nos remete a face de angústia do objeto. Angústia e desejo são faces do mesmo objeto. A presença desse objeto *a* encobre a falta que todo sujeito possui no lugar do objeto de seu desejo, imergindo o sujeito em uma certeza avassaladora sobre o seu ser.

Ao retomarmos a estrutura da angústia nos deparamos com uma construção muito semelhante ao que encontramos na adolescência. Essa premissa foi trabalhada em nosso segundo capítulo ao afirmarmos que a angústia é o momento em que o sujeito está diante do objeto do desejo, que por não ser especular, escapa a qualquer apreensão da imagem ou representação narcísica. Quando algo surge no lugar da castração imaginária o que sobrevém é a angústia. A puberdade é composta justamente por uma tensão entre a identificação ao ideal do eu que sustentou o ser durante a infância e a parte pulsional do sujeito, que na adolescência singulariza o seu desejo. Essa tensão experimentada na puberdade atesta que algo sempre escapa ao campo narcísico e ressurgue como um sem-sentido. É o real da sexualidade fazendo furo a qualquer especularidade narcísica que sobrevenha do imaginário e suscitando ao sujeito adolescente que, no campo da sexualidade, é preciso testemunhar através do desejo. Obviamente, esse desejo que singulariza o ser do sujeito não virá sem angústia.

Exploramos no terceiro e quarto capítulo desta dissertação duas maneiras com que o sujeito pode lidar com a presença desse objeto na angústia: através do *acting out* e através da passagem ao ato.

Em nosso terceiro capítulo a perspectiva do nosso trabalho começa pela construção de um conceito em que a falha do ato é acatada como apelo e produção do inconsciente, nesse contexto, abordamos o ato falho e o *acting out*. O esquecimento comum a ambos os conceitos determinam a falta do significante na cadeia associativa e o lugar em que a produção inconsciente pode se alojar, permitindo ao sujeito manter-se apartado do objeto da angústia e protegido por sua fantasia inconsciente.

Na passagem ao ato essa falta do significante é obliterada pelo objeto da angústia, no lugar da falta é o objeto *a* que se aloja, não restando o espaço necessário para a produção

inconsciente que acarreta sempre a dúvida sobre o ser e sobre o sentido. É a certeza que se constitui, solidifica-se. Neste momento o sujeito não pensa, apenas tem a certeza que é. É o resto de uma cadeia significante.

Em nosso quarto capítulo continuamos a investigação abordando mais especificamente as operações de constituição do sujeito. A alienação e a separação são operações que determinam o campo do sujeito como uma aliança com o Outro, que impele a uma perda inexorável para ambos os lados. Perde-se parte do ser em nome de um sentido proveniente dessa alienação fundamental ao campo do Outro. Mas é justamente essa alienação a uma identificação primeva que é colocada em questão na puberdade. É a autoridade paterna que amparou o sujeito, enquanto este se constituía, que é interrogada.

O ser e o sentido são testados. Até que ponto o sentido do Outro responde as questões sobre o amor, o sexo e a morte? No momento em que esse real comparece, o sujeito é convocado a responder de um lugar diferente do campo especular. Na adolescência o trabalho do jovem perpetua-se em encontrar uma distância essencial do ideal do eu. Esse trabalho acarreta um ato, na medida em que será apoiado sobre o significante da lei que interdita, ao mesmo tempo que funda seu desejo que o jovem pode se distanciar do ideal de maneira advertida.

Ainda no quarto capítulo trabalhamos sobre a clínica psicanalítica através de três casos clínicos. Sara, Alan e Alex nos demonstraram como diante do seu encontro com a sexualidade, cada um de maneira muito singular pode testemunhar sobre esse conflito. Os três fizeram o seu apelo através do *acting out*, endereçando a sua questão sexual para o Outro. Pois somente através de uma análise, com o seu maquinário de interpretação e transferência, essa questão pode ser endereçada e ressignificada de um ponto de vista que incluía o sujeito adolescente não apenas como aquele que acusa, mas como o sujeito que está incluído na queixa que lhe causa estranheza.

Em cada jovem existe um Júlio César, um sujeito decidido a questionar o sentido colocado por uma lei que o determina. Em todo adolescente pulsa um Rimbaud, um ser dividido pelo desejo e a angústia de lidar com esse sentido do qual padece mas que também o sustenta. O trabalho de uma análise visa ao esvaziamento desse sentido. Atravessá-lo, sem que para isso o jovem precise colocar o seu ser em risco, como observamos na passagem ao ato, onde o rechaço ao ser e ao sentido implicam uma identificação ao lugar de um resto de significação.

Diversos outros pontos poderiam ter servido para orientarem esta dissertação no que se refere aos elementos do ato e da adolescência. Mas esta seleção foi orientada por algumas

máximas lacanianas que nos causaram este trabalho. A articulação pormenorizada destes elementos fica como projeto para um trabalho futuro de doutoramento.

No entanto, cabe ainda registrar uma interpelação, ou talvez lançar a pergunta que poderá servir de orientação para um futuro trabalho. Será que a passagem ao ato na adolescência estaria tão esvaziada de apelo? Será que o conceito de passagem ao ato - tal como inventado por Lacan - quando se refere a adolescência não poderia ser aplicado como uma forma de apelo? Esperamos que a singularidade da clínica nos forneça material de pesquisa para tentar respostas a estas questões.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. (2001) *As paixões do ser: a partir de um caso freudiano*. Estudos e Pesquisas em Psicologia (UERJ) vol. 1, <http://www.revispsi.uerj.br/v1n1/sumariov1n1.html>. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (2004) *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (2009) *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

ANDRÉ, S. (2011) *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

BARROS, M.R.C.R. (1996) Adolescência: quê despertar? *Adolescência: o despertar*. Coleção Kalimeros da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

BARROS, R.R. (1997) Eu ideal, ideal do eu e o resto. *Revista Latusa 1 – Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (2007) Três conferências sobre o supereu. *Revista de Psicologia Plural*. Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Humanas – FUMEC.

BRODSKY, G. (2004) *Shorty story – os princípios do ato analítico*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

BROUSSE- M.H. (1997) A pulsão I. *Para ler o seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (1997) A pulsão II. *Para ler o seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (2008) *Arquivos da biblioteca 5*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (2008) Las femineidades: El Outro sexo entre metáfora y suplencia. *Del édipo a la sexuación*. Buenos Aires: Paidós.

\_\_\_\_\_. (2010) *Revista Entrevários nº 6*. Escola brasileira de Psicanálise – Seção São Paulo. São Paulo: CLIN – a – Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade.

CALDAS, H.; POLLO, V. [orgs]. (1996) *Adolescência: o despertar*. Coleção kalimeros da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Contra capa livraria.

CALDAS, H. (1996) Grafito: o Nome do Nome do Nome. *Adolescência: o despertar*. Coleção Kalimeros da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

\_\_\_\_\_. (1997) Pulsão: amor e ódio. *Os destinos da pulsão: sintoma e sublimação – Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

\_\_\_\_\_. (2007) *Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

CALDAS, H.; MURTA, A; MURTA, C. [orgs]. (2012) *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Belo Horizonte: Scriptum livros.

CHATERLAND, D.S. (2001) Algumas considerações sobre o termo afânise a partir de E. Jones e J. Lacan. *Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, vol. 4 nº 2. Rio de Janeiro.

COHEN, R.H.P.; JACOB, C.A. (2010) O sujeito contemporâneo: um recorte psicanalítico. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, vol. X nº 2. Fortaleza: Universidade de Fortaleza.

COSTA, A. (2001) *Corpo e escrita - Relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará editora.

COTTET, S. (1996) Estrutura e romance familiar na adolescência. *Adolescência: O despertar. Coleção Kalimeros da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro*: Contra Capa livraria.

\_\_\_\_\_. (2011) *Ensaio de clínica psicanalítica – Coleção Opção lacaniana*, vol 8. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

GAGEIRO COUTINHO, L. (2005) A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Pulsional revista de psicanálise*, nº 18. São Paulo: Editora Escuta.

COUTINHO JORGE, M. A. (2000) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan vol. 1 – As bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (2010) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan vol. 2 – A clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

COSTA-MOURA, F. (2008) Função ética do erotismo e adolescência. *A Sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro: Cia de Freud editora.

ELIA, L. (1995) *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Uapê Editora.

\_\_\_\_\_. (2004) *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor.

EVANS, D. (1997) *Diccionario Introductorio de Psicoanálisis Lacaniano*. Buenos Aires: Paidós.

FERRARI, I.F. (2006) Agressividade e violência. *Psicologia clínica*, vol.18, nº2. Rio de Janeiro: Puc- RJ.

FREUD, S. ([1892-1899] 2006) Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol I. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1894/2006). Carta 18. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. I. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_ (1894/2006). Rascunho E – Como se origina a angústia.. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. I. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_ (1895/2006) Projeto para uma psicologia científica. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol I. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_ (1901/2006) A Psicopatologia da vida cotidiana. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol.VI . Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_ (1905/2006) Fragmento da Análise de um caso de Histeria. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1905/2006) Três ensaios sobre sexualidade. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol VII. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_ (1910/2006) Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1910/2006) A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1911/2006) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides). *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XII. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1913/2006) Totem e tabu. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol XIII. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1914/2006) Recordar, repetir e elaborar. *Obras completas de Sigmund Freud*. Edição Standard, vol. XII. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1914/2006) Sobre o narcisismo: uma introdução. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1914/2006) Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XII . Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1915/2006) Os instintos e suas vicissitudes. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1915/2006) A Repressão. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1915/2006) O inconsciente. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV . Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1917/2006) Luto e melancolia. *Obras completas de Sigmund Freud*. Edição Standard, vol. XIV. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1919/2006) O estranho. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_.(1920/2006) Além do princípio de prazer. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII . Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_.(1920/2006) A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. *Obras completas de Sigmund Freud*. Edição Standard, vol. XVIII. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1923/2006) O Eu e o Isso. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol XIX. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1923/2006) A organização genital infantil. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol XIX. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1924/2006) A dissolução do complexo de Édipo. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol XXI. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_.(1925/2006) Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol XIX. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_.(1926/2006). Inibições, sintomas e ansiedade. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XX . Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1930/2006) O mal estar na civilização. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol XXI. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_.(1931/2006) Sexualidade feminina. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol XXI. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_.(1932/2006). Ansiedade e vida instintual. *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXII . Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1932/2012) A feminilidade. *O Feminino que acontece no corpo – A prática da psicanálise nos confins do simbólico - Escola brasileira de psicanálise*. Rio de Janeiro: Scriptum.

\_\_\_\_\_. (1939/2006) Moisés e o monoteísmo - Três ensaios. *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol XXIII. Edição Standard. 1º Ed. Rio de Janeiro: Imago.

JAANUS, M. (1997) A desmontagem da pulsão. *Para ler o seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

LACADÉE, P. (2007) A Passagem ao ato nos adolescentes. *a Sephallus – Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_.(2007) O Despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

\_\_\_\_\_.(2012) A clínica do ato e da língua dos adolescentes. *Revista Responsabilidades*, vol. 1 n° 2, Belo Horizonte.



\_\_\_\_\_.(2008) O púbere em que circula o sangue do exílio e de Um pai. *Revista estudos lacanianos*, Minas Gerais: Programa de pós-graduação em Psicologia UFMG/Scriptum.

\_\_\_\_\_. (1948/1998) A agressividade em psicanálise. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_.(1949/1998) O estádio do espelho. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (1951/1998) Intervenção sobre transferência. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. (1954-55/ 1985) *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (1955/1998) o Seminário sobre “A carta roubada”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (1955-56/1998) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

LACAN, J. (1955-56/1981) *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1956-57/1994) *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1957-58/1998) *O Seminário, livro 5 : as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1958/1998) A significação do falo. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

LACAN, J. (1959-60/1986) *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1960/1998) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (1960/1998) Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (1960/1998) Posição do inconsciente. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (1962-63/2005) *O Seminário, livro 10 : a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1964/1998) Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1964/1985) *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

\_\_\_\_\_. (1966/1998) De nossos antecedentes. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (1966-67) *O Seminário, livro 14: a lógica do fantasma*. Inédito.

\_\_\_\_\_. (1967-68) *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Inédito.

\_\_\_\_\_. (1974/2003) Prefácio a O despertar da primavera. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LAURENT, D. (2004) Retorno sobre a tese de Lacan: o futuro de Aimée. *Ornicar? 1 de Jacques Lacan a Lewis Carroll – Campo freudiano no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

LAURENT, E. (1997) Alienação e separação I. *Para ler o Seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (1997) Alienação e separação II. *Para ler o Seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

LEGUIL, F. (1997) Lembra-se do objeto que vimos, minha alma... *Os destinos da pulsão: sintoma e sublimação*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

MANSO, R. (2005) Mal e Destrutividade. *Actas Freudianas*. Sociedade dos Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora-MG, vol.I, n.1.

MILLER, J.A. (1997) Lacan elucidado: palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_. (2005) Introdução à leitura e referências do Seminário 10. *Opção lacaniana – Revista Brasileira Internacional de psicanálise*. São Paulo.

\_\_\_\_\_. (2005) *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós.

\_\_\_\_\_. (2007) *La angústia – Introducción al Seminario X de Jacques Lacan*. Buenos Aires: Del Nuevo extremo.

\_\_\_\_\_. (2009) Jacques Lacan: Observações sobre o seu conceito de passagem ao ato. *Entrevários – Revista de Psicanálise CLIN-a*. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção São Paulo.

\_\_\_\_\_. (2011) Curso de orientação lacaniana III, 13: l'être e l'Un. Lição de 09/03/2011. Inédito.

MOURA, F.C.; MOURA, R.C. (2011) Objeto *a*: ética e estrutura. *Revista Ágora – vol. XIV*. Rio de Janeiro.

NAPARSTEK, F.A. (2006) Do pai universal ao pai singular. *Latusa, n° 11: para que serve um pai? Usos e versões*. Escola brasileira de psicanálise – Seção Rio de Janeiro.

NOMINÉ, B. (2001) A adolescência ou a queda do anjo. *Marraio, n° 1: da infância a adolescência*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos - Formações Clínicas do Campo Lacaniano.

QUINET, A. (2009) O despertar do adolescente. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

\_\_\_\_\_. (2012) *Os Outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

RABINOVICH, D. (1995) *A significação do falo – uma leitura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud editora.

RECALDE, M. (2008) El edipo femenino: un interrogante freudiano. *Del édipo a la sexuación*. Buenos Aires: Paidós.

\_\_\_\_\_(ORG. 2008) *Púberes y adolescentes: Lecturas lacanianas*. Buenos Aires: Grama ediciones.

RIBEIRO, M.A.C.(1996) Nunca houve história mais bela. *Adolescência: o despertar. Coleção Kalimeros da Escola brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

\_\_\_\_\_(1997) A pulsão e seus destinos. *Os destinos da pulsão: sintoma e sublimação*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

\_\_\_\_\_(2011) Um certo tipo de mulher. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro editora Ltda.

RIEDER, I.; VOIGT, D. (2008) Desejo secretos: a história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud. São Paulo: Companhia das Letras.

RINALDI, D. (1999) *A ética da diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

SADALA, G. (2008) O sexo e o mal-estar na adolescência. *A Sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro: Cia de Freud editora.

SOLLER, C. (1997) O sujeito e o Outro I. *Para ler o Seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_(1997) O sujeito e o Outro II. *Para ler o Seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

\_\_\_\_\_(2012) *Declinações da angústia*. São Paulo: Editora Escuta.

SOUZA, N. S. (2005) A angústia na experiência analítica. *O objeto da angústia*. Rio de Janeiro: 7 letras.

STRATHERN, P (1996) *Descartes em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

SUAREZ, E.S. (2006) Uma normalidade que faz mancha. *Latusa, nº 11: para que serve um pai? Usos e versões. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro*.

TENDLARZ, S.E. (2008) Recorrido del falo en la sexualidad femenina. *Del édipo a la sexuación*. Buenos Aires: Paidós.

\_\_\_\_\_. (1997) Algumas considerações sobre o amor, a paixão e o afeto. *Os destinos da pulsão: sintoma e sublimação*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria.

VIEIRA. M.A. (2001) *A ética da paixão – Uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.

VIEIRA. M.A. (2008) *Restos – Uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.